

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

André Filipe Afonso Gomes

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

jul | 2022

GUARDA
POLI
TÉCNICO



POLI TÉCNICO GUARDA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

**O REFERENCIAL DE EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO (RED)
COMO ELEMENTO PROMOTOR DE CIDADANIA E VALORES**

RELATÓRIO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CEB

André Filipe Afonso Gomes
Junho / 2022

POLI TÉCNICO GUARDA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

O RED como elemento promotor de cidadania e valores

RELATÓRIO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CEB

Professora Orientadora: Elisabete Batoco Constante de Brito

André Filipe Afonso Gomes

Junho / 2022

“A Educação não transforma o Mundo, a Educação muda pessoas. Pessoas transformam o Mundo”.

Paulo Freire

Índice Geral

Agradecimentos.....	vii
Resumo.....	viii
Abstract	ix
Índice de Figuras	x
Índice de Tabelas e Gráficos	xii
Índice de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xiii
Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento Institucional.....	3
1.Caracterização do Meio.....	4
1.1.Localização Geográfica.....	4
1.2.Contexto Histórico	5
1.3.Património Histórico	6
1.4.Património Cultural	7
1.5.Educação	7
2.Caracterização do Jardim de Infância das Panóias.....	9
2.1.Caracterização da Sala de Atividades	11
2.2.Caracterização do Grupo.....	14
2.3.Importância das rotinas na Educação Pré-Escolar.....	16
3.Caracterização da Escola Básica do Espírito Santo	18
3.1.Recursos Físicos e Humanos.....	18
3.2.Caracterização da Sala de Aula.....	20
4.Caracterização da Turma.....	22
4.1.Identificação do público-alvo: pelo género	23
4.2.Identificação do Público-Alvo: por idade	23
Capítulo II: A Prática de Ensino Supervisionada	25
1.A Prática de Ensino Supervisionada	26
1.1.Enquadramento Legal e Institucional.....	26
1.1.1.Áreas Curriculares da Educação Pré-Escolar.....	28
1.1.2.Áreas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico	29
2.Experiências de ensino e aprendizagem no âmbito da PES	30
2.1.A experiência pedagógica no contexto da educação pré-escolar	30
2.1.1. Área da Formação Pessoal e Social.....	30
2.1.2. Área da Expressão e Comunicação	32
2.1.3. Área do Conhecimento do Mundo	38
2.2.A experiência pedagógica no contexto do 1.º CEB.....	42
2.2.1. Português.....	42

2.2.2.	Matemática.....	44
2.2.3.	Estudo do Meio	45
2.2.4.	Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica.....	49
3.	Reflexão Final da Prática de Ensino Supervisionada.....	53
	Capítulo III: O RED como elemento promotor de cidadania e valores	57
1.	Enquadramento Teórico	58
2.	Âmbito do Estudo	63
3.	Metodologia	65
4.	Procedimentos e análise de dados	69
5.	Conclusões do estudo.....	85
6.	Recomendações e Sugestões	87
	Conclusão Geral	88
	Referências Bibliográficas	90
	Anexos.....	94
	Apêndices.....	120

Agradecimentos

Nesta fase importante da minha vida acadêmica, prestes a concluir o mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º CEB, preparando-me para a futura vida profissional enquanto educador de infância e professor do 1.º CEB, quero agradecer a todos os que acreditaram em mim, nas minhas potencialidades, mesmo quando eu próprio não acreditava ser capaz.

Em primeiro lugar, deixo um profundo agradecimento aos meus pais por me darem muita força ao longo desta longa caminhada, que nem sempre foi fácil, com muitos altos e baixos, mas sempre estiveram lá, presentes em todos os momentos de maior importância na minha vida acadêmica. Agradeço ainda a paciência e o amor que sempre demonstraram comigo, mesmo quando me sentia a ir abaixo, quando me sentia incapaz de continuar esta jornada, quando me sentia derrotado ou desmoralizado. Foram eles que estiveram sempre presentes e me deram ânimo para ganhar coragem e força para alcançar com sucesso os meus objetivos. Ainda neste sentido agradeço aos meus pais pelas viagens longas e diárias que fazíamos desde a nossa aldeia até ao IPG.

Em seguida, agradeço à minha avó por ser um grande apoio e uma fortaleza nos momentos de maior adversidade, tendo sempre as palavras certas, mesmo quando eu não as queria escutar.

Agradeço, ainda, aos meus familiares mais próximos, que sempre acreditaram no meu potencial, deram-me força e ânimo para concluir este curso, mesmo sabendo que não era a opção inicial, mas sempre estando ao meu lado, em todas as decisões.

Agradeço, também, a todas as pessoas amigas que sempre me apoiaram e foram autênticos catalisadores de positivismo, mesmo nos momentos de maior provação. Fico eternamente grato ainda pela paciência e tolerância em escutarem as minhas peripécias e todas as situações (positivas e negativas) vivenciadas ao longo desta caminhada de cinco anos (licenciatura e mestrado).

Deixo ainda o meu agradecimento a alguns docentes que foram apoios e excelentes motivadores durante o meu percurso académico, muitos deles que me deram conselhos quando mais precisei, mesmo mostrando-me relutante em escutá-los.

Por fim agradeço à minha orientadora pela paciência, motivação e pelo empenho que sempre promoveu, a fim de ter sucesso em alcançar os meus objetivos. Foi de quem recebi muita força, garra e determinação para não desistir durante esta etapa, permitindo-me alcançar os meus objetivos e chegar o mais longe possível.

A TODOS MUITO OBRIGADO!!!

Resumo

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada foi elaborado para obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda.

A Prática de Ensino Supervisionada I, em contexto da educação pré-escolar, foi realizada no Jardim de Infância das Panóias, pertencente ao Agrupamento de Escolas da Sé, com um grupo de crianças com idades entre os 3-5 anos. A Prática de Ensino Supervisionada II, em contexto do 1º Ciclo, foi concretizada na Escola Básica do Espírito Santo, pertencente ao agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque, com uma turma do 4.º ano, ou seja, alunos com idades entre os 9-10 anos. Neste documento encontram-se as duas experiências de práticas de ensino supervisionada desenvolvidas e a conseqüente reflexão crítica e fundamentada das mesmas.

Neste trabalho, é também apresentado um pequeno estudo empírico que pretende perceber o modo com o Referencial da Educação para o Desenvolvimento (RED) contribui, enquanto documento orientador e de trabalho de temáticas como a Pobreza e Desigualdades, a Paz e a Cidadania Global, para a promoção e desenvolvimento da educação para a cidadania ativa e para os valores nas crianças.

Metodologicamente foi realizada uma investigação-ação, com recurso à observação direta e indireta, tendo o registo das observações sido feito em grelhas previamente pensadas e elaboradas pelo professor-estagiário. A par disso, solicitou-se a auto avaliação a cada aluno, sobre as atividades realizadas.

Os resultados obtidos revelam o quanto é fundamental que estas temáticas sejam trabalhadas em contexto de sala de aula, aumentando a consciencialização das crianças para as mesmas.

Palavras-Chave: Prática de Ensino Supervisionada, Referencial da Educação para o Desenvolvimento, Cidadania Ativa, Valores.

Abstract

This Supervised Teaching Practice report was prepared to obtain a master's degree in Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education, taught at the Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, of the Polytechnic Institute of Guarda.

The Supervised Teaching Practice I, in the context of pre-school education, was carried out in the Kindergarten of Panóias, belonging to the Agrupamento de Escolas da Sé, with a group of children aged between 3-5 years. The Supervised Teaching Practice II, in the context of the 1st Cycle, was carried out at the Escola Básica do Espírito Santo, belonging to the Afonso de Albuquerque group of Schools, with a 4th grade class, that is, students aged between 9- 10 years. In this document are expressed the two practices of supervised teaching developed and the consequent critical and reasoned reflection of them.

In this work, a small empirical study is also presented that intends to perceive how the Educational Framework for Development contributes, as a guiding and working document on themes such as Poverty and Inequalities, Peace and Global Citizenship, to the promotion and development of education for active citizenship and values in children.

Methodologically, an action-research was carried out, using direct and indirect observation, and the observations were recorded in grids previously thought out and prepared by the trainee teacher. In addition, each student was asked to self-assess the activities carried out.

The results obtained reveal how fundamental it is that these themes are worked in the classroom context, increasing children's awareness of them.

Keywords: Supervised Teaching Practice, Educational Framework for Development, Active Citizenship, Values.

Índice de Figuras

Figura.1: Mapa do concelho da Guarda	5
Figura.2: Estátua de D. Sancho I, “o Povoador”	5
Figura 3: Sé Catedral da Guarda	6
Figura 4: Capela de Nossa Senhora do Mileu, Igreja da Misericórdia e Chafariz de Santo André	6
Figura 5: Logótipos dos agrupamentos de escolas da cidade da Guarda	8
Figura 6: Campus do IPG.....	8
Figura 7: Localização geográfica e brasão da aldeia de Panóias de Cima	9
Figura 8: Instalações do Jardim de Infância das Panóias	10
Figura 9: Perspetivas do interior da sala de atividades	12
Figura 10: Planta da sala de atividades	13
Figura 11: Rotinas diárias do jardim de infância	17
Figura 12: Escola Básica do Espírito Santo	19
Figura 13: Perspetiva da sala de aula do 4º Ano	20
Figura 14: Planta da sala de aula.....	21
Figura 15: Dioramas com as três raças.....	32
Figuras 16 e 17: Atividade “Teia das Emoções”	32
Figura 18: Hora do Conto ao redor da almofada.....	33
Figura 19: Jogo dos flocos de neve	34
Figura 20: Crianças recortam e decoram as suas estrelas.....	35
Figura 21: Resultado final da atividade “Janela dos Sonhos”	35
Figura 22: Máscaras picotadas pelas crianças da obra “O Cuquedo”	36
Figura 23: Ensaios das Janeiras.....	36
Figura 24: Desafio do limbo e passagem das crianças por baixo do cordel.....	37
Figura 25: Ensaio da peça “O Cuquedo”	37
Figura 26: Jogo da Pesca com o Barco	38
Figura 27: Atividade “Silhueta Humana”	39
Figura 28: Apresentação da BD “O Primeiro Natal”	40
Figura 29: Crianças brincam com um jogo de construção	40
Figura 30: História-cordel e reconto da obra “O beijo da palavrinha”.....	43
Figura 31: Exercícios resolvidos por um aluno.....	44
Figura 32: Exemplo de trabalho de ilustração das atividades experimentais com a água.....	47
Figura 33: Trabalhos plásticos sobre os tipos de costa portuguesa: arriba, baía, promontório e praia, respetivamente.....	48
Figura 34: Exemplo de uma BD criada por um aluno do 4º ano.....	50
Figura 35: Atividade “Um símbolo, uma mensagem!”	51
Figura 36: Composições primaveris realizadas pelos alunos	51

Figura 37: Laços elaborados pelos alunos.....	70
Figura 38: Observação da primeira atividade.....	71
Figura 39: 1º momento da atividade “Atitudes Corretas vs Atitudes Incorretas”	74
Figura 40: 2º momento da atividade “Paz vs Guerra”.....	75
Figura 41: 3º momento da atividade “Um símbolo, uma mensagem!”	75
Figura 42: Observação da segunda atividade	76
Figura 43: 1º momento da atividade 3 “Cartaz do Mundo”	79
Figura 44: 2º momento da atividade: exemplo de uma descrição feita por uma aluna do 4.º ano	80
Figura 45: Observação da terceira atividade	81

Índice de Tabelas

Tabela 1: Número de alunos do 4.º ano, por género	23
Tabela 2: Número de alunos do 4.º Ano, por idade.....	24
Tabela 3: Observação direta do professor estagiário sobre a atividade 1.....	71
Tabela 4: Registo das Respostas dadas pelos alunos no momento de auto avaliação da atividade 1.....	73
Tabela 5: Observação direta do professor estagiário sobre a atividade 2.....	77
Tabela 6: Registo das Respostas dadas pelos alunos no momento de auto avaliação da atividade 2.....	78
Tabela 7: Observação direta do professor estagiário sobre a atividade 3.....	82
Tabela 8: Registo das Respostas dadas pelos alunos no momento de auto avaliação da atividade 3.....	83

Índice de Gráficos

Gráfico n.º 1: Observação do professor estagiário na atividade 1.....	72
Gráfico n.º 2: Observação do professor estagiário na atividade 2.....	77
Gráfico n.º 3: Observação do professor estagiário na atividade 3.....	82

Índice de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

1.º CEB - Ciclo do Ensino Básico

ACSFANOIAS – Associação Cultural e Social da Freguesia de Panóias

AES - Agrupamento de Escolas da Sé

AEAA - Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque

ATL - Atelier de Tempos Livres

BD - Banda Desenhada

CAF - Centro de Apoio às Famílias

CATL - Componente de Atividades de Tempos Livres

DGS - Direção Geral de Saúde

EB - Educação Básica

FPS - Formação Pessoal e Social

GFUC – Guia de Funcionamento da Unidade Curricular

GM - Geometria e Medida

GNR - Guarda Nacional Republicana

IPG - Instituto Politécnico da Guarda

IPP - Iniciação à Prática Profissional

JI - Jardim de Infância

LO - Linguagem Oral

ME - Ministério da Educação

NO - Números e Operações

OCEP 1.º CEB - Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OTD - Organização e Tratamento de Dados

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PMCMEB - Programas e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico

PMCPEB - Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico

PNL - Plano Nacional de Leitura

RED - Referencial da Educação para o Desenvolvimento

RTP – Rádio Televisão Portuguesa

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

TMG - Teatro Municipal da Guarda

Introdução

O presente relatório de estágio de Prática de Ensino Supervisionada (PES) marca o culminar de cinco anos de estudo no ensino superior (três de licenciatura e dois de mestrado). Trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda (ESECD) do Instituto Politécnico da Guarda (IPG).

Consideramos a prática profissional como um momento de aprendizagem, durante o qual existe a possibilidade de contactar com a realidade educativa, permitindo aplicar e consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso teórico *in loco*. Neste sentido, a PES é uma componente imprescindível, tanto por proporcionar um primeiro contacto com a prática daquela que será a nossa profissão, como para a obtenção e desenvolvimento de competências profissionais que dificilmente poderiam ser adquiridas, apenas, em aulas teóricas.

A PES é assumida como um período de oportunidades de experimentação, de metodologias e estratégias no âmbito do processo de ensino e de aprendizagem. É uma etapa em que podemos obter e melhorar competências tendo em conta as características e necessidades do grupo de crianças com as quais temos a oportunidade de trabalhar, proporcionando-lhes situações e momentos ricos em aprendizagens, construção de saberes e conhecimentos diversos.

Este relatório tem, assim, por objetivo demonstrar as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de atividades/aula, contextualizadas pelas características dos grupos/turma e dos estabelecimentos de ensino onde cada PES se realizou. Assim, encontra-se organizado em três capítulos que se completam.

A PES I realizou-se em contexto da Educação Pré-Escolar, nomeadamente o jardim de infância das Panóias, pertencente ao Agrupamento de Escolas da Sé (AES), sob a orientação da educadora Ema Versos, com um grupo de crianças dos 3 aos 5 anos, e a PES II, realizada no 1.º Ciclo de Ensino Básico (CEB), na Escola Básica do Espírito Santo, pertencente ao Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque (AEAA), com uma turma de 4.º ano, sob a orientação do professor Emanuel Pinto.

O capítulo I, denominado de Enquadramento Institucional, diz respeito à caracterização do meio envolvente, dos estabelecimentos educativos e à caracterização psicopedagógica e socioeconómica dos grupos onde foram realizadas a PES I e PES II.

No capítulo II, designado de Experiência na Prática de Ensino Supervisionada, é feita a descrição da PES, refletindo o percurso realizado nos dois contextos formais, Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

No capítulo III foi desenvolvida uma investigação empírica com a finalidade de compreender a pertinência do uso do Referencial para a Educação e Desenvolvimento (RED), em contexto de sala de aula, como ferramenta para a aquisição de aprendizagens ativas e significativas, com o intuito de educar as crianças para a cidadania ativa e os valores.

Com esse objetivo, foram utilizados dois documentos fundamentais nos quais assenta a base de grande parte da revisão da literatura: o Referencial para a Educação e Desenvolvimento (RED) e o projeto Global Schools, publicado pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Neste contexto, ambos os documentos visam a melhor compreensão e a aplicação, em contexto de sala de aula, de atividades inerentes a um conjunto de seis temas, nomeadamente: Desenvolvimento; Cidadania Global; Paz; Interdependências e Globalização; Pobreza e Desigualdades e Justiça Social.

Contudo, no âmbito desta dissertação, por limitações de tempo, apenas foram exequíveis algumas atividades direcionadas a três dos seis temas: Pobreza e Desigualdades, Paz e Cidadania Global, com o objetivo de promover “a consciencialização e a compreensão das causas dos problemas do desenvolvimento e das desigualdades a nível local e mundial, num contexto de interdependência e globalização, com a finalidade de promover o direito e o dever de todas as pessoas e de todos os povos a participarem e contribuírem para um desenvolvimento integral e sustentável” (Torres *et. al.*, 2016, p.5),

Neste trabalho apresentam-se, ainda, as metodologias aplicadas em contexto prático e, conseqüentemente, a análise dos respetivos dados recolhidos. O trabalho foi essencialmente assente na observação direta e indireta por parte do professor-estagiário, tendo também sido aferido através da auto avaliação de cada aluno sobre as práticas aplicadas. Finaliza-se o trabalho com uma reflexão geral, na qual se referem também as limitações do estudo, mas também os benefícios do uso do mesmo documento em contexto de sala de aula.

Capítulo I

Enquadramento Institucional

1. Caracterização do Meio

Neste primeiro capítulo apresenta-se uma breve descrição da cidade da Guarda, bem como dos locais onde foi executada a PES I e II, dos locais de estágio e respetivos estabelecimentos de ensino, tal como dos grupos de crianças com a qual foi possível executar as atividades propostas durante a PES.

Tal como foi mencionado, os estabelecimentos de ensino (Jardim de Infância das Panóias e Escola Básica do Espírito Santo) onde foram realizadas as PES, pertenciam ambas a dois locais da Guarda. De modo a complementar esta informação, Fernandes (2009, citado por Oliveira, 2016, p.26) afirma que as

escolas são instituições imprescindíveis para o desenvolvimento e para o bem-estar das pessoas, das organizações e das sociedades. É nas escolas que a grande maioria das crianças e dos jovens aprendem uma diversidade de conhecimentos e competências que dificilmente poderão aprender noutros contextos. Por isso mesmo elas têm que desempenhar um papel fundamental e insubstituível na consolidação das sociedades democráticas baseadas no conhecimento, na justiça social, na igualdade, na solidariedade e em princípios sociais e éticos irreprensíveis.

Também há que dar especial destaque ao papel preponderante dos estabelecimentos de ensino como forma de promover a aprendizagem da criança.

Segundo Picanço (2012, p.15) citado por Pires (2018, p.5) a

“escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva que deverá existir a 100% em casa. É na escola que se deve conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Na escola deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas e respeito ao próximo”.

1.1. Localização Geográfica

O distrito da Guarda encontra-se inserido na região da Beira Alta, região Centro, muito próxima da Serra da Estrela. A cidade encontra-se a 1056 metros de altitude, motivo pela ficou designada como sendo a “cidade mais alta de Portugal”. O concelho é ainda constituído por 54 freguesias. O município da Guarda apresenta 712,1 km² de área e 42 541 habitantes, considerando

todo o município, mas composta apenas por 26 565 habitantes, quando falamos em perímetro urbano.



Figura.1: Mapa do concelho da Guarda

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/9480263@N02/3762947285>, 31 jul/2021

1.2. Contexto Histórico

A origem do nome da cidade da Guarda remonta ao período da romanização da Península Ibérica, sendo que a sua designação original era Egitânia, uma vez que os primeiros povos que habitaram esta mesma região foram os lusitanos ou egitânios. A par destes, também os romanos povoaram a mesma região.

A atribuição da Carta de Foral aconteceu a 27 de novembro de 1199, promulgada pelo rei D. Sancho I, “O Povoador”, motivo pela qual a data passou a ser celebrada como efeméride anual, tornando-se no seu feriado municipal.



Figura.2: Estátua de D. Sancho I, “O Povoador”

Fonte: Freguesia da Guarda *in* <https://fg.secure.force.com/fgF>, 31 jul/2021

A cidade da Guarda tem como orago, Nossa Senhora da Assunção, a quem foi dedicada a Sé Catedral, edificada no final do século XIV.



Figura 3: Sé Catedral da Guarda

Fonte: Portuguese Eyes by Vítor Oliveira in <https://www.feriasemportugal.com/guarda>, 31 jul/2021

1.3. Património Histórico

A cidade da Guarda é rica em construções arquitetónicas e arqueológicas, que manifestam a passagem dos tempos e os diferentes períodos da história nacional, desde a romanização aos tempos modernos.

Dentro de um vasto conjunto de monumentos há que dar especial destaque à Sé Catedral de Nossa Senhora da Assunção; Igreja de Misericórdia; Igreja de São Vicente; Torre de Menagem; Portas do Sol, Del Rei, Falsa e da Erva; Torre dos Ferreiros, Solar dos Póvoas; Muralhas da cidade; Pelourinho; Paços do Concelho; Paço Episcopal; Capela de Nossa Senhora do Mileu; Alameda e Chafariz de Santo André; etc.



Figura 4: Capela de Nossa Senhora do Mileu, Igreja da Misericórdia e Chafariz de Santo André

Fonte: Freguesia da Guarda in <https://fg.secure.force.com/fgF>, 31 jul/2021

Através de uma visita cuidada a cada um dos monumentos acima mencionados, a cidade da Guarda compreende que esta é uma cidade histórica, marcada pelo sinal dos tempos, com especial destaque para o centro histórico.

1.4. Património Cultural

Relativamente ao património cultural, a Guarda também oferece uma panóplia de espaços recreativos, associativos, desportivos e culturais, onde podem ser realizadas as mais variadas tarefas e atividades, sejam elas de lazer, cultura, música, prática desportiva, aventura e exploração do ambiente natural.

Alguns dos espaços que merecem uma visita atenta, também pela oferta dos programas ocorridos ao longo do ano são: o Teatro Municipal da Guarda (TMG); Museu da Tecelagem; Museu da Guarda; o Cabeço das Fráguas; Grupo Desportivo e Recreativo das Lameirinhas; entre muitos outros.

Há ainda a ressaltar o papel preponderante do património envolvente para a promoção do turismo e da economia, sobretudo a nível local.

1.5. Educação

A cidade da Guarda oferece uma vasta e rica oferta educativa, quer no que diz respeito ao ensino público, quer ao ensino privado.

Possui dois Agrupamentos (Figura 5), o Agrupamento de Escolas da Sé (AES) e o Agrupamento Afonso de Albuquerque (AAA), que concentram em si estabelecimentos de ensino desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário.

Devo salientar que ambos os agrupamentos estiveram presentes na PES, uma vez que os dois estabelecimentos de ensino pertenciam a ambos agrupamentos. Assim sendo, o Jardim de Infância de Panóias de Cima, onde foi implementada a PES I insere-se no Agrupamento de Escolas da Sé. Já a Escola Básica do Espírito Santo, onde foi feita a PES II insere-se no Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque.

Importa ainda referir que estes agrupamentos têm um regulamento interno próprio, com normas e diretivas sobre a prática pedagógica por eles implementada.

Estes têm ainda um protocolo com o Instituto Politécnico da Guarda (IPG), onde são oferecidas regalias aos docentes que aceitam estagiários, mas há que dar especial destaque às metodologias aplicadas, dando a possibilidade de tornar exequível a PES.



Figura 5: Logótipos dos Agrupamentos de Escolas da cidade da Guarda

Fonte: <https://www.aeaag.pt/>, 2 ago/2021

Também é pertinente salientar a presença do ensino superior, através do IPG, que oferece, a jovens e adultos da região ou de outros pontos do país, um grande conjunto de oportunidades de cursos (licenciaturas, mestrados e CTeSP).



Figura 6: Campus do IPG

Fonte: Instituto Politécnico da Guarda in <http://www.ipg.pt/>, 2 jul/2021

2. Caracterização do Jardim de Infância das Panóias

O Jardim de Infância das Panoias encontra-se sediado na aldeia das Panóias de Cima, no concelho da Guarda. O mesmo pertence ao Agrupamento de Escolas da Sé, sendo que o estabelecimento é constituído por duas partes: Creche, no piso inferior e Jardim de Infância, no piso superior. Note-se, que o Jardim de Infância se encontra ainda anexado à Associação Cultural e Social da Freguesia de Panóias (ACSFPANOIAS).



Figura 7: Localização Geográfica e Brasão da aldeia de Panóias de Cima

Fonte: Jimdo Guarda in <https://populacaodeguarda.jimdofree.com/as-freguesias/panoias-de-cima/>, 22 jun/2021

O Jardim de Infância das Panóias pode ser caracterizado como um espaço agradável, com excelentes condições, quer a nível das instalações, quer a nível do ambiente vivido nos diferentes espaços da comunidade escolar. Este é constituído por um berçário, um salão no piso inferior, onde se encontra também um pequeno refeitório; uma sala de atividades (para o grupo de crianças com idades entre os 3-5 anos, ao cuidado da educadora Ema Mateus); uma sala de lazer para as crianças; duas casas de banho (uma das quais junto à sala de atividades); um pequeno dormitório e despensa onde se encontram os pertences dos adultos.

Saliente-se a importância de uma instituição que seja aprazível, tanto a crianças, como ao corpo docente e não docente que aí trabalha, de modo que todos se sintam bem nesse local, proporcionando as condições necessárias ao processo de aprendizagem. É essencial que “o ambiente educativo [seja] facilitador do processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas e cada uma das crianças, de desenvolvimento profissional e de relações entre os diferentes intervenientes” (Silva *et. al.*, OCEPE, 2016, p.6).



Figura 8: Instalações do Jardim de Infância das Panóias, anexo à Associação Cultural e Social da Freguesia de Panóias de Cima

Fonte: ACSFPANOIAS in <https://www.associacaofreguesiadepanoias.pt/>, 22 jun/2021

Neste contexto, as crianças usufruem ainda de um espaço de refeições (cantina) pertencente a esta mesma associação, mas também de espaço de Centro de Atividades e Tempos Livres, Componente de Apoio à Família (CAF), Centro de Dia e ainda, um Serviço de Apoio Domiciliário (SAD).

É ainda fundamental reforçar que este local é um ponto de encontro entre as crianças que frequentam o Jardim de Infância com as crianças que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), na freguesia do Barracão.

Mais ainda, a associação permite o alargamento do horário escolar dos educandos, pois após o término das atividades no jardim de infância ou na escola, podem encontrar-se, conviver e brincar. Neste sentido, a ocupação dos educandos no espaço de CATL permite a segurança dos mesmos, uma vez que a maior parte dos familiares das crianças trabalham até mais tarde, em horários posteriores ao encerramento das atividades letivas. Importa ainda referir que aqui também se asseguram cuidados de saúde e a alimentação das crianças, durante a permanência no interior do estabelecimento.

Por fim, a associação, em consonância com a Creche e o Jardim de Infância possui um espaço de CAF, permitindo assim a participação ativa das famílias na vida das crianças.

2.1. Caracterização da Sala de Atividades

A sala do grupo de crianças dos 3 aos 5 anos é um espaço devidamente estruturado e organizado, o que é de extrema importância, visto que a organização do espaço educativo “constitui o suporte do desenvolvimento curricular”, sendo as “formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender” (Silva *et. al.*, 2016, p.26).

Assim sendo, a sala de atividades deve fornecer à criança todos os meios possíveis para que possa aprender de forma, autónoma e significativa.

Neste contexto, enfatiza-se a importância de um espaço arrumado e organizado, existente no JI, não apenas para o desenvolvimento da criança a nível cognitivo, como também a nível pessoal, dado que se irão incutir regras para a sua construção enquanto ser independente.

É crucial “que o/a educador/a reflita sobre as oportunidades educativas que esse ambiente fornece” e que “planeie essa organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças, introduzindo os ajustamentos e correções necessárias” (Silva *et. al.*, 2016, p.21). Há que salientar a pertinência deste trabalho feito pela educadora ao longo de todo o ano letivo.

Consequentemente, referimos que esta sala estava organizada de um modo dinâmico, fazendo corresponder as suas funções e finalidades à sua utilização. Desta forma, estava subdividida em diferentes zonas:

- Mini biblioteca;
- Casinha de brincar;
- Zona de jogos didáticos e brinquedos;
- Zona de arrumação e materiais plásticos;
- Zona de jogos de construção;
- Atelier das artes;
- Modelo do corpo humano;
- Computador e material da educadora.

É de enfatizar que, para além da organização destes espaços, as paredes da sala se encontravam com informação didática exposta de um modo lúdico e atrativo. Dentro da sala de atividades, afixados nas paredes, existem ainda inúmeros materiais e locais de aprendizagem, dos quais se destacam os seguintes:

- Números de 1 a 10;

- Cinco Vogais: A, E, I, O e U;
- Mapa de Portugal;
- Corpo humano;
- Placares para desenhos e fichas;
- Árvore de outono;
- Roupa de inverno;
- As nossas canções;
- Quadro Branco: tabela dos dias da semana;
- Figuras geométricas;
- Adivinhas;
- Tamanhos: maior, médio e menor.

Para concluir, saliente-se que à medida que as crianças iam evoluindo e desenvolvendo as suas capacidades cognitivas, o espaço evoluía também, adaptando-se às necessidades do grupo. A boa iluminação da sala também contribuía para um clima propício à aprendizagem e ao bem-estar.



Figura 9: Perspetivas do interior da Sala de Atividades
Fonte: Própria

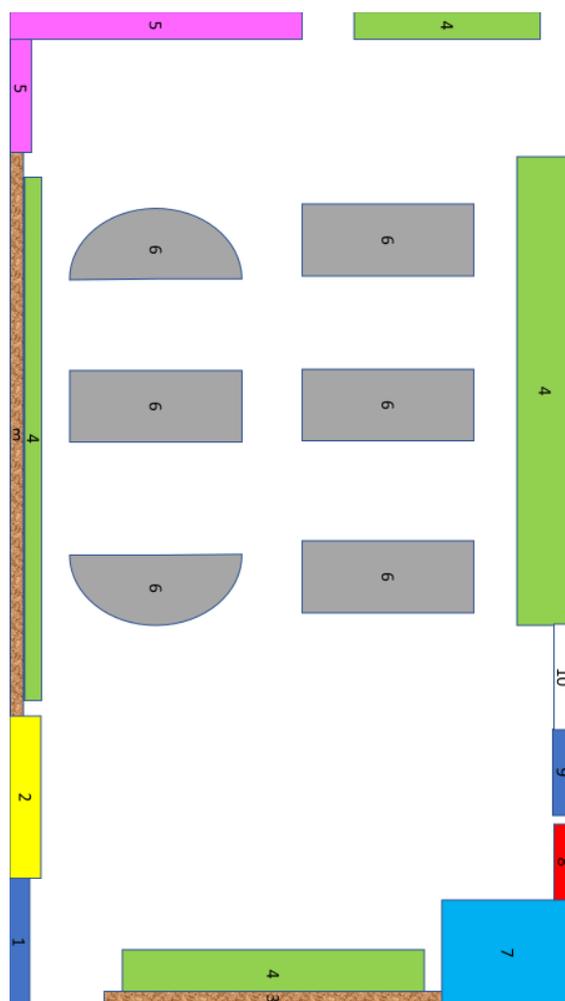


Figura 10: Planta da Sala de Atividades
 Fonte: Própria

(Legenda: 1-Entrada; 2-Atelier das Artes; 3-Placards de cortiça; 4-Zona de Arrumação dos Jogos Lúdico-Didáticos e Livros; 5-Casinha das Bonecas; 6-Mesas de trabalho; 7-Zona da Educadora; 8-Quadro dos contactos e de identificação das crianças; 9-Porta de acesso ao exterior; 10-Quadro Branco)

2.2. Caracterização do Grupo

O grupo com o qual foi concretizada a Prática de Ensino Supervisionada I (PES I), no ano letivo de 2020-2021, era constituído por um grupo de 14 crianças, 7 rapazes e 7 raparigas, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade, estando sob a orientação da educadora Ema Mateus, principal responsável, apoiada por uma educadora de apoio, Ana Aragão e uma auxiliar educativa, Maria da Purificação.

Do ponto de vista do desenvolvimento da criança, este grupo encontra-se na Segunda Infância (Piaget, 1970, citado em Tavares *et. al.*, 2007). Trata-se de um momento em que a criança:

não adquire apenas mais capacidades e informação, como também passa por mudanças significativas na forma como pensa e atua. Com cinco anos já é bastante diferente da criança de dois anos. (...) Neste período, a generalidade das crianças passa a maior parte do tempo a brincar, adquirindo novas capacidades, ideias e valores cruciais para o seu desenvolvimento. Assim, é difícil imaginar uma criança neste período sossegada, com um pensamento lógico e totalmente coerente ou a agir realisticamente (Tavares *et. al.*, 2007, p.51).

No que concerne ao desenvolvimento cognitivo, segundo Piaget (1970), mencionado em Tavares *et. al.* (2007), neste período da vida, a criança encontra-se no estágio Pré-Operatório, que se traduz na inteligência representativa, no egocentrismo intelectual, na presença do pensamento mágico e da função simbólica através de um determinado tipo de linguagem, o jogo simbólico e o desenho e, por fim, pelo pensamento intuitivo.

Piaget (1970), citado em Tavares *et. al.* (2007, p.52) refere ainda que no estágio Pré-Operatório a criança ainda não desenvolveu o uso dos princípios lógicos do pensamento, representando objetos ou ações por símbolos. “Por exemplo, ao falar, ao brincar ao faz-de-conta ou ao desenhar, esta exerce a função simbólica, uma vez que vai representar uma coisa por outra.”

Mais ainda, no estágio Pré-Operatório, o pensamento da criança além de mágico é intuitivo, não sendo capaz de perceber as transformações ocorridas entre dois espaços de tempo, mesmo que essa transformação seja em frações de segundos. Tal como preconizam Sprinthall e Sprinthall (1993, p.106) “as crianças pré-operatórias não se preocupam particularmente com a precisão, mas deliciam-se a imitar sons e a experimentar dizer muitas palavras diferentes”.

Pode dizer-se que o grupo, em geral, estava bastante desenvolvido, uma vez que já possuía algumas capacidades no que se refere ao domínio da Oralidade e da Escrita, considerando que a

maioria já sabia ler pequenas palavras de duas sílabas, reconhecendo os seus sons e, também mostram alguma apetência para o domínio das Expressões Artísticas.

Note-se, contudo, que nem todas as crianças estão no mesmo parâmetro de desenvolvimento cognitivo, não só porque existem algumas crianças que faltam com alguma frequência, mas, também, devido às consequências provocadas pela pandemia da Covid-19, trazendo efeitos negativos na aprendizagem, resultantes do confinamento. Alguns deixaram de cumprir algumas regras básicas, perderam alguns conhecimentos já adquiridos, mas também noções básicas associadas a algumas atividades feitas anteriormente a esse período.

Quanto ao domínio social podemos referir que todas se relacionavam com normalidade, aceitando as diferenças umas das outras, mesmo que por vezes pareça difícil. Também se podem caracterizar como crianças amigáveis, afáveis e de fácil relacionamento, sendo necessário entender os seus modos de agir e pensar. Este facto deve-se ao excelente trabalho feito pela educadora com o grupo, desde o início do ano letivo, onde se deu maior destaque a temáticas como a afetividade e a amizade.

Tendo por base as perspetivas do desenvolvimento psicossocial da criança, no estágio pré-operatório, verifica-se um desenvolvimento social da criança, o qual é um “processo é complexo, englobando altos e baixos nos relacionamentos interpessoais desenvolvidos, bem como nos efeitos cumulativos das situações que vai vivenciando” (Tavares *et. al.*, 2007, p.55).

Os mesmos autores referem que, neste período, os sentimentos e emoções da criança são vividos à “flor da pele”, uma vez que é confrontada com situações constantes que o demonstrem, como nas relações familiares, as relações com colegas e educadores e, com o meio social envolvente. Aqui referimo-nos aos conflitos que surgem entre crianças, e por vezes entre educador/a e criança.

2.3. Importância das rotinas na Educação Pré-Escolar

A implementação de uma rotina no dia a dia da criança é crucial, tendo esta de ser bem planeada pelo/a educador/a, para que possa ser reconhecida pelas crianças, de maneira que saibam o que podem fazer nos diversos momentos do dia, prevendo a sua sucessão. Tal situação ir-lhes-á conferir uma certa liberdade na realização das tarefas, aperfeiçoando-as a cada dia que passa e modificando-as conforme o seu desenvolvimento (Silva *et. al.*, 2016).

Segundo Zabalza (1998, p.169) a rotina é a “repetição de atividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala”. Para Formosinho (citado em Lino, 1998, p.71), “desenvolver uma rotina é transformar o tempo num tempo de experiências educacionais ricas em interações positivas” e, complementando estes conceitos, acrescentamos a posição de Lino, que refere a rotina como uma “organização do tempo de forma a proporcionar às crianças oportunidades de estabelecer diferentes tipos de interação” (Lino, 1998, p.112).

Corroborando estas afirmações, salientamos que a rotina acabará por se tornar “algo constante, estável e previsível para a criança” (Zabalza, 1998, p.169), transmitindo-lhe segurança, pois permite que ela saiba de antemão o que irá acontecer a seguir, conferindo-lhe confiança, tranquilidade, controlo e bem-estar.

Saliente-se ainda que a implementação de uma rotina é fundamental por ser “um marco de referência que, quando é apreendido, dá uma grande liberdade de movimentos, tanto às crianças como ao educador” (Zabalza, 1998, p.169), facilitando a perceção de sequência temporal, aprendendo a existência de etapas ao longo do dia.

O desenvolvimento das competências sociais das crianças é também fomentado, uma vez que a rotina as ajuda a tornarem-se responsáveis “no ambiente educativo, construindo comportamentos e atitudes com um sentido gradualmente mais autónomo” (Pereira, 2014, p.13) assim como a aprender “a ser, a estar, a fazer e o viver juntos” (Delors *et. al.*, 1996). Nesta sequência, a criança poderá desenvolver autonomia, autoestima positiva, desejo e curiosidade de aprender, tornando-se num ser dotado de responsabilidade. Ao seguir uma rotina diária, a criança conseguirá “perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas (...) no contexto dos acontecimentos que vão surgindo” (Hohmann & Weikart, 2003, p.224).

Saliente-se ainda que, o facto de existir uma rotina no dia a dia da criança, facilitará a sua adaptação ao meio e ao grupo, uma vez que estas são realizadas em conjunto, permitindo a superação de receios e fomentando a interação grupal, auxiliados e supervisionados pelo/a educador/a.

A figura que se segue (Figura11) mostra o planeamento do dia das crianças onde decorreu a PES I, ou seja, o JI das Panóias. O mesmo mostra claramente que o dia das crianças é enquadrado por uma rotina regular e constante. Contudo, apesar da rotina diária, muitas foram as situações em que algumas tiveram de ser alteradas, pelo comportamento das crianças ou por situações alheias à instituição.

Horário	Atividade	Local
9h00 – 9h15	Entrada no Espaço	Sala de Atividades
9h15 – 10h00	Jogos Lúdico-Didáticos	Sala de Atividades
10h00 – 10h30	Lanche da Manhã	Sala de Atividades
10h30 – 11h00	Atividades Didáticas (segundo o horário definido pelo Agrupamento de Escolas da Sé)	Sala de Atividades
11h00-12h00	Brincar	Sala de Atividades
12h00 – 13h30	Almoço	Refeitório da ACSFPANOIAS
13h30-15h00	Atividades Didáticas (segundo o horário definido pelo Agrupamento de Escolas da Sé)	Sala de Atividades
15h00-15h30	Lanche da Tarde	Sala de Atividades

Figura 11: Rotinas diárias do Jardim de Infância
Fonte: Própria

3. Caracterização da Escola Básica do Espírito Santo

3.1. Recursos Físicos e Humanos

O Plano dos Centenários constituiu a criação de várias escolas primárias públicas, durante o regime do Estado Novo, em Portugal, entre 1941 e 1969. Esta mesma designação deve-se, essencialmente, às comemorações do Centenário da Fundação da Nacionalidade, bem como do Centenário da Restauração da Independência de 1640, tomando um forte impulso pelo ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, e pelo ministro da Instrução Pública, Gustavo Cordeiro Ramos (Rodrigues, 2000).

Durante este mesmo regime, o plano abrangeu diversos concelhos e distritos de Portugal, permitindo que todas as escolas fizessem parte de um sistema nacional de ensino global, proporcionando o direito à educação de todas as crianças, quer residissem em pequenas aldeias ou vilas, quer nas cidades (Rodrigues, 2000).

Tal como preconiza Carvalho (1985, p.729):

[na] nova programação dos estudos do ensino elementar dá-se relevo a matérias que denunciam a estratégia política, de feição nacionalista, que enforma o novo regime: Geografia de Portugal e Colónias, História de Portugal e Educação Cívica.

Através da receção destes conhecimentos, diminuiu a taxa de analfabetismo em Portugal, permitindo uma evolução no que concerne à educação, visando a instrução, sobretudo, de crianças do ensino primário.

Embora o regime do Estado Novo tenha sido extinto, muitas das escolas de 1.º CEB, fundadas no âmbito deste plano, ainda se encontram em funcionamento, para a prática educativa direcionada a crianças entre os 5 e os 10 anos de idade. Atualmente, a educação não se rege pelos princípios base atrás mencionados, mantendo apenas a configuração exterior e interior do edifício, já existentes à época.

Como exemplo de uma instituição que seguiu este plano, podemos referir a Escola Básica do Espírito Santo, local onde se realizaram as observações e regências, no âmbito da PES II, situada na Rua Paiva Couceiro, na cidade da Guarda.



Figura 12: Escola Básica do Espírito Santo, Guarda

Fonte: AEAAG in <https://www.aeaag.pt/documentos/agrupamento/Escolas/ciclo1/espitosanto.htm>, consultado a 10 jun/2021

A Escola Básica do Espírito Santo está organizada em diversos espaços delimitados. Possui um grande recreio ao ar livre, permitindo que os alunos brinquem na hora do intervalo.

O edifício escolar é constituído por um pequeno *hall*, que dá acesso às salas de aula do terceiro e quarto anos, sendo esta última, o local onde realizei o estágio; e ao salão, onde os discentes praticavam as aulas de educação física e onde brincavam nos intervalos, caso estivesse frio no exterior do estabelecimento.

Junto ao salão, estão as casas de banho destinadas aos docentes e às auxiliares de educação, bem como as destinadas aos alunos, devidamente identificadas. Existe ainda, neste primeiro piso, um espaço de menor dimensão reservado às auxiliares educativas, mas também algumas zonas de arrumação de materiais.

No *hall*, junto à sala do quarto ano, estão dispostas umas escadas que dão acesso ao segundo piso, onde se encontram as salas do primeiro e segundo anos.

Saliente-se que este estabelecimento escolar se encontra devidamente organizado e delimitado, proporcionando todas as condições necessárias à prática educativa, aos momentos de descontração por parte do aluno e às divisões dos grupos, sendo que as crianças de 5 e 6 anos vão para a sala destinada ao primeiro ano; de 7 e 8 anos para a do segundo ano; de 8 e 9 anos para a do terceiro ano; e as de 9 e 10 anos para a do quarto ano.

Relativamente aos recursos físicos proporcionados pela escola, os alunos, durante a hora do intervalo podiam utilizar cordas, arcos, bolas, etc., fornecidos pelos docentes e auxiliares, assim como nas aulas de educação física.

Para a prática educativa, as salas de aula estão equipadas com quadros interativos, retroprojetores, computadores, quadros de ardósia, manuais, livros complementares (de

atividades e consolidação) e material escolar como canetas, lápis de carvão, borrachas, apal-
lapis, lápis de cor, canetas de feltro, etc.

No que diz respeito aos recursos humanos deste estabelecimento de ensino, existem quatro
docentes titulares de turma (um por cada nível de ensino), duas docentes de apoio pedagógico
(uma para o 1.º e 2.º anos e, outra para o 3.º e 4.º anos), e três auxiliares de ação educativa.

Os momentos de interação e partilha entre as crianças ocorrem no intervalo, na zona do salão
ou do recreio e no ATL (Atividades de Tempos Livres).

3.2. Caracterização da Sala de Aula

A sala de aula, onde se realizou a PES II, é um espaço amplo e com diferentes
funcionalidades.

Neste sentido, há que dar destaque a diversos elementos que fazem parte da sala de aula,
sendo que muitos destes são utilizados nas práticas pedagógicas. É então imprescindível
referenciar a existência de um quadro interativo; um relógio; diversos placares de cortiça; vários
armários com zonas de arrumação; um quadro de ardósia e, ainda, as secretárias do docente e dos
alunos (Figura 13).



Figura 13: Perspetiva da sala de aula do 4º Ano

Fonte: Própria

Há ainda a salientar que, salvo raras exceções, os alunos não necessitam de levar e trazer
todos os dias o material. Isto deve-se ao facto de as secretárias estarem munidas de uma espécie
de prateleira, onde podem guardar os manuais, livros de fichas, dossiês, etc. Também os armários

da sala servem para guardar outro tipo de materiais, estes menos utilizados, de que são exemplo os materiais de pintura e os jogos didáticos.

Os alunos encontram-se normalmente sentados em pares, ainda que alguns escolham as secretárias individuais, quer seja por opção ou por terem comportamentos menos adequados (Figura 14).

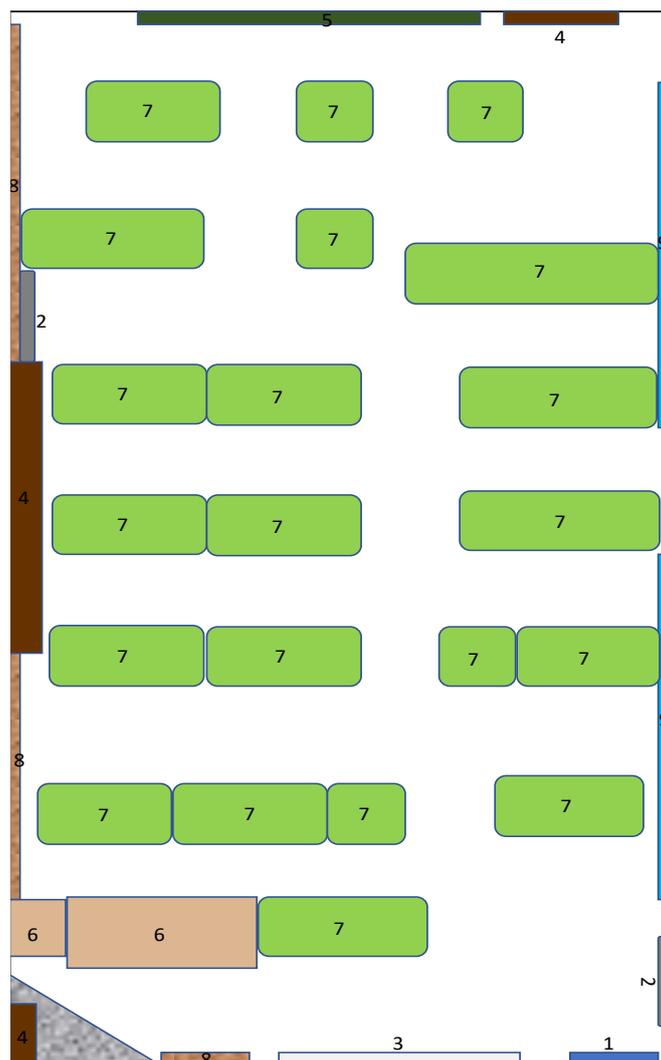


Figura 14: Planta da Sala de Aula
Fonte: Própria

(Legenda: 1 – Porta da sala; 2 – Aquecedores; 3 – Quadro interativo e projetor; 4 – Zonas de Arrumação; 5 – Quadro de Ardósia; 6 – Secretária do Professor e Computador; 7 – Secretárias dos alunos; 8 – Placards; 9 – Janelas)

4. Caracterização da Turma

As crianças da turma do 4.º ano da Escola Básica do Espírito Santo, era constituída por 26 alunos (12 rapazes e 14 raparigas), com idades compreendidas entre os 9 e 10 anos, que se encontram, segundo Piaget, no período da terceira infância, também denominado de estágio operatório concreto (6-10 anos).

Nestas idades, o desenvolvimento cognitivo da criança permite que realizem aprendizagens de forma mais rápida e que o seu pensamento lógico não seja demasiado abstrato. Tais aprendizagens, caso sejam bem orientadas, tendem a ser realizadas com entusiasmo, perseverança e curiosidade.

Nesta fase, a criança insere-se num contexto social que parece ser perfeito aos seus olhos, uma vez que os pais são os seus heróis, os amigos são leais e os professores justos. O raciocínio moral e o seu comportamento atingem um patamar onde o que é certo se distingue, claramente, do que é errado.

Enfatiza-se que esta etapa se designa, segundo Piaget (1970), citado em Tavares *et. al.* (2007), por período escolar, pois as crianças estão suficientemente preparadas e disponíveis para aprender. Neste contexto, salienta-se que a criança aprende com relativa velocidade e facilidade os conteúdos escolares, estando a sua capacidade de memória também mais desenvolvida. Encara-se o pensamento e a aprendizagem como um desafio intelectual, pois começa a compreender que são processos que envolvem planificação, procura de uma lógica de ação, construção de alternativas e consistência na sua resolução.

Para este investigador, a criança em idade escolar encontra-se num período de desenvolvimento do pensamento concreto, também definido como Estádio das Operações Concretas. O pensamento torna-se menos intuitivo para ser mais lógico, sendo capaz de executar operações mentais, começando a organizar-se em estruturas de conjunto e, tornando o raciocínio reversível, flexível, lógico e mais complexo. Assim, a criança consegue avaliar e estabelecer relações de causa-efeito, especialmente se à sua frente tem um objeto e observa as suas transformações.

Nestas idades, já possui noção do que é matéria sólida ou matéria líquida, sendo posteriormente adquiridas as conservações de peso e volume, por volta dos 9-10 anos. Compreende, do mesmo modo, noções de tempo, espaço e de velocidade.

Em suma, neste período, a criança questiona-se a si própria, tentando obter possíveis respostas, adquirindo um pensamento mais complexo e evoluído. É neste estágio que a criança, após as aprendizagens por imitação (“*mimésis*”), irá adquirir aprendizagens significativas e ativas,

para que se torne criativa e que não se fique apenas pela memorização e imitação. Contudo pretende-se que a criança consiga atingir a “*poésis*”, quer isto dizer, que a criança seja capaz de evoluir para a criatividade (Rocha, 1988).

4.1. Identificação do público-alvo: pelo género

Em primeiro lugar, tal como foi referido *a priori*, as atividades promovidas ao longo do processo de estágio foram levadas a cabo com uma turma de alunos do 4.º ano de escolaridade, sendo que na sala de aula existem 14 crianças do sexo feminino e 12 crianças do sexo masculino, ou seja, num total de 26 alunos (Tabela 1).

Tabela 1: Número de alunos do 4º ano, por género
Fonte: Fonte Própria

GÉNERO	TOTAL
FEMININO	14
MASCULINO	12
TOTAL	26

Contudo há que ressaltar que um dos alunos abandonou o estabelecimento de ensino, nos finais do mês de maio, por motivos pessoais, tendo em conta que toda a sua família deixaria de viver na Guarda, mudando-se para a cidade de Coimbra.

4.2. Identificação do Público-Alvo: por idade

Em seguida é fundamental identificar as idades das crianças com as quais foram executadas as atividades. Desta feita, a turma é composta por alunos com idades compreendidas entre os 9 e 10 anos de idade (Tabela 2).

Mais importa referir que dezasseis dos alunos têm nove anos de idade, enquanto dez alunos têm dez anos de idade, como podemos verificar na Tabela 2. Podemos assumir que a média da turma é ter nove anos de idade.

Tabela 2: Número de Alunos do 4º Ano, por idade

Fonte: Fonte Própria

IDADE	TOTAL
9 ANOS	16
10 ANOS	10
TOTAL	26

Capítulo II

A Prática de Ensino Supervisionada

1. A Prática de Ensino Supervisionada

Este capítulo apresenta uma síntese da PES, quer no que concerne ao seu enquadramento legal e aos documentos reguladores e orientadores para a promoção de aprendizagens ativas e significativas, quer na forma como foi executada em contexto da Educação Pré-Escolar, e em contexto de 1.º Ciclo.

1.1. Enquadramento legal e institucional

Atualmente para ser educador de infância ou professor do 1.º CEB é necessário frequentar um estabelecimento de ensino superior, seja ele universidade ou instituto politécnico. Para o efeito, são necessários cinco anos de estudos divididos em duas etapas. A primeira composta pelos primeiros três anos de licenciatura em Educação Básica e a segunda composta por mais dois anos de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º CEB.

Com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro), determinou-se que a formação de educadores de infância e de professores do 1.º CEB se realizasse em escolas superiores de educação e em universidades. Consequentemente, estes estabelecimentos assumiram a formação dos docentes da educação pré-escolar e 1.º CEB.

Inserida no 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º CEB surge a unidade curricular PES, dividida em duas componentes, a primeira, no âmbito da Educação Pré-Escolar, ocorrida ao longo do 1.º semestre, e a segunda, no âmbito do 1.º CEB, ocorrida ao longo do 2.º semestre. Esta visa a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos, através da implementação *in loco*, durante um período de estágio, composto por quinze semanas, em cada ciclo.

A PES “realiza-se em pequenos grupos colocados para o efeito em estabelecimento de creche, de educação pré-escolar e/ou de ensino básico, com os quais tenha sido celebrado protocolo de cooperação no âmbito da formação docente” (Rodrigues, 2016, p.2).

Neste âmbito, o período de estágio subdivide-se em dois períodos distintos. Um primeiro momento de observação, em que o aluno-estagiário observa as práticas promovidas por um docente, em um estabelecimento de ensino. Este momento é importante, uma vez que “observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação” (Silva *et. al.*, 2016, p.15). Um segundo momento que está associado ao período de sessões, em que o estagiário deve compreender a importância do planeamento e planificação das aulas, que terá de lecionar durante vinte e uma regências, no total.

Assim sendo, segundo o que se encontra preconizado no Guia de Funcionamento da Unidade Curricular (GFUC¹) de PES (2020/2021, p.2):

os nossos alunos podem em contexto de sala de aula analisar as práticas pedagógicas implementadas. Pretende-se que os alunos, de modo orientado, desenvolvam capacidades de elaboração e registo de Planificações, Realização de atividades promotoras de uma Prática de Ensino Supervisionada fundamentada, exequível e eficaz e reflexão sobre as Práticas.

A par de todas as componentes que estão associadas ao período de estágio, a unidade curricular é composta por um variado conjunto de conteúdos e objetivos que se encontram plasmados no mesmo documento orientador.

Nesta sequência, alguns parâmetros inerentes à PES passam por:

- “Observação;
- Registos de Observação;
- Recolha, análise de dados;
- Modelos, metodologias e técnicas de ensino;
- Elaboração e registo de Planificações;
- Avaliação das Planificações;
- Realização de atividades promotoras de uma Prática Pedagógica fundamentada, exequível e eficaz;
- Reflexão sobre as Práticas” (GFUC, 2020/2021, p.2).

Para melhor facilitar o processo de exequibilidade da PES, o estagiário deve socorrer-se de diferentes documentos reguladores, principalmente no que concerne à realização da planificação, tendo em conta os conteúdos que se pretendem explorar.

Alguns dos principais documentos reguladores são o Perfil dos Alunos e a Lei de Bases nº 46/86 (1986, 14 out), as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016), a Organização Curricular e Programas do 1.º CEB (OCEP, 2004), as Aprendizagens Essenciais (2018), os Programas e Metas Curriculares de Português (2015) e Matemática (2013),.

A par destes, também há que dar especial destaque ao Regulamento Interno do Agrupamento ao qual está associado o estabelecimento de ensino onde se desenrolou todo o período de estágio.

¹ GFUC da Unidade Curricular de PES, vigente na ESECD do IPG, no ano letivo 2020-2021

O Jardim de Infância das Panóias de Cima encontra-se inserido no AES. Por seu turno, a Escola do 1º Ciclo do Espírito Santo insere-se no AEAA.

Através do recurso a diferentes documentos orientadores e reguladores como apoios e suportes ao processo de estágio, pretende-se que o aluno-estagiário saiba colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo de todo o percurso académico. Neste sentido, pretende-se que seja aplicado o modelo holístico de ensino (Formosinho, 2014). Este modelo caracteriza-se por ser complexo e enriquecedor, bem como interativo, ecológico e explicativo, influenciando o sucesso ou insucesso escolar do aluno, tendo em conta diferentes fatores, de que são exemplo os fatores sociais, físicos, morais, culturais, económicos.

Por conseguinte, ao falarmos de modelo holístico acentuamos que não nos referimos apenas aos fatores intrínsecos à criança, mas também os fatores extrínsecos: sociais, económicos, familiares, vizinhança, amigos, escola, o professor, entre outros, valorizando-os como aspetos fundamentais para melhor compreender o aluno, promovendo assim um processo de ensino/aprendizagem ativo e significativo (Cardoso, 1995, citados por Maia e Araújo, 2015, pp.10-11).

Atualmente, a criança/aluno passou a estar no centro do processo de ensino e aprendizagem, enquanto sujeito que constrói as suas aprendizagens.

Em resumo, durante todo o processo de execução da PES, o estagiário mantém contacto com as diferentes áreas curriculares que compõem o plano da Educação Pré-Escolar e do 1.º CEB. Aqui poderá aplicar conhecimentos, competências, conteúdos e capacidades adquiridas ao longo de todo o percurso académico.

1.1.1. Áreas Curriculares da Educação Pré-Escolar

A Educação Pré-Escolar, com base no documento orientador para este nível de ensino, as OCEPE (2016), é composta por três grandes áreas de conteúdo: a área da Expressão e Comunicação, a área da Formação Pessoal e Social e a área do Conhecimento do Mundo.

Importa salientar que dentro da área da Expressão e Comunicação existem quatro domínios: Educação Motora, Educação Artística, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e domínio da Matemática. No domínio da Educação Artística ainda se encontram subdivididos quatro subdomínios, sendo eles as artes visuais, a dramatização, a música, a educação motora e a dança.

1.1.2. Áreas Curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico

O 1.º CEB e, tendo em consideração os vários documentos consultados e inerentes a este nível de ensino, mas dando especial destaque à Organização Curricular e Programas do 1.º CEB (2004), bem como os Programas e Metas Curriculares de Português (2015) e Matemática (2013), as áreas dividem-se em Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressão e Educação Artística.

Relativamente à área do Português, esta encontra-se subdividida em quatro domínios: Oralidade (O), Leitura e Escrita (LE), Educação Literária (EL) e a Gramática (G).

Também a área da Matemática está separada em três domínios, sendo eles o domínio dos Números e Operações (NO), Geometria e Medida (GM), Organização e Tratamento de Dados (OTD). Inerente a todos estes domínios encontra-se a resolução de problemas.

A área do Estudo do Meio encontra-se dividida em seis blocos, como nos mostra o documento das Orientações Curriculares e Programas do 1º CEB (2004), nomeadamente: Bloco 1: À descoberta de si mesmo, Bloco 2: À descoberta dos outros e das instituições, Bloco 3: À descoberta do ambiente natural, Bloco 4: À descoberta das inter-relações entre espaços, Bloco 5: À descoberta dos materiais e objetos, e Bloco 6: À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.

Na última área, da Expressão e Educação Artística, inserem-se cinco subdomínios que são Expressões Plástica, Dramática, Musical, Físico-Motora e Dança. Os mesmos têm também os seus objetivos e descritores de desempenho plasmados no documento das OCEP-1.º CEB (2004), à semelhança do que acontece com a área do Estudo do Meio.

2. Experiências de ensino e aprendizagem no âmbito da PES

2.1. A experiência pedagógica no contexto da educação pré-escolar

O estágio da PES I em contexto da Educação Pré-Escolar realizou-se no Jardim de Infância das Panóias, concelho da Guarda, durante um período de quinze semanas consecutivas, com um grupo de catorze crianças, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos.

Neste contexto, o estágio foi dividido em dois momentos distintos: primeiro um período de observação, durante três semanas, seguindo-se um período de doze semanas de atividades práticas, subordinadas a diferentes temáticas. Para o efeito, foi necessário o uso de diferentes estratégias e materiais lúdico-didáticos como forma de promover aprendizagens ativas e significativas.

Contudo, as últimas duas semanas de prática foram interrompidas devido a um novo confinamento nacional, decorrente da Covid-19, obrigando ao interregno do estágio. Durante este período, a prática foi implementada na modalidade de ensino à distância, com a proposta de atividades a serem elaboradas pelas crianças com as suas famílias.

O tema geral do JI era a “Magia da Família”, sendo comum a todos os jardins de infância do Agrupamento.

2.1.1. Área da Formação Pessoal e Social

Ao longo de todo o estágio, foram desenvolvidas várias atividades que se desenrolavam em consonância com a manifestação de sentimentos, emoções e afetos, promovendo assim múltiplas tarefas no âmbito da área da Formação Pessoal e Social (FPS).

Tal como preconizam Silva *et. al.* (2016, p.37):

A área de Formação Pessoal e Social assenta, tal como as outras, no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que o rodeia.

Neste contexto, a área da FPS é fundamental para o crescimento da criança enquanto indivíduo, mas também para que crie interações com o outro e com o mundo que a rodeia. É neste contexto que surge a educação para a cidadania e a importância de compreender as relações de afeto e de ligação que pode ser definida como “a participação responsável dos cidadãos na vida pública do país, quer através dos processos de representação política quer através do empenhamento nas instituições da sociedade civil, e com compromisso nos princípios e valores fundamentais da democracia portuguesa” (Henriques *et al.*; 1999, p.11).

A maior parte das atividades desenvolvidas inerentes a esta área eram intimamente associadas às emoções, sentimentos e afetos. Importa referir que a FPS é o um dos pilares basilares da educação pré-escolar e, um dos mais trabalhados por parte da educadora cooperante.

Foi neste sentido que, também, durante o decurso do estágio, muitas das atividades que foram planeadas e planificadas, ao nível da FPS, para serem executadas na prática, a fim de que a criança sinta um elo com o(s) adulto(s) que a rodeiam.

Há a salientar alguns aspetos que se mostram de grande importância, tais como a autonomia e liberdade de cada uma das crianças presentes neste grupo. Note-se que cada uma sabe o que quer fazer, bem como a forma como quer fazer, tendo o tempo necessário para a adaptação ao(s) adulto(s) presentes na sala de atividades, bem como para a realização das atividades propostas.

É ainda possível referenciar que as crianças mostraram bastante interesse e curiosidade em adquirir novos conhecimentos, bem como grande capacidade de expressão, pois demonstram ter criatividade e imaginação, quer nas tarefas didáticas, quer nas atividades livres. Mostraram ainda que têm comportamentos distintos aquando da realização de atividades individuais ou em grupo.

Segundo a perspectiva de Tavares *et.al.* (2007, p.44) “tal como em qualquer etapa desenvolvimental, cada aquisição está assente em experiências prévias e condicionam a aquisição e o desenvolvimento de estruturas posteriores”.

Por exemplo, uma das atividades realizadas neste âmbito esteve subjacente ao conhecimento de diferentes raças e tons de pele (Figura 15), motivo para o qual foram criados três dioramas, permitindo assim que a criança perceba que existem diferenças no tom da pele, na cor dos olhos ou dos cabelos, mas que no fundo somos todos iguais, pois todos possuímos um corpo com os cinco sentidos.

Por outro lado, uma das vertentes da FPS na Educação Pré-Escolar centra-se nas emoções e nos sentimentos e na forma como a criança os transmite (Figuras 16 e 17). Exemplo desta atividade foi a teia das emoções, em que a participação do grupo foi fundamental, mas em que também o estagiário demonstrou algumas emoções. Esta baseou-se num jogo lúdico-didático.

No que à atividade da teia das emoções (Figuras 16 e 17) importa salientar que esta foi uma atividade dirigida, uma vez que para cada uma das questões colocadas pelo estagiário, apenas a criança solicitada poderia responder (ver Anexo 6). Mais ainda, foram abordadas diferentes temáticas (por exemplo: como te sentes?, estás feliz ou triste?, gostas de abraços: sim ou não?). No final, todos ficaram contentes e surpreendidos com a evolução do emaranhado dos fios de lã.



Figura 15: Dioramas com as três raças

Fonte: Própria



Figuras 16 e 17: Atividade “Teia das Emoções”

Fonte: Própria

2.1.2. Área da Expressão e Comunicação

É necessário compreender que

A Área de Expressão e Comunicação é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si e constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia (Silva *et. al.*, 2016, p.47).

Dentro desta área encontram-se diferentes domínios, tais como o domínio das Artes Visuais, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Matemática. De referir que dentro destes domínios encontram-se ainda outros subdomínios a Música, a Dança, a Expressão Físico-Motora, a Dramatização.

Neste âmbito, no que ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita diz respeito, este esteve muito presente ao longo de toda a PES I, sobretudo nos momentos ligados ao diálogo pedagógico e à hora do conto. As crianças deste grupo já eram capazes de escrever o seu próprio

nome e tinham conhecimento de algumas letras, facilitando assim as primeiras aprendizagens na abordagem escrita.

Dentro destes dois domínios, há a salientar o papel preponderante do diálogo pedagógico como aquisição e transmissão de conteúdos inerentes à linguagem oral e ao seu uso, ou seja, o diálogo entre educador e criança deve sempre mostrar-se enriquecedor, visto que a linguagem “está em todo o lado, como o ar que respiramos, ao serviço de um milhão de objetivos humanos” (Castro Gomes, 2000, p.19 citado por Fernandes, 2013, p.8).



Figura 18: Hora do Conto ao redor da Almofada

Fonte: Própria

Para a atividade da hora do conto (Figura 18), as crianças relaxaram um pouco, depois de uma atividade de movimento e dança, sentando-se ao redor da almofada, a fim de escutarem com muita atenção uma história. É de referir que além de estarem atentas foram capazes de responder com exatidão e alguma rapidez às questões que lhes foram colocadas, criando assim um momento de análise e introspeção da história, salientando os traços e momentos mais importantes da mesma (ver Anexo 1).

Em idade pré-escolar, as crianças iniciam o seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita por meio de desenhos. Cabe ao educador questionar a criança sobre o seu desenho, colocando uma legenda na mesma. A partir do momento em que a criança é capaz de escrever o seu próprio nome, deve inseri-lo no topo da folha de desenho.

Segundo Martins e Niza (1998, p.87) “este trabalho de cooperação (educador/criança) [...] em tarefas simples de leitura funcional de palavras, estimula as trocas entre os seus saberes, que não são necessariamente os mesmos, enriquecendo-os”.

Importa referir que foi concretizada uma tarefa individual, de memorização de palavras simples, com uma das crianças de 3 anos, que demonstrou algumas dificuldades nas aprendizagens promovidas desde o início do ano letivo, sobretudo no que diz respeito à linguagem oral e à articulação de palavras. Contudo, com o auxílio necessário, a criança em questão pôde evoluir e adquirir novas competências.

Segundo Peixoto (2007) citado por Fernandes (2013, p.9) “as capacidades comunicativas englobam mais do que a visão tradicional das linguagens compreensiva e expressiva, visto que a linguagem inclui outras competências como o envolvimento de interações gestuais pré-verbais, incluindo a sinalização de afetos e a imitação”.

No domínio da Matemática, o grupo manifestou algumas dificuldades nos exercícios e atividades propostas. Essas dificuldades resultaram de o grupo ainda não conhecer todos os números e ter uma noção muito básica do sentido cardinal do número. Ao longo da PES I, foram planeadas algumas atividades que pretendiam promover aprendizagens do sentido cardinal e ordinal do número (Figura 19). A par destes esteve ainda presente a noção de conjunto e a parte.

Embora as crianças não tenham considerado a atividade do jogo dos flocos de neve (Figura 19) atrativa logo de início, algumas tiveram curiosidade em fazer este jogo, sobretudo de forma autónoma, por tentativa-erro, recusando a ajuda do adulto nas primeiras tentativas. Só mais tarde solicitaram ajuda para perceber se o exercício estava correto (através da colocação do número correto de flocos de neve na respetiva coluna), sendo orientadas na resolução do mesmo (ver Anexo 8).



Figura 19: Jogo dos flocos de neve

Fonte: Própria

No que concerne aos diferentes subdomínios das artes, foram muitas as atividades promovidas ao longo de todo o estágio, muitas vezes como complemento e momento de interdisciplinaridade com as outras áreas de conteúdo e seus domínios.

Por exemplo, no subdomínio da expressão plástica, as crianças utilizavam os desenhos como forma de expressão dos seus sentimentos e/ou emoções, mas também como registos de outras atividades feitas anteriormente.



Figura 20: Crianças recortam e decoram as suas estrelas

Fonte: Própria



Figura 21: Resultado Final da Atividade “Janela dos Sonhos”

Fonte: Própria



Figura 22: Máscaras picotadas pelas crianças da obra “O Cuquedo”

Fonte: Própria

Das atividades referentes ao subdomínio mencionado anteriormente estavam associadas algumas que tinham por base um tema definido. A atividade da “Janela dos Sonhos” (Figuras 20 e 21) foram executadas aquando da aplicação da planificação do dia do pijama (ver Anexo 2). Por outro lado, a atividade das máscaras (Figura 22) ocupou mais do que uma sessão, tendo em conta que a obra “O Cuquedo” de Clara Cunha seria objeto de várias atividades desenvolvidas ao longo de duas semanas, inseridas no projeto de uma dramatização final, a ser gravada e enviada às famílias, em formato de CD.

No subdomínio da Música, muito presente no quotidiano do JI das Panóias, as atividades com instrumentos musicais (Figura 23) ou simplesmente canções foram muito importantes para o desenvolvimento do grupo, não só para manter a rotina e algum fio condutor com as atividades feitas pela educadora no período de observação, mas principalmente para promover a desinibição e descontração da criança (ver Anexo 4).



Figura 23: Ensaio das Janeiras

Fonte: Própria

Aliado ao subdomínio anterior estava sempre inerente o subdomínio da Físico-Motora (Figura 24), criando e proporcionando momentos de descontração, libertação de energia e ritmo corporal. Exemplo de outra atividade, inserida neste subdomínio, foi o Fungagá da Bicharada (ver Anexo 3).



Figura 24: Desafio do limbo e passagem das crianças por baixo do cordel

Fonte: Própria

Por último, o subdomínio da Dramatização também foi bastante trabalhado, uma vez que o grupo teve a possibilidade de o aliar à hora do conto, trabalhando uma das obras que mais agradou: “O Cuquedo” de Clara Cunha. Posteriormente, tiveram a possibilidade de criar uma dramatização desse mesmo conto (Figura 25), principalmente para a criação de um vídeo para as famílias, a ser enviado na época do Natal, uma vez não se ter podido realizar a habitual Festa de Natal, devido às restrições impostas face ao contexto pandémico vivido a nível nacional (ver Anexo 5).



Figura 25: Ensaio da peça “O Cuquedo”

Fonte: Própria

No entanto, há que referir que foram muitas as atividades inseridas no jogo dramático, através de momentos de descontração, exercícios de relaxamento e criação das próprias histórias, promovendo a imaginação, criatividade e a capacidade de aliar o faz de conta a situações reais.

Uma das tarefas que mais entusiasmou as crianças e por isso o resultado obtido foi de grande sucesso, esteve associado ao jogo da pesca (Figura 26), inserida na Expressão Dramática. Mais ainda, esta atividade ficaria permanentemente na sala de atividades do JI, podendo ser utilizada sempre que for oportuno, com outros grupos de crianças que sucedam a este, e integrem esta sala *a posteriori* nos anos letivos seguintes.



Figura 26: Jogo da Pesca com o Barco
Fonte: Própria

Ao longo do seu percurso, a criança tenta sempre demonstrar a forma como se sente, o seu modo de agir, entre outras situações que fazem parte do seu dia a dia. Em qualquer área ou domínio no JI, tenta usar a criatividade, a imaginação e a fantasia como ferramentas de aprendizagem.

Desta forma, a Expressão Dramática é uma área transversal a tantas outras, podendo haver momentos diversos de interdisciplinaridade, como na reprodução teatral de um conto, ou utilização de elementos feitos em Expressão Plástica, como recursos didáticos para a execução de uma dramatização. De facto, “as crianças deverão ter inteira liberdade para interpretarem a história à sua maneira e de a representarem conforme o desejarem” (Sousa, 1980, p.115).

2.1.3. Área do Conhecimento do Mundo

A Área do Conhecimento do Mundo é também transversal a todas as outras áreas, estando, portanto, ligada a várias atividades desenvolvidas ao longo da PES I.

Silva *et. al.* (2016, p.88) referem

a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Esta sua curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, e pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, descobrir e compreender.

Ao longo do decurso do estágio foram realizadas atividades, dando especial destaque aos usos e costumes, tradições e a referência ao ambiente animal e vegetal. Neste sentido, algumas das atividades estavam intimamente associadas a diferentes datas ou épocas do ano, tal como o conhecimento e exploração dos animais.

A título de exemplo foram realizadas algumas tarefas associadas às diferentes partes do corpo humano, tendo estas sido bem sucedidas, com a compreensão e, conseqüente aprendizagem por parte do grupo, seguindo-se uma atividade com o desenho da silhueta de uma criança, sobre uma superfície branca (Figura 27, ver Anexo 7).



Figura 27: Atividade “Silhueta Humana”

Fonte: Própria

No entanto há ainda a salientar o papel de grande relevo que as festividades e celebrações assumem na vida da criança, considerando-se as mais expressivas e marcantes ao longo do ano letivo. Destas fazem parte algumas como as festas de Natal, Carnaval e fim do Ano Letivo.

Tal como é reiterado por Bettelheim (2005) citado em Santos (2014, p.19), “as crianças encontram nos dias festivos alento para ultrapassar contrariedades momentâneas, sentindo-se mais seguras e confiantes em momentos angustiantes”.

Exemplo de uma atividade deste tipo foi a apresentação e leitura de uma BD referente ao Natal (Figura 28), inserida nas tarefas e atividades desta época, em que as crianças ficaram a perceber melhor a história desta data festiva.



Figura 28: Apresentação da BD “O Primeiro Natal”

Fonte: Própria

É também através dos momentos de atividade livre (Figura 29), como brincar em diferentes zonas da sala e com diferentes objetos e materiais, que a criança aprende, adquire novos conhecimentos, novas competências e capacidades, descobrindo o mundo que a rodeia. De facto, “brincar desempenha um papel igualmente importante na socialização da criança, permitindo-lhe aprender a partilhar, a cooperar, a comunicar e a relacionar-se, desenvolvendo a noção de respeito por si e pelo outro, bem como a sua autoestima” (Marques, 2017, p.19).



Figura 29: Crianças brincam com um jogo de construção

Fonte: Própria

Assim sendo, a brincadeira assume um papel de relevo para o próprio desenvolvimento físico, cognitivo, motor, psicossocial e moral da criança. Através do brincar e das atividades de expressão

livre, a criança constrói o seu conhecimento, principalmente com recurso à experimentação, através da manipulação e experimentação dos objetos que a rodeiam. Por conseguinte há a reforçar o papel das atividades lúdicas como momentos de autoaprendizagem da criança, realçando o processo de imaginação e criatividade, imprescindíveis para tarefas e para o seu futuro.

Portanto, a atividade de brincar não deve ser reduzida a um mero momento de lazer e de divertimento para a criança, mas essencialmente, a um processo de aquisição de novas aprendizagens e competências, como por exemplo a criação da sua própria história na casinha de bonecas ou nos jogos de construção (Figura 29).

2.2. A experiência pedagógica no contexto do 1.º CEB

Como referido, o estágio no âmbito da PES II, em contexto do 1º CEB, foi realizado na Escola Básica do Espírito Santo, sediada no bairro de São Vicente, dentro da cidade da Guarda, durante um período de quinze semanas consecutivas, com um grupo de vinte e seis crianças com idades compreendidas entre os nove e dez anos.

À semelhança do que aconteceu na PES I, também o estágio foi dividido em dois momentos distintos: primeiro um período de observação, durante três semanas (sendo uma delas inserida no programa Estudo em Casa, da RTP, tendo em conta o prolongamento do segundo confinamento pela Covid-19, decretado pelo governo português), seguindo-se um período de sete semanas de atividades em sala de aula, subordinadas a diferentes temáticas, tendo por base os conteúdos a lecionar, que fazem parte do currículo do 1.º CEB. Para tal, o uso do manual e de materiais práticos e educativos, nomeadamente o quadro interativo da sala de aula, e outros equipamentos que permitissem o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que foram preponderantes para a exequibilidade da maior parte das tarefas a serem realizadas.

“O material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como o material instrucional que se elabora com finalidade didática. (...) A definição de material didático vincula-se ao tipo de suporte que possibilita materializar o conteúdo” (Chartier, 2002, citado em Bandeira (s.d.), p.61-62).

Acompanhando esta progressão com o uso dos media, no processo de ensino e aprendizagem, o sistema educativo adaptou-se às TIC, que nele, facilmente, se implementaram, em 1809, utilizadas no âmbito educativo, “levando à criação da disciplina de Tecnologia Educativa” (Carvalho, 1995, p. 61). As TIC constituem assim novas ferramentas de comunicação e de uso pedagógico-didático, tornando-se também num material manipulável.

2.2.1. Português

A língua materna é reconhecida

como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia (ME, 2004, p.135).

Importa salientar que ao longo da PES II todos os domínios foram trabalhados.

Relativamente ao domínio da oralidade, todos os textos eram lidos e trabalhados na sua vertente oral, através de questionários de resposta rápida, referentes ao conteúdo dos mesmos, promovendo um diálogo entre estagiário-alunos.

No domínio da leitura e escrita, ao longo do estágio, houve a possibilidade de explorar diferentes tipos de texto, desde texto em prosa, texto poético, texto dramático e banda desenhada, por exemplo. Aqui há que dar especial destaque à promoção de momento de leitura em voz alta, percebendo assim algumas dificuldades ou limitações de alguns alunos. Note-se que muitos eram capazes de ler um texto completo, em voz alta, contudo, outros, manifestavam algum nervosismo e vergonha, dificultando a perceção da sua leitura. Posteriormente, os alunos respondiam às questões de compreensão do texto que se encontravam no manual.

Aliado aos domínios anteriores, esteve sempre presente o domínio da educação literária, uma vez que todos os textos explorados e incluídos no manual do aluno fazem parte do PNL. Uma das sugestões apresentadas e trabalhada em sala de aula foi a obra “O beijo da palavrinha” de Mia Couto. Para além da leitura e exercícios orais e fichas de trabalho, foi promovida uma atividade de reconto da obra, através de uma história-cordel (Figura 30). Durante esta atividade, os alunos teriam de colocar e ordenar a sequência de imagens referentes aos diferentes períodos retratados na obra (ver Anexo 9).



Figura 30: História-cordel e reconto da obra “O beijo da palavrinha”
Fonte: Própria

Por fim, durante o estágio também foi muito explorado o domínio da gramática, colocando em prática aprendizagens obtidas durante os anos do curso.

Assim sendo, a maior parte dos exercícios realizados encontravam-se presentes no manual do aluno ou em fichas de trabalho. No entanto, há a salientar que antes de estes serem resolvidos, era sempre necessário efetuar uma leitura inicial sobre o conteúdo explorado, quer por se tratar de um novo conteúdo, quer se tratasse de exercícios de revisão.

A par destes, algumas vezes foram levadas algumas fichas informativas e fichas de resolução de exercícios, como forma de reforçar ou complementar a informação já retida pelos alunos.

2.2.2. Matemática

O Programa do 1.º CEB apresenta a Matemática como

promotora do desenvolvimento do raciocínio e da comunicação, deverá, nestas idades, ancorar em operações lógicas elementares e apoiar-se em materiais e linguagem gráfica que constituam uma ponte entre o real e as abstrações matemáticas (ME, 2004, p.164).

No domínio dos números e operações, os principais conteúdos explorados estavam relacionados com os números inteiros, decimais e fracionários, dando especial destaque às reduções e cálculos com números decimais. Também foram resolvidos muitos exercícios associados à divisão de números inteiros e decimais (Figura 31, ver Anexo 10).

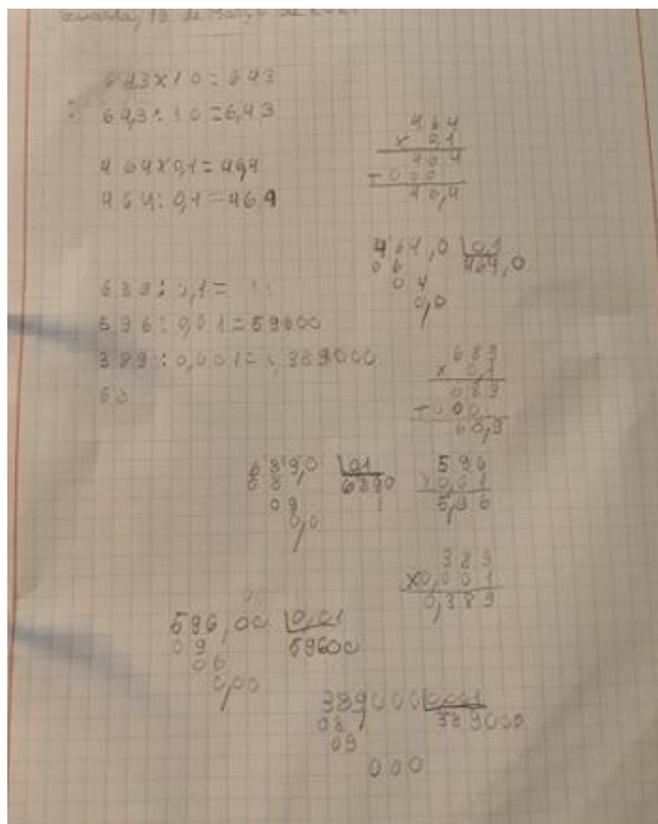


Figura 31: Exercícios resolvidos por um aluno

Fonte: Própria

Há ainda a destacar a pertinência do cálculo mental e na organização do pensamento, uma vez que o aluno deve ser capaz de justificar o seu raciocínio, explicando-o e exemplificando-o (Marques, 2001). Note-se que neste domínio é imprescindível o uso de muitos exercícios de aplicação e, a sua consequente resolução e repetição. Importa ainda referir que “a ação é

necessária, mas não é, todavia, suficiente” (Mielaret, 1975, s.p.), pois não existe uma aula de Matemática sem um bom desenvolvimento do cálculo mental.

Tendo por base a afirmação referida, é possível destacar a importância da metacognição, preconizada por Salema (2010), e pelo uso da Matemática, em conjunto com o Português, tal como defende Sim-Sim (2009). Esta visa que as aprendizagens sejam ativas e significativas, e não mecânicas, em que a criança é capaz de relacionar os conhecimentos lecionados com os anteriores que já tinham adquirido, explicando o seu processo de raciocínio.

Relativamente ao domínio da geometria e medida, este esteve presente em conteúdos como o cálculo de perímetros, áreas e volumes (de poliedros), utilizando algumas das operações matemáticas mais elementares (adição e subtração), mas também das operações mencionadas anteriormente.

No domínio de dados e probabilidades, atual nome atribuído ao domínio de organização e tratamento de dados, o uso e análise de gráficos e tabelas, bem como o preenchimento dos mesmos fazem parte deste tópico da aprendizagem na disciplina de Matemática. Um dos conteúdos relacionados com este domínio esteve inerente à aprendizagem a aplicação de exercícios com o cálculo de frequências absolutas e percentagens. Embora este não seja um domínio ao qual se dê muita relevância no 1.º CEB, este contém alguns conhecimentos pertinentes para o futuro do aluno no seu percurso académico, como a recolha e tratamento de dados.

É imprescindível referir ainda que aliado a todos os domínios se encontra presente a resolução de problemas, onde o aluno coloca em prática tudo o que aprendeu sobre um determinado conteúdo, mas também para a resolução de problemas do seu quotidiano.

2.2.3. Estudo do Meio

A área do Estudo do Meio é apresentada

como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade (ME, 2004, p.101).

Neste contexto, a maior parte das aprendizagens desenvolvidas são inerentes ao conhecimento do meio envolvente, do ambiente natural, animal, patrimonial e histórico.

No âmbito da PES II, muitas das atividades estavam relacionadas com a leitura de textos trabalhados na área quer no Português, quer no Estudo do Meio e presentes nos manuais do aluno.

A partir destas foram realizadas atividades práticas de exploração e experimentação, relacionadas com a água, o ar, a eletricidade, por exemplo.

A turma realizou duas atividades experimentais: “Magia com a Água” e “Reservatório de Água Caseiro” (Figura 32), adotando o meio dos vasos comunicantes, representados entre duas garrafas de água, unidas por um tubo de plástico. O professor estagiário, apoiado pelos alunos, retirou com cuidado uma das garrafas e tapou imediatamente a ponta do tubo. Depois, colocou um recipiente que pudesse albergar a água expelida pelo tubo. Posteriormente, retirou-se o dedo do tubo, mostrando assim o efeito de repuxo da água, através da expulsão para o interior do recipiente (ver Anexo 11).

Importa referir que esta era uma das áreas que mais esteve presente em trabalhos práticos, promovidos *a posteriori* nas aulas de expressão plástica, umas como forma de registo (Figura 32), outras como forma de criação de maquetes (Figura 33). Há a salientar que estes momentos, definidos como momentos de interdisciplinaridade, defendidos por Pombo (2004) são imprescindíveis para a promoção de aprendizagens ativas e significativas.

Neste âmbito, algumas das atividades experimentais executadas em contexto de sala de aula estavam associadas a conceitos e conteúdos presentes no manual, tal como aconteceu com a temática da água ou da eletricidade, por exemplo.

Neste contexto, o objetivo era tornar a exposição do(s) conteúdo(s) de uma forma mais simples, atrativa e em que os alunos tivessem um papel ativo, uma vez que deveriam auxiliar o adulto naquilo que foi necessário. Desta feita, as atividades experimentais formam uma maneira de aquisição de conhecimento bastante enriquecedora, uma vez que a turma tinha de observar, registar, manipular e concluir sobre o que tinha acontecido em cada uma das tarefas. Com efeito, a aprendizagem sobre as transformações ocorridas com a água, o ciclo da água, e com os efeitos produzidos pelos repuxos foram explorados de forma interativa e lúdica.

Com a finalidade de compreender se este processo tinha sido bem-sucedido e, se as aprendizagens tinham sido bem adquiridas, os alunos tiveram de elaborar um trabalho ilustrativo (Figura 32), que depois seria apresentado e afixado no placard da sala de aula. Há que destacar a maior facilidade da aquisição destes conhecimentos por parte dos alunos, através das atividades experimentais.

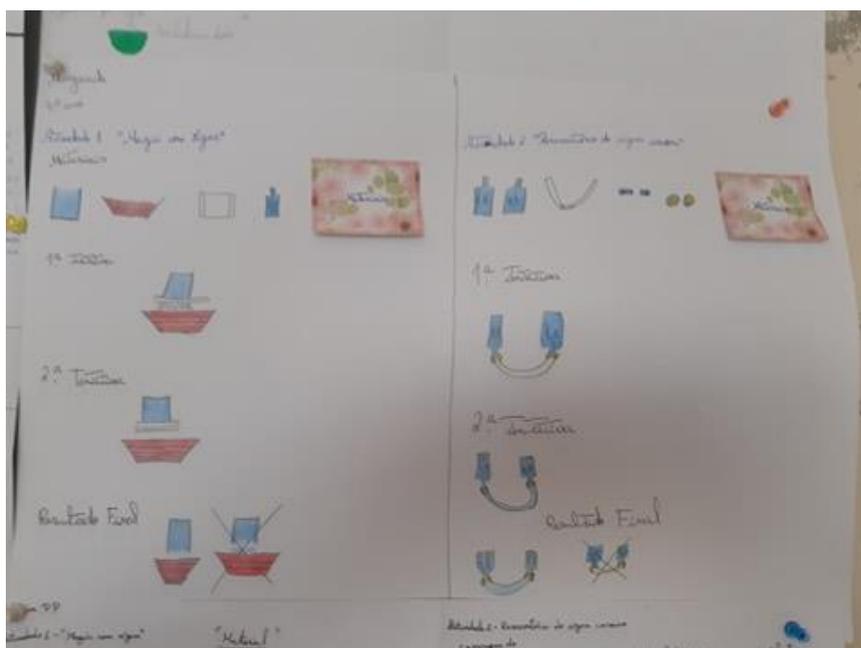


Figura 32: Exemplo de trabalho de ilustração das atividades experimentais com a água
Fonte: Própria

O objetivo é que o aluno se torne um cidadão consciente, ativo e autónomo no conhecimento do mundo que o rodeia, bem como que promova um estilo de vida sustentável e ecológico. De facto, o Estudo do Meio “não deve limitar-se à difusão de conhecimentos nem igualmente cair em formas pedagógicas desenraizadas de um entendimento efetivo do que está em jogo” (Raths, Harmin e Simon (1978), citados em Almeida, 2002, p.24).

Por outro lado, durante a exposição do conteúdo dos diferentes tipos de costa portuguesa, foi facilmente compreendido por parte dos alunos. Há ainda a ressaltar o entusiasmo na aquisição deste conteúdo, uma vez que os alunos, divididos em grupos de quatro ou cinco elementos, teriam de elaborar um trabalho em forma de maquetes, representativo de diferentes tipos de zona costeira (Figura 33).

A atividade foi dividida em diferentes momentos, tendo sido bem-sucedida, uma vez que todas as maquetes ficaram concluídas em tempo útil, mas também pela facilidade na exposição dos conhecimentos adquiridos. Mais importante ainda é o facto de todos os alunos terem-se empenhado na tarefa, colocando brio durante a realização da mesma.



Figura 33: Trabalhos plásticos dos tipos de costa portuguesa: arriba, baía, promontório e praia, respetivamente (na horizontal)
Fonte: Própria

2.2.4. Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica

No decorrer da PES II, esta área foi pouco trabalhada, tendo sido desenvolvidas atividades inerentes à Expressão Plástica e Expressão Dramática, uma vez que as aulas de Expressão Físico-Motora e Musical eram lecionadas por dois docentes externos.

A Expressão Físico-Motora define-se como sendo

multilateral das crianças, a principal exigência que o currículo real dos alunos deve satisfazer é a continuidade e a regularidade de atividade física adequada, pedagogicamente orientada pelo seu professor (ME, 2004, p.36).

Neste âmbito, na expressão físico-motora, a maior parte das atividades que a esta área dizem respeito eram promovidas e desenvolvidas por um ou mais docentes externos. A única vertente que podia ser explorada durante o período de estágio estava associada ao domínio da dança. Todas as terças-feiras, um ou mais alunos preparavam uma breve coreografia para ser apresentada e dinamizada com os restantes elementos da turma. Com efeito, eram os alunos promotores a definirem a música, os passos e movimentos (ver Anexo 13).

A Expressão Musical, segundo o ME (2004, p.67) é caracterizada como

uma atividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando.

No entanto, durante o estágio ainda foi possível criar algumas atividades referentes a este domínio. Todavia há que reforçar que tiveram de ser exercícios simples, como por exemplo o jogo dos sons interiores e exteriores à sala de aula, uma vez que também o tempo para estas atividades era muito restrito (ver Anexo 14).

A Expressão Plástica é a

exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies (ME, 2004, p.89).

As atividades levadas a cabo no âmbito desta área estavam intimamente associadas a registos sobre atividades relacionadas com as outras áreas de conteúdo, promovendo assim diversos momentos de interdisciplinaridade (ver Anexo 12), como por exemplo com a área do Português,

com a elaboração de uma BD (Figura 34). Para a elaboração da BD, os alunos apenas poderiam utilizar uma folha de papel branca, os lápis de cor e uma caneta de tinta azul ou preta, para o texto.

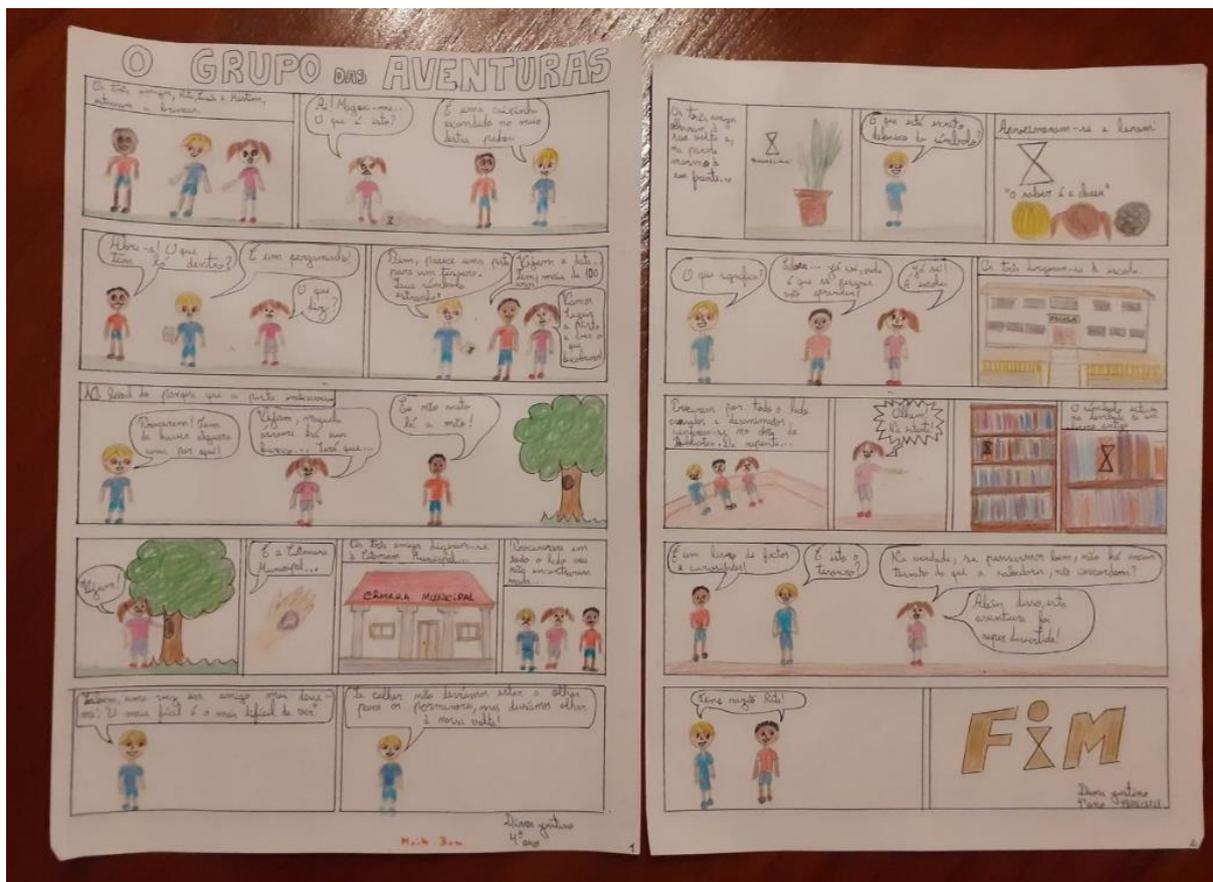


Figura 34: Exemplo de uma banda desenhada (BD) criada por um aluno do 4.º ano

Fonte: Própria

Contudo, importa também salientar que foram feitas tarefas referentes a outras iniciativas e projetos, nomeadamente algumas associadas às atividades desenvolvidas com base nos temas do RED.

Por exemplo, na atividade sobre a temática da Paz, todos os alunos pintaram sobre uma cartolina A4 azul, uma pomba branca (Figura 35), uma mão com um coração ou outro símbolo da Paz, que lhes tinham sido mostrados inicialmente, pelo professor estagiário, numa apresentação em *PowerPoint*. Note-se que alguns alunos poderiam optar por outros materiais para a execução da atividade. No final da pintura, cada aluno teria ao seu dispor uma tira de cartolina onde deveria colocar um *slogan* atrativo e sugestivo, inerente ao tema proposto.

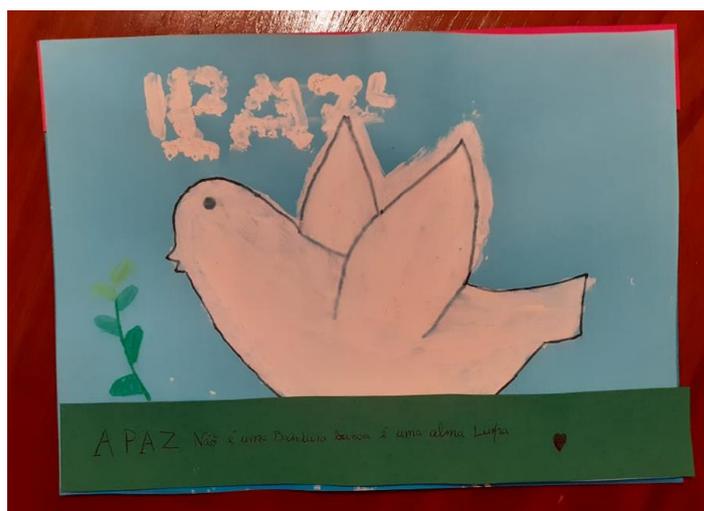


Figura 35: Atividade “Um símbolo, uma mensagem!”

Fonte: Própria

Por seu turno, algumas das atividades de expressão plástica estavam associadas à chegada de uma nova estação do ano, como a primavera, mas também a outras datas comemorativas como o Dia do Pai, o 25 de abril ou o 10 de junho. Para a atividade das composições primaveris (Figura 36), os alunos recolheram alguns elementos naturais no exterior da escola, colando-as em seguida, numa cartolina A3.



Figura 36: Composições primaveris realizadas pelos alunos

Fonte: Própria

Segundo o ME (2004, p.77), a Expressão Dramática permite que

as crianças desenvolvem ações ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na ação.

No decurso da PES II, ao nível da área da expressão dramática, os alunos apenas apresentaram uma peça desenvolvida ao longo de duas semanas de ensaio e com base num dos contos trabalhados na disciplina do Português (ver Anexo 15). Deste modo, as dramatizações, relativas ao conto “O beijo da Palavrinha” de Mia Couto ou a “A Princesa e a Ervilha”, foram ensaiadas e apresentada num curto espaço de tempo, não tendo contado com a participação de todos os alunos da turma.

Neste contexto, importa ainda salientar que embora tivessem sido planificadas outras atividades que poderiam ser feitas no âmbito da expressão dramática e do jogo lúdico-didático, estas não foram exequíveis, sobretudo pela falta de tempo ou pela sobreposição de algumas atividades, quer inerentes a outras disciplinas, quer a atividades externas ao horário letivo.

3. Reflexão Final da Prática de Ensino Supervisionada

Em primeiro lugar há que referir que ambos os períodos da PES foram realizados em duas instituições com as quais o IPG possui protocolos próprios. Assim sendo recorde que a PES I, em contexto pré-escolar, foi realizada no JI de Panóias de Cima, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 3-5 anos. Por outro lado, a PES II, em contexto do 1.º CEB, foi levada a cabo na Escola Básica do Espírito Santo, com uma turma de 4.º ano, ou seja, alunos com idades entre os 9-10 anos.

É imprescindível reiterar que ambos os estágios tiveram a duração de quinze semanas, divididas em três semanas de observação e sete semanas de atividade prática. Contudo, estes foram por vezes interrompidos devido à situação pandémica, provocada pela Covid-19, obrigando a períodos de ausência e atividades à distância, utilizando as TIC ou o Estudo em Casa.

Em seguida refira-se que, no início, embora o professor estagiário não estivesse confortável e preparado por estar com dois grupos de crianças com idades tão distintas, foi possível ultrapassar as barreiras que existiram ao longo deste percurso e, conseqüentemente, criar com elas uma ligação especial e que ficará para o resto da vida.

Mais ainda, quer durante o período de observação, quer durante as semanas de componente prática, existiram medos e receios, principalmente no que dizia respeito às atividades do domínio físico-motor, e que exigissem o movimento do corpo, como por exemplo as canções e dança, que provocaram algum desconforto.

No entanto há que salientar que houve capacidade de resiliência para ultrapassar os obstáculos deste percurso, de forma a adquirir novas e melhores competências e capacidades para o meu futuro profissional.

Também os comentários e críticas construtivas por parte das educadoras cooperantes (no pré-escolar), bem como do professor cooperante (no 1.º CEB), foram sempre bons alicerces para a promoção das práticas pedagógicas, com vista a proporcionar e tornar exequíveis diferentes tipos de atividades, para cada uma das áreas/disciplinas que compõem o currículo dos dois níveis de ensino para os quais este mestrado habilita.

Embora nem todas as atividades tivessem obtido sucesso, fica a satisfação por todo o desempenho, muito apoiado também por outras colegas, nestas duas experiências.

Neste âmbito reforce-se ainda que apesar do ritmo exaustivo e extenuante que se tem na prática pedagógica em JI, este exige muito empenho e dedicação por parte do educador. Mais

importa reiterar que este assume um papel de grande relevo na promoção de aprendizagens ativas e significativas, sobretudo por estar em constante contacto com um público-alvo muito jovem.

Há ainda a mencionar que o grupo de Educação Pré-Escolar era bastante heterogéneo, não só pela questão de as crianças possuírem idades distintas, mas principalmente porque foi possível constatar algumas das características do desenvolvimento pessoal, cognitivo, psicossocial e moral das mesmas. Por outro lado, os alunos do 4.º ano de escolaridade já tinham a sua personalidade bastante vincada, tornando por vezes mais difícil a comunicação com estes.

Uma das características mais apreciada ao longo do estágio foi ainda o papel que as famílias ocupam na vida das crianças, tendo em consideração que existe uma estreita relação entre a educadora titular do grupo com as famílias dos educandos. Desta feita, esta é uma prática pertinente, pois toda a vida da criança pode e deve ser acompanhada não só por quem está com ela no JI, mas também receber o apoio dos familiares.

Refira-se ainda como aspeto a destacar o papel da comunidade em torno das atividades promovidas ao longo do ano letivo, dando ênfase ao papel desempenhado por algumas instituições de relevo, das quais se podem salientar a GNR e a Junta de Freguesia da aldeia de Panóias de Cima.

Com efeito, estes aspetos puderam constatar e fundamentar muitos dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do percurso académico, quer durante a licenciatura, quer do mestrado. Durante o estágio foi possível colocar em contexto prático muitas das competências teóricas que nos foram sendo transmitidas ao longo destes últimos cinco anos.

Apenas com o passar do tempo se foi ganhando autoconfiança e estímulos para continuar esta mesma caminhada, com a finalidade não só de promover boas práticas pedagógicas, mas também criar um vínculo com as crianças, percecionando as suas dificuldades, bem como as suas potencialidades. Só desta forma, enquanto futuro educador/professor, poderão ser promovidas aprendizagens ativas e significativas.

Manifesto ainda que gostei bastante da experiência vivida na PES, dando especial destaque à educação pré-escolar, pois, mesmo não sendo o nível de ensino onde me sentia mais confortável, este mostrou-se mais fácil na sua exequibilidade, dando novamente destaque a todo o apoio que me foi sendo dado. Por outro lado, senti maiores dificuldades e resistência a propostas a serem promovidas na turma do 1.º CEB. Embora todos os dias tivessem sido desafiantes, esta experiência foi bastante mais exaustiva e desgastante, uma vez que também a turma criava momentos de tensão, que nem sempre tinham resolução imediata.

Em conclusão, saliente-se ainda a pertinência de todas as sugestões e correções que me foram sendo feitas, de modo a tornar-me um futuro profissional de educação mais consciente, ativo e

capaz de tornar exequíveis as atividades a serem desenvolvidas, no âmbito dos diferentes domínios e áreas de conteúdo.

Capítulo III

O RED como elemento promotor de cidadania e valores

1. Enquadramento Teórico

O presente estudo teve como documento central o Referencial de Educação para o Desenvolvimento (RED), criado no ano de 2016, por um conjunto de diversos autores, inseridos na área educacional, com a finalidade de projetar vários temas a serem abordados em contexto pedagógico, da educação pré-escolar até ao ensino secundário.

Este documento preconiza que

a escola deve assumir um papel fundamental, em todos os níveis e ciclos de educação e ensino, proporcionando a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades e a promoção de valores, atitudes e comportamentos que permitam às crianças e aos jovens a compreensão crítica e a participação informada perante desafios locais e globais que se colocam à construção de um mundo mais justo, inclusivo e solidário (Torres *et.al.*, 2016, p.5).

Tendo, portanto, como referência este documento, a questão central que norteou este estudo foi saber se, tendo em conta os objetivos a que se propõe, o RED é promotor de cidadania e valores.

Ao longo desta investigação estarão patentes os conceitos de cidadania e valores, uma vez que estes são fundamentais para compreender a importância dos temas e a forma como devem ser aplicados em atividades diversas, no contexto de sala de aula.

Atualmente, as crianças vivem rodeadas de muita informação estando em constante contacto com as tecnologias. No entanto, é no seio da família ou do meio que as rodeiam que são transmitidos os primeiros valores e as primeiras atitudes de cidadania. Infelizmente, muitas são as crianças que entram na escola sem qualquer tipo de atitudes de cidadania. Cabe, portanto, à escola a importante missão de educar para a cidadania.

O conceito de cidadania é abrangido e em sentido lato pode ainda entender-se como um “estatuto jurídico-político, [que] se identifica com a pertença a uma comunidade política (Estado) e se baseia num compromisso social contratualizando direitos e deveres entre o indivíduo e esse Estado” (Torres *et.al.*, 2016, p.13).

Mais ainda, a cidadania pode ser entendida como “a vivência de um conjunto de direitos e deveres num contrato social formalmente democrático” (Silva, 2012, p.17). Na perspetiva educacional, a cidadania visa no essencial a convivência em sociedade, assente em atitudes e valores que devem ser incluídos logo na primeira infância e ao longo da vida.

Este conceito surgiu pela primeira vez na Grécia Antiga, como sendo a responsabilidade do cidadão perante o Estado onde vive e onde se torna um homem sujeito à lei, Branco (2007, p.31) citada por Silva (2012, p.17). Nesse sentido, “enquanto criança, o indivíduo é educado pela família, ao atingir os dezasseis anos a ligação com a família tem o seu final e começa uma nova jornada em que irá receber instrução militar, aprendendo as suas responsabilidades cívicas” (Branco, 2007 citada em Silva, 2012, p.17).

Nesta sequência, a criança, jovem ou adulto enquanto cidadão deve ser conhecedora dos seus direitos, mas também deveres, assumindo assim a igualdade perante a lei, evitando também situações de exclusão.

A cidadania, quando incutida nos programas de ensino, é um conjunto de deveres que todos os cidadãos devem cumprir, mas estes hábitos podem ser explorados em contexto de sala de aula. A par destes devem ser implementadas diferentes atividades que ajudem a criança a tornar-se “mais humana”, do ponto de vista pessoal, social, moral, económico, entre outros, pois “o valor fundamental da educação para a cidadania democrática reside no respeito pelos direitos humanos” (Fonseca, 2001, p.42, citado em Silva, 2012, p.21).

A par do conceito de cidadania, o aluno deve conhecer o conceito de valor ou valores, sabendo que são estes que regem a vida em sociedade a nível geral.

O conceito de valor(es) é muito abrangente e pode estar associado a diferentes áreas, sendo esta “uma palavra polissémica, uma vez que é possível atribuir-lhe diversos significados consoante o contexto com que nos deparamos. A mesma palavra pode ter um significado diferente de sujeito para sujeito” (Lima, 2016, p.5). Assim, o conceito de valor pode estar associado a um princípio humano, a um conceito matemático ou às atitudes morais vivenciadas por um grupo de cidadãos, no seio de uma comunidade.

Ao falarmos do conceito de valores na sua perspetiva moral, este pode ser definido como sendo “determinados princípios que norteiam a vida das pessoas, dando-lhes direções e orientação de como Ser, comportar-se, relacionar-se e expressar as habilidades e potenciais em vista da concretização dos projetos e ideias” (Ricotta, 2006, citando em Lima, 2016, p.6).

Através de um conjunto de atividades exequíveis e profícuas pretende-se dar a conhecer ao aluno uma série de valores e atitudes de cidadania, que o deverão acompanhar ao longo de toda a sua vida. Alguns exemplos de valores a serem transmitidos são a amizade, o respeito, a tolerância, a solidariedade, a entajuda, etc.

Hoje em dia, muitas são as questões levantadas pelos familiares das crianças, que colocam em causa como e quem deve transmitir atitudes de cidadania e valores. Também um pouco por

todo o mundo, estes conceitos assumem-se como discordantes, “tornando-se tendencial o seu carácter controverso e não-consensual, pelo que este não se mostra com contornos firmes ou inflexíveis, mas antes pouco estável, de limites variáveis e em constante compreensão e aprofundamento” (Garção, 2010, p.3).

Também Souto Moura (2007), em Garção (2010, p.1) corrobora esta afirmação, pois “fala-se de valores quando os valores antes uniformemente aceites são postos em causa, ou pelo menos não são generalizadamente perfilhados”.

Neste sentido, a escola assume um papel de relevo na preparação do aluno para o futuro, tal como preconiza Dewey (1859-1952), que defende “Uma escola pela vida e para a vida”. Desta forma, o aluno consegue compreender a importância dos valores no seu dia a dia e para a sua convivência com a restante sociedade.

Importa ainda salientar que os conceitos de cidadania e valores devem surgir concomitantemente, ou seja, de forma que estes se complementem, através de práticas pedagógicas ativas e, que ao mesmo tempo, permita ao aluno adquirir novos conhecimentos, através da manipulação e do aprender fazendo (“*learning by doing*”).

Através do documento usado como fundamentação ao objeto de estudo, foram selecionados alguns temas para serem trabalhados em contexto pedagógico. Dos seis temas presentes no RED, foram escolhidos três a fim de serem analisados e, conseqüentemente, aplicados através de atividades práticas. Foram estes a Pobreza e Desigualdades, a Paz e a Cidadania Global.

Em relação ao tema da Pobreza e Desigualdades, o foco centra-se na compreensão de que nem todos os países, nem todos os povos ou pessoas têm as mesmas possibilidades económicas, motivo pelo qual são desencadeadas, muitas vezes, diferentes situações problemáticas que criam conflitos.

A pobreza “foi durante muito tempo identificada com situações inevitáveis e com a incapacidade dos indivíduos se superarem a si próprios de modo a conseguirem ultrapassá-la” (Torres *et.al*, 2016, p.12). Esta situação acentua-se quando a sociedade em geral e o Estado em particular não oferecem o devido apoio às populações carenciadas.

A par da pobreza surgem as desigualdades sociais motivadas por diferentes fatores, de que são exemplo as desigualdades salariais entre homens e mulheres, ou a pobreza *vs* riqueza, como elementos que contribua para a saúde ou ausência da mesma.

Neste sentido, é fundamental e mesmo imprescindível consciencializar e educar para esta problemática, implementando atividades em que o tema seja abordado amplamente, em qualquer

nível de ensino, mas dando primazia às camadas mais jovens, de que são exemplo as crianças que frequentam o 1.º CEB.

O tema da “Paz” pode ser entendido como um pouco subjetivo e, por esse motivo, entendemos ser um dos mais complicados de explicar a crianças mais pequenas. No entanto, podem ser feitas algumas atividades dinamizadoras desta temática, não aprofundando a componente teórica, mas dando maior relevância à componente lúdico-didática.

A maior parte das crianças entendem que o conceito de Paz é o contrário ou ausência de Guerra. Compreendem, ainda, que a ausência da Paz pode trazer consequências devastadoras para o mundo, através de destruição e de muitos efeitos negativos para qualquer país. Deste modo, é fundamental explicar às crianças alguns valores de grande importância para promover a Paz mundial.

No documento base utilizado - o RED, encontramos a diferença entre o “conceito de paz positiva” e de “paz negativa” (Torres *et.al.*, 2016, p.14). Ao falarmos de “paz positiva” referimo-nos ao modo como é aplicada nas sociedades democráticas atuais, sem o uso de força ou extremismos. Por seu turno, a paz negativa entende-se como aquela que é imposta através do uso da força.

É fundamental referir que a Paz é o resultado de um processo de construção e respeito dos valores e desigualdades existentes em todo o mundo. Desta forma, cada criança deve, desde muito cedo, saber distinguir as atitudes positivas das atitudes negativas, para no futuro ser promotora da Paz, contornando as situações delicadas a que vai sendo sujeita no seu dia a dia, de modo a evitar conflitos com o outro.

Este é um tema um pouco mais difícil de abordar em qualquer nível de ensino, pelo que nem todos os parâmetros por ele abrangidos podem ser abordados no 1.º CEB, motivo pelo qual são apenas abordadas as diferenças entre paz e guerra ou ausência de paz (conflitos constantes), bem como a demonstração através de símbolos iconográficos.

A Cidadania Global pode ser entendida como um “estatuto jurídico-político” que se “identifica com a pertença a uma comunidade política (Estado) e baseia num compromisso social contratualizando direitos e deveres entre o indivíduo e esse Estado” (Torres *et.al.*, 2016, p.13).

Associado ao mundo globalizado em que hoje vivemos, no qual se inserem as comunidades, a Cidadania Global entende-se “fundada em valores comuns, baseada num compromisso ético de partilha equitativa dos bens comuns da humanidade, de respeito entre esta e a natureza e de construção de democracias a todas as escalas” (Torres *et.al.*, 2016, p.13).

A cidadania deve ser baseada em valores éticos e morais, e devemos, enquanto educadores ou professores, inculcar o respeito pelo outro às crianças, o valor da Humanidade, da sociedade em que se inserem para que sejam bons cidadãos, e ainda o respeito pela natureza. Assim sendo, as crianças vão empreender alguns conceitos fundamentais como: ser humano, ser vivo, pessoa, animal, planta e natureza, já adquiridos nas aulas de Estudo do Meio.

Assim sendo, as atividades que foram propostas durante o período de estágio com alunos do 4.º ano de escolaridade permitiu explorar e colocar em prática diferentes temáticas do conhecimento dos alunos, não só por serem temas habituais ao longo dos vários anos letivos, mas também como forma de consolidação.

Deste modo, considera-se fundamental educar para a cidadania e valores, durante a infância, para que a criança se torne um cidadão autónomo e consciente, motivo pela qual “a educação para a cidadania é a participação responsável dos cidadãos na vida pública do país com base nos princípios fundamentais da democracia. Esta base faz com que os cidadãos se aproximem do verdadeiro sentido de democracia e de cidadania, sendo-lhes inculcada assim uma cidadania responsável” (Henriques, 1999 citado em Silva, 2012, p.21). É por esse motivo que se considera tão pertinente o tema em questão, bem como o uso dos documentos orientadores como ferramentas fundamentais para a aplicação de atitudes de cidadania e transmissão de valores nas camadas mais jovens.

2. Âmbito do Estudo

Ao longo das semanas da PES II com a turma do 4.º ano, da Escola Básica do Espírito Santo, foi possível observar e constatar que muitos comportamentos dos alunos revelavam alguma falta de noção de cidadania e valores, bem como de empatia uns pelos outros.

Por esse mesmo motivo, e tendo trabalhado o documento RED, na disciplina de Estudo do Meio, onde se inclui a cidadania, sentimos que os temas propostos pelo mesmo seriam de extrema pertinência para este estudo, uma vez que serviam de motor para consciencializar os alunos, adquirirem algumas noções básicas associadas à cidadania e aos valores, com a finalidade de se tornarem cidadãos autónomos e capazes de agir corretamente perante diferentes situações.

O uso deste documento foi complementado com o documento Global Schools do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e com os próprios programas curriculares do 1.º CEB.

Note-se que, atualmente, as crianças vivem rodeadas de informação, decorrente da tecnologia, o que nem sempre é benéfico para a aquisição de atitudes de cidadania e aquisição de valores.

Importa salientar que esta se tem tornado uma questão muito controversa, contrapondo as famílias dos alunos com professores: Afinal quem deve promover a cidadania aos alunos? Quem deve ser responsável por transmitir e consolidar valores?

Entendemos que os valores e as primeiras atitudes de cidadania devam ser promovidos no seio familiar, cabendo ao professor complementar essa educação, fazendo com que o aluno evolua e os coloque em prática.

Entendemos, ainda, que não chega existir uma disciplina/área específica para promover atitudes de cidadania e que o contexto pedagógico em geral deve ser promotor dessas atitudes e que a educação para a cidadania deve ser transversal a todas as disciplinas. É neste contexto que o RED se assume de extrema relevância não só como documento orientador das temáticas a serem desenvolvidas, mas também no modo como as mesmas devem ser articuladas com os conteúdos que compõem o currículo e os programas.

Antes de mais, o aluno deve ser capaz de conhecer-se para assim ser capaz de se relacionar com os outros, pois “o exercício da cidadania se fundamenta, não apenas no conhecimento do Bem exterior, mas do Bem interior do próprio homem, na sua capacidade de autodomínio, na descoberta da justiça interior” (Fonseca, 2011, p.103). Só assim, o aluno se tornará um cidadão capaz de aceitar as diferenças, ser empático e relacionar-se com os outros.

A par de promover atitudes para a cidadania, o professor é também responsável por transmitir ou consolidar o conceito de valores, mas essencialmente saber aplicá-los na vida quotidiana do aluno, tendo em conta que os valores que devem ser adquiridos, hoje, não são os mesmos do século passado. De facto, “registra-se apenas a ocorrência indubitável de uma transformação dos valores socialmente acordados, articulados dos novos projetos em curso, tanto em nível pessoal quanto em nível coletivo” (Machado, 2006, p.22).

Mais uma vez, o centro de toda esta questão prende-se com a educação e a forma como esta deve ser implementada com um grupo/turma de crianças em idades precoces.

Tal como foi mencionado *a priori*, nem todos os temas foram objeto de estudo e análise, sobretudo, primeiro pela falta de tempo útil, uma vez que tínhamos de cumprir as diretrizes e conteúdos a serem lecionados de semana para semana. Assim sendo, dos seis temas propostos pelo documento RED foram selecionados estes três: Pobreza e Desigualdades; Paz; e Cidadania Global.

3. Metodologia usada no âmbito do estudo

Em primeiro lugar há a salientar que a principal metodologia utilizada para a obtenção de alguns resultados, a fim de serem objeto de tratamento e análise, foi essencialmente por meio de observação direta.

A observação é um dos métodos por excelência de preparação das atividades, bem como de as refletir, aplicar e avaliar, pois tal como preconizam Silva *et. al.* (2016, p.15)

Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação. Porém, essa observação não se pode limitar às impressões que os/as educadores/as vão obtendo no seu contacto diário com as crianças, exigindo um registo que lhes permita contextualizar o que foi observado e situar essas informações no tempo. Anotar o que se observa facilita, também, uma distanciação da prática, que constitui uma primeira forma de reflexão.

A observação pode ainda ser apresentada como sendo direta ou indireta, tendo sempre em vista o tipo de atividades que se pretendem desenvolver e, conseqüentemente, avaliar. Por esse mesmo motivo, Biezma (2013, p.214) afirma que “a observação é considerada o instrumento principal do processo de avaliação na Educação Infantil”. Mais importa referir que, para que a observação seja um elemento de avaliação e apreciação produtivo, esta deve ser válida, fiável e objetiva.

No entanto, a observação deve sempre seguir alguns passos fundamentais, sendo estes: o que observar, quando observar e como observar. Assim sendo, “Para observar, registar e documentar o que a criança sabe e compreende, como pensa e aprende, o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses, é indispensável que o/a educador/a selecione e utilize estratégias diversificadas” (Silva *et. al.*, 2016, p.15).

Para efetuar os registos de observação, o educador/professor pode utilizar alguns dos seguintes métodos de avaliação: listas ou grelhas de avaliação, sobretudo na Educação Pré-Escolar e 1.º CEB; as escalas estimativas, ou seja, o nível atribuído ao aluno (muito bom, bom, suficiente, insuficiente); as escalas numéricas, em que é atribuído um número de 1 a 5 tendo em conta os progressos do aluno no processo de ensino/aprendizagem; e as escalas gráficas e descritivas, que mostram a evolução das aprendizagens obtidas pelos alunos, sendo estas mais gerais e contemplam nenhum aluno individualmente, mas sim o grupo.

Como afirmam Quivy & Campenhoudt (2008, p.200), “a melhor e, no fundo, a única verdadeira formação em observação é a prática”, daí que esta se tenha afirmado crucial, pois

possibilitou a observação dos comportamentos no momento exato em que eles decorreram, compreendendo assim, as necessidades e interesses das crianças.

Por conseguinte, a metodologia aplicada neste estudo, residiu na criação de algumas grelhas de observação direta e indireta por parte do adulto, mas também através de grelhas de auto avaliação, fornecidas aos alunos, permitindo-lhes refletir sobre as suas aprendizagens e competências ou dificuldades na compreensão de um determinado conteúdo, bem como na execução das atividades propostas.

A observação deu origem ao preenchimento de grelhas de observação que nos ajudaram, posteriormente, na apresentação e análise dos resultados. Neste intuito, foram criadas três grelhas de observação, as quais, segundo Veríssimo (2000, p.67) são “também designadas por grelhas de análise, servem (...) para registar a observação da frequência e da progressão de determinados comportamentos previamente selecionados”. A utilização das mesmas tem como objetivo registar os comportamentos das crianças, observados em determinados momentos mediante as diferentes estratégias que foram aplicadas, das quais se destacam a participação e empenho dos alunos durante a realização das atividades.

Assim sendo, as três atividades promovidas no âmbito do RED, concretizadas em sala de aula foram “Vamos abraçar causas?”; “Constróis a Paz?” e “Todos Diferentes, Todos Especiais!”. Estas eram sempre acompanhadas por uma grelha de registos de observação, onde o estagiário toma nota do desenvolvimento dos alunos tendo em consideração sempre as mesmas quatro questões: “compreendeu o conteúdo da atividade?; percebeu a importância da(s) atividade(s)?; participou ativamente na(s) atividade(s)? e; soube identificar o problema e indicar soluções?”.

Também os alunos realizavam a sua auto avaliação após o término da exploração do tema trabalhado, tal como das atividades que eram propostas. Contudo, importa salientar que a auto avaliação da primeira atividade foi a única a não ser realizada nestes moldes, pois teve de transitar para a semana seguinte. Mais ainda, também na terceira atividade surgem apenas vinte e cinco resultados no total, porque um dos alunos deixou o estabelecimento de ensino, saída motivada pelo ingresso numa outra escola, noutra cidade.

Este estudo utiliza uma metodologia qualitativa, através da observação direta e/ou indireta, em que o processo é mais importante do que os resultados (Bogdan e Biklen, 1994).

De acordo com Denzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação que envolve o estudo e o uso de uma variedade de materiais empíricos e que, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra, definindo-a genericamente como “uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (Denzin e Lincoln, 2006, p.17).

Pelas suas particularidades, este estudo define-se por ser uma investigação-ação que se apresenta “como um método para a melhoria das práticas, uma vez que implica uma constante observação e reflexão sobre a ação do docente, sobre o desenvolvimento da criança e sobre a organização do ambiente educativo, no que diz respeito aos materiais, ao tempo, espaço e interações” (Silva, 2009, p.40-41).

Definimos que este estudo é uma investigação-ação porque é realizada na sala de atividades diretamente com as crianças. O educador, inicialmente, observa o grupo para encontrar um caso que possa ser investigado. Esta é uma prática que procura resolver situações problemáticas reais, com o intuito de ajudar a melhorar a prática do educador, sendo que as crianças deverão ser sempre as protagonistas de toda a investigação.

Deste modo, a investigação-ação no contexto educativo é um método privilegiado (Barros, 2012). A investigação-ação requer várias etapas como o planeamento, a ação, a observação e a reflexão.

A investigação-ação requer várias etapas como o planeamento, a ação, a observação e a reflexão. Investigar na ação é “essencial para que, através da compreensão do ambiente educativo e da problematização da ação, seja possível refletir e inovar, com vista à mudança necessária” (Silva, 2009, p.43).

A mesma é, assim, compreendida como uma estratégia de formação reflexiva, pois o educador organiza continuamente a sua ação, recolhendo e analisando informações que vai usar no processo da apreensão de decisões, na intervenção pedagógica. De facto, tal como afirma Sousa (2009, p.44) uma investigação inicia-se geralmente porque há a necessidade de se procurar esclarecer uma dúvida, de responder a uma pergunta, podendo na realidade aceitarem-se respostas parciais ou de veracidade duvidosa, mas procurando-se sempre chegar a respostas de maior rigor.

Esta metodologia permite que se solucionem os problemas decorrentes da prática curricular, bem como “para contribuir para o aperfeiçoamento de todos os profissionais implicados na melhoria do processo educativo” (Vilar, 1993, p.14).

Níveis de Pesquisa utilizados

Em primeira instância, sobre a finalidade da metodologia aplicada no contexto das atividades que foram sendo desenvolvidas ao longo do processo de estágio, inseridas no âmbito desta investigação sobre o RED, esta caracteriza-se por ser uma finalidade básica, pois permite acumular conhecimentos e complementar aqueles que já existem.

Relativamente ao nível dos objetivos presentes, trata-se de objetivos de natureza exploratória, uma vez que estes visam o enriquecimento da pesquisa feita, utilizando a informação pré-existente, mas também analisar novos dados e novas perspectivas, tendo em conta as atividades que foram objeto de aplicação, em contexto prático, bem como do seu tratamento e, posterior análise, através de tabelas e gráficos.

Neste contexto, sobre os procedimentos utilizados centraram-se numa revisão bibliográfica de dois documentos principais, tendo-os como suporte à fundamentação e alicerçam os conteúdos explorados e colocados em prática, em três conjuntos de atividades distintas: “Vamos abraçar causas?; Constróis a Paz?, Todos diferentes, Todos especiais!”. Assim sendo, refiro que os dois documentos utilizados foram o *Referencial de Educação para o Desenvolvimento* (RED) e o guia *Global Schools*, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Ambos os documentos mencionados trabalham a temática que aqui se pretende analisar a aprofundar através da aplicação de diferentes atividades.

No que concerne à natureza da pesquisa, esta pode ser entendida como qualitativa, que consiste em perceber se os alunos compreenderam a importância dos temas trabalhados, tal como a aplicação através das diferentes atividades, salientando onde houve maior e menor dificuldade.

Para o efeito foram construídas grelhas de auto avaliação, compostas por quinze ou dezasseis questões que visavam o conhecimento adquirido ou não por parte dos alunos, aquando da exposição e exploração do tema, bem como da sua posterior aplicação em atividades práticas e manipuláveis, mas ao mesmo tempo reflexivas.

4. Procedimentos e análise de dados

Tal como preconiza Sousa (2009), o professor deve elaborar um plano detalhado do que pretende colocar em prática, neste caso da investigação levada a cabo. Posto isto, para além de ser conhecedor dos temas a serem abordados, também deve ser capaz de criar um planeamento pormenorizado e conciso, aliando-o às estratégias a serem adotadas. Neste caso, as estratégias passaram pela realização de três atividades, algumas com mais do que um momento.

De forma a promover atitudes de cidadania e transmitir valores na infância, com uma turma de 4.º ano, foram pensadas, planeadas e planificadas atividades, a fim de explorar três dos temas patentes no RED. A seguir são expostos os objetivos e os processos de operacionalização das mesmas.

Desta forma, dadas as características da investigação e, conseqüentemente, da metodologia adotada, foram, então, utilizadas como instrumentos de recolha de dados, as grelhas de observação, partindo de algumas técnicas que consideramos essenciais para esta investigação: a observação participante, os registos fotográficos, que foram utilizadas para o registo de acontecimentos considerados relevantes durante a implementação do estudo, e por fim as fichas de auto avaliação preenchidas pelos alunos.

Atividade 1: “Vamos Abraçar causas?”

Na sequência de uma atividade desenvolvida na semana anterior, esta inerente ao mês de abril como sendo o mês de Prevenção dos maus-tratos infantis, a turma pôde tomar conhecimento de que existem diferentes laços de fita, com diferentes cores, sendo que estas estão associadas a algumas temáticas que afetam direta ou indiretamente a nossa sociedade, como por exemplo: laço branco: paz mundial; laço preto: luto e violência; laço rosa: prevenção do cancro da mama; etc.

Neste contexto, o grupo visualizou um *PowerPoint* (ver Apêndice 1) com os diferentes laços, as respetivas cores, bem como as datas ou comemorações que lhes estão associadas. De seguida, também tiveram a oportunidade de ver um vídeo e ler uma ficha informativa que continha informações básicas e cruciais sobre os temas que se pretenderam abordar, dando maior ênfase à prevenção e hábitos de cidadania associados a algumas doenças como o cancro, a SIDA-HIV, diabetes, etc., e, ainda, de temas fraturantes como a violência doméstica, violência no namoro, maus-tratos infantis, trabalho infantil, exploração laboral e infantil, entre outros.

A posteriori, os alunos escolheram um tema que mais lhes chamou a atenção, escrevendo uma frase alusiva ao conteúdo trabalhado, relacionado com diferentes doenças e a sua prevenção, bem como a execução do próprio laço (Figuras 37). Há a salientar que os laços deveriam ser elaborados

de forma simples, mas utilizando o material que tivessem à disposição, aplicando a frase numa tira ou cartaz em forma de slogan para a prevenção.



Figura 37: Laços elaborados pelos alunos

Fonte: Própria

Durante o processo de execução das atividades, o estagiário teve sempre junto de si uma grelha de observação direta (Apêndices 3,4 e 5), onde foram registados os dados inerentes às quatro questões fundamentais que se pretendiam analisar, que são as seguintes: compreendeu o conteúdo e o tema?; percebeu a importância das atividades?; participou ativamente nas atividades?; e soube identificar o problema e indicar soluções?

Reforça-se aqui a pertinência das quatro questões que permitem compreender o desenvolvimento e participação dos alunos durante o processo de realização das mesmas. Mais ainda, é crucial aferir que esta análise foi feita sob o ponto de vista do professor estagiário, através do preenchimento de uma grelha de observação.

Relativamente à primeira atividade, verificámos que a maior parte dos alunos compreendeu o conteúdo e o tema trabalhado, tal como se verificou a participação ativa da maior parte dos elementos da turma (Figura 38).

Nº	Nome do Aluno	Compreendeu o conteúdo e o tema?			Percebeu a importância das atividades?			Participou ativamente nas atividades?			Soube identificar o problema e indicar soluções?		
		Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não
1	A1	X			X			X			X		
2	A2	X			X			X			X		
3	A3	X				X		X				X	
4	A4	X				X		X				X	
5	A5		X			X		X				X	
6	A6		X				X	X					X
7	A7	X			X			X			X		
8	A8	X			X			X			X		
9	A9	X			X			X			X		
10	A10			X			X		X				X
11	A11		X			X		X				X	
12	A12	X			X			X				X	
13	A13	X				X		X			X		
14	A14		X			X		X			X		
15	A15		X			X		X			X		
16	A16	X			X			X			X		
17	A17	X			X			X			X		
18	A18	X			X			X			X		
19	A19	X			X			X			X		
20	A20		X			X		X				X	
21	A21	X			X			X			X		
22	A22		X			X		X				X	
23	A23		X				X	X				X	
24	A24	X			X			X			X		
25	A25	X			X			X			X		
26	A26	X			X			X				X	

Figura 38: Observação da Primeira Atividade

Fonte: Própria

No que diz respeito à importância da atividade, bem como a identificação do problema e indicação de possíveis soluções, as variações oscilam entre os que as compreenderam bem a atividade e os que a compreenderam “Mais ou Menos” (Tabela 3 e Gráfico nº1).

Tabela 3: Observação direta do professor estagiário sobre a Atividade 1

QUESTÃO	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
1. Compreendeu o conteúdo e o tema?	17	8	1
2. Percebeu a importância das atividades?	14	9	3
3. Participou ativamente nas atividades?	25	1	0
4. Soube identificar o problema e indicar soluções?	15	9	2

Fonte: Própria

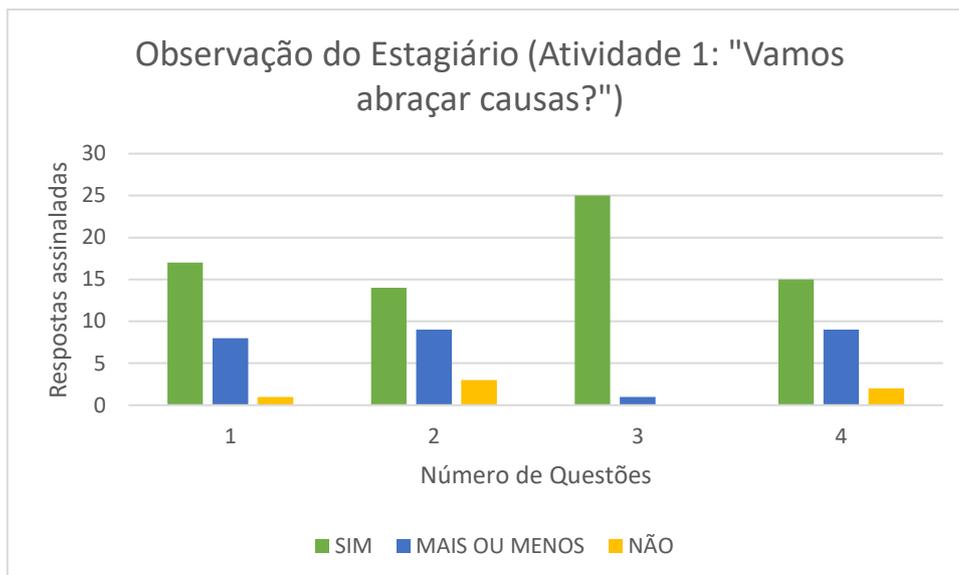


Gráfico n.º 1: Observação do professor estagiário na Atividade 1

Fonte: Fonte Própria

No que concerne aos dados recolhidos durante a auto avaliação feita por cada um dos alunos, nota-se uma clara prevalência da resposta “Sim” para a maior parte das questões colocadas na respetiva ficha (ver Apêndice 6).

Através da análise dos dados obtidos (Tabela 4), podemos concluir que a maior parte dos alunos compreendeu a importância da atividade desenvolvida, bem como dos conceitos explorados.

Mais ainda, a turma também respondeu em grande número que foi capaz de realizar a atividade proposta, mas é na última questão que surgem resultados mais díspares, entre os alunos que foram capazes de concretizar a atividade sem qualquer dificuldade e, aqueles que tiveram algumas dificuldades durante o processo (ver Tabela 4).

Note-se que na primeira questão surgiram oscilações nos resultados obtidos entre os alunos que ainda se lembravam da informação e da atividade em si, mas também aqueles que ainda se lembravam dessa informação, mas que não a retiveram na totalidade. Há a referir que isto aconteceu, sobretudo, porque a ficha de auto avaliação foi distribuída e preenchida uma semana depois da aplicação da Atividade 1, ao contrário do que aconteceu nas atividades seguintes, em que essa ficha foi entregue e preenchida logo após a aplicação prática das tarefas que foram solicitadas.

Também é imprescindível salientar a facilidade de aquisição do conhecimento por parte de quase todos os elementos da turma, tal como na identificação da problemática através da dicotomia Riqueza *versus* Pobreza, compreendendo que nem todas as populações no mundo têm

os mesmos acessos e facilidades aos cuidados de saúde, tal como a existência de medicamentos mais caros. Mais ainda, os alunos observaram imagens onde era notória a distinção entre pessoas pobres e ricas (ver Apêndice 1).

Tabela 4: Registo das Respostas dadas pelos alunos no momento de Auto Avaliação da Atividade 1

Questão	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO	TOTAL
1.Ainda me lembro da informação dada?	10	15	1	26
2.Já sei identificar diferentes cores de laços e associar a diferentes doenças?	15	10	1	26
3.Ainda me recordo de quais as doenças que foram abordadas?	7	18	1	26
4.Reconheço que no mundo existem dois extremos: a riqueza e a pobreza?	24	2	0	26
5.Sou capaz de identificar os países onde existe maior riqueza e pobreza?	16	9	1	26
6.Consigo perceber que as desigualdades sociais são negativas para os países mais desfavorecidos?	13	10	3	26
7.Fui capaz de comparar as imagens mostradas?	23	2	1	26
8.Consegui criar um <i>slogan</i> para a prevenção das doenças que foram abordadas?	20	4	2	26
9.Consegui criar um <i>slogan</i> para combater as desigualdades sociais e os extremos Riqueza <i>versus</i> Pobreza?	16	8	2	26
10.Compreendi a atividade que foi proposta?	25	1	0	26
11.Fui capaz de medir, recortar e colar o laço?	21	5	0	26
12.Soube associar a cor do laço à respetiva doença?	21	5	0	26
13.Consegui criar um <i>slogan</i> que englobasse a doença e o combate às desigualdades sociais?	16	9	1	26
14.Soube associar a atividade ao tema proposto?	21	4	1	26
15.Participei ativamente na atividade proposta?	17	9	0	26
16.Durante a tarefa tive alguma dificuldade na compreensão do tema ou na execução da mesma?	9	10	7	26

Fonte: Fonte Própria

Em resumo, através desta atividade, as crianças souberam identificar diferentes tipos de doenças, que podem ser representadas através de laços coloridos, tendo em conta algumas mensagens de prevenção. A par desta, também souberam identificar e reter as desigualdades sociais que existem no mundo, compreendendo a informação transmitida através das imagens que foram mostradas e, que mostram a clara discrepância entre riqueza e pobreza.

Atividade 2 “Constrói a Paz?”

Primeiramente há a salientar que esta atividade foi dividida em três momentos distintos: associação de atitudes corretas e incorretas aos respectivos *emojis* (Figura 39), descoberta e associação de imagens de Paz vs Guerra (Figura 40), e a pintura da pomba como símbolo da Paz (Figura 41).

No primeiro momento, afixaram-se no quadro de giz, duas caras feitas a cartolina. Uma cara feliz, elaborada em cartolina verde, e uma cara triste, elaborada numa cartolina vermelha (Figura 39).

Dentro de uma caixa, inserimos pequenos cartões com imagens que representavam ou ações pacifistas (ações boas, pacificadoras, amigas) ou ações agressivas (ações más, de discórdia, inimigas).

Cada criança, tirando aleatoriamente uma imagem da caixa, teve que colar a imagem na cara que achava adequada. Especificando melhor, se a um aluno saísse uma imagem que representasse uma ação agressiva (como por exemplo, uma criança a tirar forçadamente o brinquedo à outra), ele teria que colocar a imagem na cara triste, se lhes saía uma imagem que representasse uma ação pacifista (um grupo de diferentes etnias a brincarem juntos), teria que colar a imagem na cara feliz.



Figura 39: 1º momento da Atividade “Atitudes Corretas vs Atitudes Incorretas”

Fonte: Própria

De seguida, nove alunos foram chamados a um segundo momento desta atividade. Esta consistiu na associação de nove imagens ao respetivo elemento afixado no quadro interativo: Paz vs Guerra (Figura 40). Aqui, os alunos tinham de associar as imagens associadas à paz, colocando

as respectivas letras, junto a esta palavra e do seu símbolo (pomba), e as imagens relativas à guerra, colocando as letras junto desta palavra e o seu símbolo (espada).

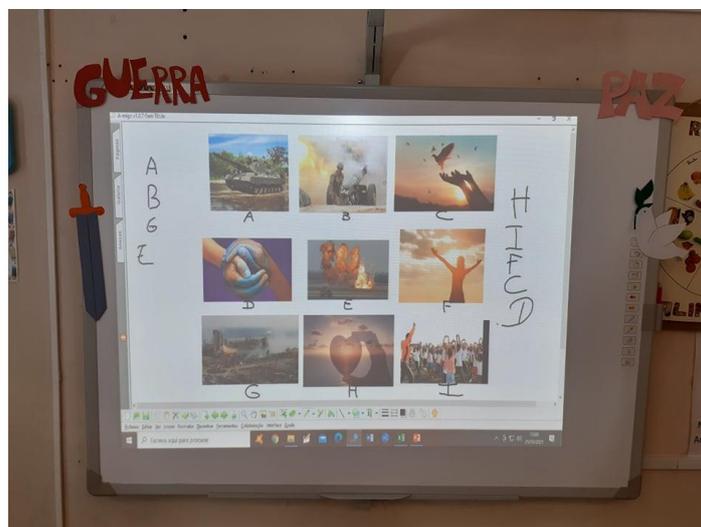


Figura 40: 2º momento da Atividade “Paz vs Guerra”

Fonte: Própria

Posteriormente, todas as crianças pintaram a mão esquerda com tinta branca, colando-a sobre uma folha de cartolina A4 azul clara, dando forma ao corpo da pomba branca da paz, onde colariam um olho de plástico no polegar e, fizeram o bico da pomba com uma caneta preta.

A seguir, desenhariam as asas. Para finalizar a atividade, os alunos colariam um ramo de arbusto ou uma folha no bico da pomba branca. Note-se que alguns alunos puderam optar por outras alternativas de desenho da pomba, utilizando como recursos o lápis de cera pastel branco ou lápis de cor da mesma cor (Figura 41).



Figura 41: 3º Momento da Atividade “Um símbolo, uma mensagem!”

Fonte: Própria

Neste âmbito, à semelhança da tarefa mencionada anteriormente, registaram-se as observações feitas durante a execução das tarefas propostas, utilizando de novo uma grelha de observação direta (Figura 42).

Através da observação, o professor estagiário pôde constatar que as tarefas inseridas nesta segunda atividade foram mais profícuas face à Atividade 1, sobretudo por ser um tema também já debatido noutras ocasiões, como acontecia nas aulas de Estudo do Meio. Dentro das quatro questões aqui colocadas enfatiza-se sobretudo a participação e compreensão do tema, onde se revelou maior adesão por parte dos alunos (Tabela 5 e Gráfico n.º 2).

Nº	Nome do Aluno	Compreendeu o conteúdo e o tema?			Percebeu a importância das atividades?			Participou ativamente nas atividades?			Soube identificar o problema e indicar soluções?		
		Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não
1	A1	X			X			X			X		
2	A2	X			X			X			X		
3	A3	X			X			X			X		
4	A4	X			X			X				X	
5	A5	X				X		X				X	
6	A6		X			X		X				X	
7	A7	X			X			X				X	
8	A8	X				X		X				X	
9	A9	X			X			X				X	
10	A10			X			X	X					X
11	A11		X			X		X				X	
12	A12	X			X			X				X	
13	A13	X			X			X				X	
14	A14	X			X			X				X	
15	A15	X			X			X				X	
16	A16	X			X			X				X	
17	A17	X			X			X				X	
18	A18	X			X			X				X	
19	A19	X			X			X				X	
20	A20		X			X		X				X	
21	A21	X			X			X					X
22	A22		X			X		X					X
23	A23		X			X		X					X
24	A24	X			X			X				X	
25	A25	X			X			X					X
26	A26	X				X		X					X

Figura 42: Observação da Segunda Atividade

Fonte: Própria

Tabela 5: Observação direta do professor estagiário sobre a Atividade 2

QUESTÃO	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
1. Compreendeu o conteúdo e o tema?	20	5	1
2. Percebeu a importância das atividades?	17	8	1
3. Participou ativamente nas atividades?	26	0	0
4. Soube identificar o problema e indicar soluções?	17	8	1

Fonte: Própria

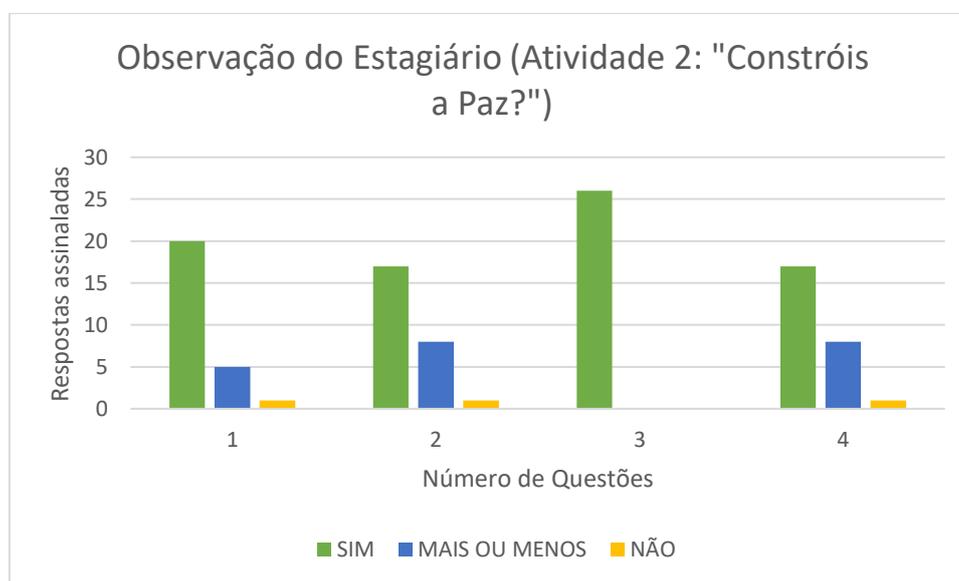


Gráfico n.º 2: Observação do professor estagiário na Atividade 2

Fonte: Própria

Através da análise do Gráfico n.º 2, o maior destaque centra-se na questão número três, onde o adulto observou a participação ativa de toda a turma, o que mostra o claro e notório interesse da criança.

Por sua vez, a auto avaliação feita pelos alunos corrobora a facilidade com que compreenderam o tema, e consequentemente executaram as tarefas que foram propostas, aludindo aos conceitos de Paz *versus* Guerra, bem como dos símbolos que os representam, através das imagens que lhes foram apresentadas.

Tabela 6: Registo das Respostas dadas pelos alunos no momento de Auto Avaliação da Atividade 2

QUESTÃO	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO	TOTAL
1.Ainda me lembro da informação que foi dada?	22	4	0	26
2.Já sei identificar as diferenças entre os conceitos de guerra e de Paz?	23	3	0	26
3.Ainda me recordo de quais as definições que foram dadas?	16	10	0	26
4.Reconheço que no mundo existem países em constante clima de guerra?	25	0	1	26
5.Sou capaz de identificar os países onde ainda hoje há muitas guerras?	12	13	1	26
6.Consigo perceber quais as atitudes promotoras da Paz?	21	5	0	26
7.Fui capaz de comparar as imagens que foram mostradas?	24	2	0	26
8.Consegui criar uma frase inspiradora para a construção da Paz?	21	3	2	26
9.Compreendi as atividades que foram propostas?	24	2	0	26
10.Fui capaz de identificar as atitudes corretas e incorretas e colá-las nos respetivos <i>smiles</i> (verde e vermelho)?	24	1	1	26
11.Soube associar as imagens aos dois conceitos e aos respetivos símbolos: guerra (espada) e pomba branca (Paz)?	22	3	1	26
12.Sou capaz de identificar dois símbolos da Paz: a pomba branca e o logótipo da Paz?	23	2	1	26
13.Soube associar as atividades ao tema proposto?	20	5	1	26
14.Participei ativamente nas atividades propostas?	21	5	0	26
15.Durante as tarefas tive alguma dificuldade na compreensão do tema ou na execução das mesmas?	9	6	11	26

Fonte: Própria

Analisando os dados inseridos na Tabela 6, importa salientar que a moda de respostas foi “Sim”, assumindo um grande papel de relevo no que diz respeito aos conceitos e conhecimentos adquiridos pelos alunos.

A maior parte das questões feitas na ficha de auto avaliação (ver Apêndice 7) incidiam sobre a problemática da guerra, em oposição às soluções apresentadas para alcançar a Paz. Mais ainda, também estão presentes, como é habitual, algumas questões que permitam perceber aquilo que os alunos retiveram, tal como se apresentaram dificuldades ou não na execução das tarefas.

Assim sendo, o maior destaque vai para as questões 1, 2, 3, 9, 13, 14 e 15 que refletem o papel ativo do(s) aluno(s) durante a exequibilidade das tarefas.

Desta feita, a maior parte das respostas dadas encontram-se no patamar do “Sim”, assumindo assim que compreenderam as tarefas, mas também que foram capazes de aplicar sem grandes dificuldades.

Já no que concerne às restantes questões, estas tratam-se fundamentalmente de questões sobre os conceitos e conteúdos aprofundados durante a realização da Atividade 2. Os dados plasmados na Tabela 6 permitem-nos também aferir que muitos alunos entenderam a informação partilhada e utilizada como ferramenta de apoio e/ou revisão de conteúdos que tinham sido trabalhados noutros anos, bem como noutras áreas disciplinares.

Atividade 3 “Todos Diferentes, Todos Especiais!”

À semelhança da atividade 2, também esta foi dividida em dois momentos: o primeiro consistia na elaboração de um mapa do globo (Figura 43) a fim de demonstrar a diversidade de seres vivos e culturas no mundo; e o segundo, que se baseou no visionamento de duas curtas-metragens, das quais foi elaborado um texto reflexivo por parte dos alunos (Figura 44).

Neste âmbito, os alunos recordaram que existem diferentes raças no mundo inteiro, bem como uma grande diversidade de animais e plantas. Assim sendo, à vez, cada um procurou uma imagem de uma planta, de um animal, de uma bandeira e/ou de uma raça para a afixar no cartaz (Figura 43), que fora previamente preparado pelo professor estagiário. Através desta atividade pretende-se inculcar valores de respeito e tolerância por diferentes raças e culturas, bem como recordar alguns dos conteúdos que já foram explorados na área do Estudo do Meio.



Figura 43: 1º Momento da Atividade 3 “Cartaz do Mundo”

Fonte: Própria

Em seguida, os alunos visualizaram duas curtas-metragens: “Cuerdas” e “Ouriço de Natal”, recorrendo à ferramenta digital *YouTube*, que permitiram o contacto com a diferença que possa existir em algumas crianças ou adultos, tendo sido abordadas, assim, que existem crianças com algumas deficiências e/ou necessidades educativas especiais.

Aqui também se pretendeu que os educandos soubessem ter atitudes de respeito, entreaajuda e companheirismo com pessoas que são diferentes, mas que ao mesmo tempo possuem também competências e capacidades, inculindo, desta forma, os valores inerentes à empatia, amizade e amor pelo próximo. Deste modo reconheceram que apesar das inúmeras diferenças que possam existir entre diferentes pessoas, personalidades e culturas, todos somos iguais e, devemos acima de tudo, manter uma atitude de respeito pelo outro.

Por fim, como última tarefa inserida nesta mesma atividade, os alunos tiveram de elaborar uma descrição/reflexão (Figura 44), através de um texto com cerca de 10 a 15 linhas, onde defendessem o seu ponto de vista face aos vídeos que foram apresentados, permitindo compreender se os valores aqui presentes foram ou não adquiridos e colocados em prática.

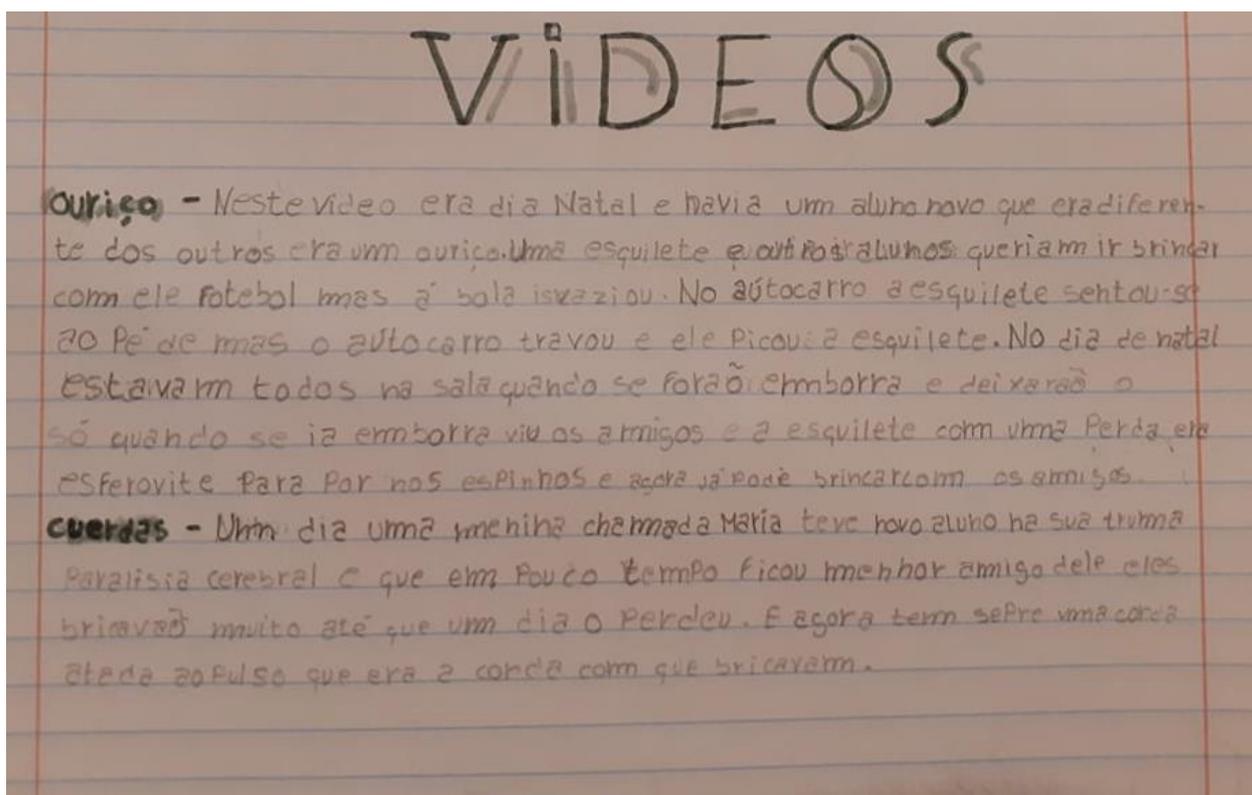


Figura 44: 2º Momento da Atividade: exemplo de uma descrição feita por uma aluna do 4.º ano (antes da correção por parte do professor estagiário)

Fonte: Própria

Em primeiro lugar, nesta atividade foram contabilizadas apenas vinte e cinco respostas, quer na grelha de observação do estagiário, quer nas respostas obtidas provindas das grelhas de auto

avaliação dos alunos, pois um dos alunos abandonou o estabelecimento de ensino, uma vez que a sua família mudou-se para uma nova cidade.

À semelhança da grelha preenchida pelo adulto aquando da aplicação das tarefas inseridas na Atividade 2, também as da Atividade 3 mostram resultados animadores. Estes refletem essencialmente a participação ativa da turma em mais um conjunto de tarefas (Figura 45).

Foi perceptível que este tema foi o mais complexo e difícil de abordar, o que justifica as grandes oscilações entre as respostas dadas às restantes questões (Tabela 7).

Nº	Nome do Aluno	Compreendeu o conteúdo e o tema?			Percebeu a importância das atividades?			Participou ativamente nas atividades?			Soube identificar o problema e indicar soluções?		
		Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não
1	A1	X			X			X			X		
2	A2	X				X		X			X		
3	A3	X				X		X			X		
4	A4		X			X		X				X	
5	A5		X			X		X				X	
6	A6		X				X	X				X	
7	A7	X			X			X			X		
8	A8		X			X		X				X	
9	A9		X			X		X			X		
10	A10			X			X	X				X	
11	A11		X			X		X				X	
12	A12		X			X		X				X	
13	A13	O aluno mudou de escola											
14	A14		X			X		X				X	
15	A15	X			X			X			X		
16	A16		X			X		X				X	
17	A17	X			X			X			X		
18	A18	X			X			X			X		
19	A19	X			X			X			X		
20	A20		X			X		X				X	
21	A21	X			X			X			X		
22	A22		X			X		X				X	
23	A23		X		X			X				X	
24	A24	X			X			X				X	
25	A25	X			X			X			X		
26	A26		X		X			X				X	

Figura 45: Observação da Terceira Atividade

Fonte: Própria

Tabela 7: Observação direta do professor estagiário sobre a Atividade 3

QUESTÃO	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
1. Compreendeu o conteúdo e o tema?	11	13	1
2. Percebeu a importância das atividades?	11	12	2
3. Participou ativamente nas atividades?	25	0	0
4. Soube identificar o problema e indicar soluções?	11	14	0

Fonte: Própria

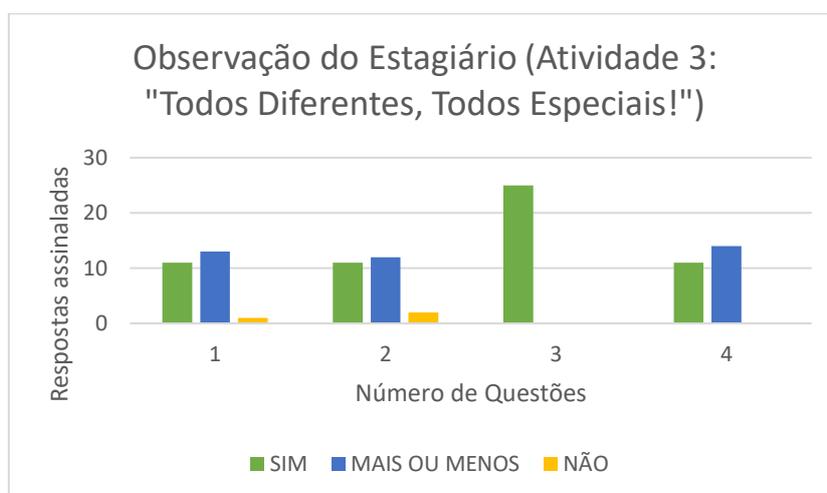


Gráfico n.º 3: Observação do professor estagiário na Atividade 3

Fonte: Própria

Embora a observação feita pelo adulto reflita um ponto de vista, as respostas obtidas nos documentos da auto avaliação dos alunos revela que compreenderam melhor a informação do que aquilo que se tinha pensado em primeira instância, sobretudo por ser um tema amplamente abordado noutras disciplinas, mas também por ser um tema complexo.

Neste contexto, a moda das respostas centrou-se mais uma vez no sentido afirmativo, ou seja, o “Sim” prevalece face às restantes respostas, o que revela que a primeira impressão foi superada.

Tabela 8: Registo das Respostas dadas pelos alunos no momento de Auto Avaliação da Atividade 3

QUESTÃO	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO	TOTAL
1.Ainda me lembro da informação que foi dada?	22	3	0	25
2.Sei identificar que o nosso planeta é constituído por vários continentes e oceanos?	19	5	1	25
3.Ainda me recordo de quais as definições que foram dadas?	16	9	0	25
4.Reconheço que no mundo existem problemas associados às diferenças e desigualdades raciais e culturais?	24	1	0	25
5.Sou capaz de identificar diferentes tipos de animais, plantas, raças, bandeiras e, associá-las aos seus países?	16	8	1	25
6.Consigo perceber quais as atitudes corretas para ajudar pessoas com necessidades especiais?	19	6	0	25
7.Fui capaz de compreender a mensagem dos vídeos que foram mostrados?	23	2	0	25
8.Conseguí participar no debate de ideias, feito em grupo, sobre as situações apresentadas?	14	10	1	25
9.Compreendi as atividades que foram propostas?	21	4	0	25
10.Fui capaz de identificar as atitudes corretas e incorretas durante o visionamento dos vídeos?	23	2	0	25
11.Soube associar as imagens aos respetivos cartazes e, no mapa, aos respetivos oceanos e/ou continentes?	19	7	0	26
12.Sou capaz de indicar soluções para ajudar as pessoas que têm necessidades educativas especiais?	17	8	0	25
13.Soube associar as atividades ao tema proposto?	22	3	0	25
14.Participei ativamente nas atividades propostas?	18	7	0	25
15.Durante as tarefas tive alguma dificuldade na compreensão do tema ou na execução das mesmas?	11	4	10	25

Fonte: Própria

Através da análise da Tabela 8, também houve maior número de respostas de “Sim” relativamente às questões colocadas sobre a aplicação das tarefas solicitadas (ver Apêndice 8). Contudo, tal como tinha acontecido na Atividade 2, também nesta verificou-se uma grande oscilação entre os alunos que tiveram alguma dificuldade ou não na sua execução.

Mais uma vez é crucial reforçar a ideia de que esta Atividade 3 foi a mais complexa, mas também a que exigiu maior concentração por parte dos discentes. A par deste fator, outro que estava inerente residia no facto de serem várias tarefas incluídas na mesma atividade.

Desta feita, os alunos complementaram melhor alguns dos conceitos e conhecimentos já trabalhados, tais como raça, bandeira, planta, animais, mas sobretudo, aprofundar diferentes atitudes e conceitos associados à cidadania global. A par destes também foram exploradas atitudes que se identifiquem com a prática de *bullying* nas escolas e as necessidades especiais (curtas-

metragens: Apêndices 11 e 12), visando a promoção de atitudes de tolerância, respeito e solidariedade.

No final das tarefas pôde concluir-se que a informação foi retida e consolidada por grande parte da turma, pois a maior parte das respostas dadas foram “Sim”, deixando muitas questões com a resposta “Não” com zero resultados.

Em suma, a Atividade 3, apesar de complexa e extensa, foi bem apreendida, revelando um conjunto de resultados satisfatórios e que indicam o progresso do processo de ensino/aprendizagem, através de metodologias e práticas ativas.

5. Conclusões do estudo

Neste âmbito, a prática pedagógica permitiu não só abordar os temas que se encontravam consignados nos documentos RED e do Global Schools, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (como complemento), mas principalmente, aplicar a observação direta, por parte do professor estagiário, através do uso de grelhas de observação e, de fichas de auto avaliação, na perspetiva dos alunos.

Neste sentido, reitera-se a pertinência da contextualização teórica do tema em análise e, cuja prática foi implementada em contexto de sala de aula, através da revisão bibliográfica, quer dos documentos vigentes, quer dos documentos que serviram de apoio e suporte para a criação das atividades.

No entanto, tendo em conta que nos documentos atrás mencionados encontram-se seis temas, há que salientar que foram apenas aplicáveis três temas, sendo eles: Pobreza e Desigualdades (Atividade 1), Paz (Atividade 2) e Cidadania Global (Atividade 3). Por outro lado, sendo apenas três, este puderam ser mais bem explorados e analisados.

Com a exploração dos temas, através das atividades propostas, pretendeu-se que os alunos adquirissem alguns hábitos de promoção de atitudes de cidadania e valores, indo ao encontro do grande objetivo plasmado nesta investigação. Os que mais se destacam são o respeito pelo outro, pelos animais e natureza, a tolerância, a empatia e a amizade.

Foi ainda possível complementar e consolidar conteúdos e conceitos que tinham sido objeto de estudo noutras áreas curriculares.

Por conseguinte, também a metodologia de análise e tratamento dos dados obtidos assumiu um papel de relevo para melhor compreender as aprendizagens, que tinham sido retidas ou não, por parte dos alunos.

Neste sentido saliente-se o uso das grelhas de observação direta por parte do professor estagiário, bem como da criação de ficha de auto avaliação, que foi preenchida pelos alunos, sempre após o término de uma das atividades. Uma das vantagens da sua rápida aplicação consiste no facto de na memória dos alunos ainda se encontrar bem presente tudo o que tenha sido abordado, facilitando a sua posterior análise.

Quanto à análise e tratamento dos dados recolhidos através destas ferramentas permitiu obter alguns resultados e ter melhor perceção das aprendizagens adquiridas pelo aluno, descobrindo se as práticas pedagógicas permitiram a aquisição de aprendizagens ativas e significativas.

Em conclusão, a presente investigação em educação revelou ser útil não só para as atividades a desenvolver ao longo do período de estágio, mas perspetivando a sua aplicação em propostas de trabalhos futuros, através do conhecimento do documento RED, bem como dos temas por ele abrangido.

6. Recomendações e Sugestões

Tal como referido, aquando da aplicação destas atividades em contexto prático, com alunos do 4º ano, da Escola Básica do 1º CEB do Espírito Santo, apenas foram exequíveis algumas das temáticas do RED: Pobreza e Desigualdades, Paz e Cidadania Global.

Contudo, sugere-se que no futuro sejam aplicadas novas tarefas inseridas nestes mesmos temas, permitindo aprofundar novas questões que não foram trabalhadas por falta de tempo.

Todavia, a maior sugestão aqui deixada consiste na criação e futura aplicação de novas tarefas e atividades inerentes aos restantes temas que não foram objeto de estudo. Assim como é mencionado nos dois documentos que regeram estas práticas pedagógicas (RED e Global Schools), ficaram por abordar os conceitos e conteúdos referentes aos seguintes temas: Interdependências e Globalização, Desenvolvimento e Justiça Social.

Há que reiterar que para a futura aplicação de novas atividades, quer remetam para os temas já abordados, quer os que não foram, deverão sempre seguir as orientações sugeridas no RED, tendo ainda como ponto de partida os objetivos que aí estão consignados.

Por fim e não menos importante, pretende-se que todos os temas sejam trabalhados em contexto de sala de aula, em qualquer nível de ensino, visando a preparação das crianças e jovens para a vida futura como cidadãos ativos, autónomos e conscientes. Este é um dos grandes objetivos do documento RED, uma vez que a educação deve ser inclusiva e ao mesmo tempo abrangente.

Conclusão Geral

No âmbito do último ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º CEB, a PES é fundamental no percurso do aluno, quer em contexto da educação pré-escolar, quer do 1.º CEB, e é através dessa prática que este aplica conhecimentos e conteúdos adquiridos ao longo dos vários anos do percurso académico (licenciatura e mestrado).

Assim sendo, recorde-se que a PES I, realizada em contexto de educação pré-escolar, foi desenvolvida no Jardim de Infância das Panóias, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 4-5 anos. Por seu turno, a PES II, em contexto do 1.º CEB, foi desenvolvida com uma turma do 4.º ano (1.º CEB), com crianças com idades entre os 9-10 anos, na Escola Básica do Espírito Santo.

Importa ainda salientar que é em contexto pedagógico que se aprende, através de conquistas e erros, permitindo-se melhorar, a fim de que no futuro seja um docente inspirador e capaz de ultrapassar as dificuldades, mas também de reconhecer e aplicar todas as suas potencialidades.

Note-se que os grupos se encontravam em níveis cognitivos distintos, o que fez com que tivessem de ser aplicados e compreender melhor as crianças que estavam nesses mesmos contextos.

As crianças do JI ainda demonstravam o pensamento pré-operatório, muita imaginação e criatividade, bastantes visíveis durante a realização das atividades, durante a PES, dando especial destaque ao pensamento mágico e aos jogos do faz de conta. Por outro lado, a turma do 4.º ano de escolaridade mostrou claramente estarem no estágio operatório ou das operações concretas, derivado à complexidade das atividades e dos conteúdos explorados ao longo das aulas lecionadas.

No que concerne à temática da investigação, que foi objeto de estudo, análise e aprofundamento em contexto teórico-prático, esta revelou-se de extrema pertinência, dando especial destaque ao documento potencializador da promoção dessas aprendizagens. Assim, conclui-se que o RED é um documento crucial e fundamental na aplicação de práticas pedagógicas ativas e significativas, tendo por base um conjunto de temas, objetivos e descritores, tais como os que foram aqui utilizados, devendo ser visto não como um documento único, mas sim como complemento às aprendizagens e aos programas a serem desenvolvidos ao longo de todo o ano letivo.

Por conseguinte, este documento deve ser articulado com outras áreas/disciplinas a fim de promover atitudes de cidadania e de transmissão ou consolidação de valores, tão necessários para a vida da criança em comum com toda a sociedade que a rodeia. Assim, pode e deve ser utilizado

quer na educação pré-escolar, quer no 1.º CEB ou seguintes, ajustando os objetivos e as atividades a serem elaboradas e aplicadas.

Mais uma vez deve reforçar-se que não se pretende criar uma área/disciplina única, mas sim um vínculo entre áreas curriculares e os conhecimentos e valores já adquiridos, colocando de parte a problemática que contrapõem famílias e professores.

No entanto, a escola e a educação devem ser vistas como elementos de promoção de atitudes corretas de cidadania, mas também de transmissão ou aquisição de valores, tais como a empatia, a solidariedade, o respeito, a tolerância, etc., para que a criança saiba conviver consigo mesma e, ao mesmo tempo com a comunidade que a rodeia.

Através das três propostas de atividades que aqui foram apresentadas, foi apresentado um olhar e uma reflexão de como os alunos compreendem os conteúdos, mas nem sempre os sabem aplicar, tal como foi possível verificar com algumas atitudes e comportamentos incorretos de alguns alunos da turma com que foram realizadas. Mais ainda, estes tipos de comportamentos verificavam-se quer dentro da sala de aula, mas também no recreio, tendo de ser alertados e, por vezes, fazendo novamente referência às atividades já realizadas.

Contudo, grande parte da turma era capaz de aplicar aquilo que aprendia, complementando e corroborando ou discordando da forma como se vive em sociedade. Na generalidade, a turma aplicou-se e demonstrou grande empenho por desempenhar um papel ativo e consciente, tendo em conta as suas atitudes e comportamentos diários.

Atualmente, é fundamental educar para a cidadania e para a aquisição de valores, em contexto pedagógico e, para tal é necessário o uso das ferramentas e materiais corretos, de que é exemplo o RED, complementado com outras fontes de informação. Em suma, pretende-se que a educação seja inclusiva e integrativa, promovendo aprendizagens ativas e significativas.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- BANDEIRA, D. (s.d.) *Material Didático: conceito, classificação geral e aspetos da elaboração*. Consultado a 24/jun, 2021, em <http://www2.videolivreria.com.br/pdfs/24136.pdf>.
- BARROS, L. (2012). *O docente generalista: a importância da continuidade pedagógica para o sucesso na aprendizagem*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- BIEZMA, C.M. (2013). *Didáctica de la Educación Infantil*. Madrid: Macmillan Profesional S.A. (pp.200-222).
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, A. D. (1995). *Novas Metodologias em Educação* (vol.8). Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, R. (1985). *História do Ensino em Portugal – Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CUNHA, C., GALINDRO, P. (2018). *O Cuquedo*. Edições: Livros Horizonte
- DELORS, J., et al. (1996). *Learning: the treasure within. Report to Unesco of the International Commission on Education for the Twenty-first Century*. Paris: Unesco [Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Paris: Unesco]. Rio Tinto: Edições Asa.
- DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. (org.). (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Educação Temática Digital. Porto Alegre: Artmed.
- ESTEVES, A., BARBOSA, A., MADEIRA, E., BARBOSA, G., OLIVEIRA, J., CARDOSO, J., COELHO, L.S., NEVES, L., GONÇALVES, T. (2018). *Global Schools: Propostas de integração curricular da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global no 1.º e 2.º CEB*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC).
- FERNANDES, C. M. L. (2013). *O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem: Relatório da prática de ensino supervisionada para a obtenção do grau de mestre em educação pré-escolar*. Universidade do Algarve.
- FONSECA, J. M. R. (2011). *A Cidadania como projeto educacional: Uma Abordagem Reflexiva e Reconstitutiva*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- FORMOSINHO, J. O. (2018). *A Avaliação Holística: A proposta da pedagogia em participação*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- GARÇÃO, M.M.S. (2010). *Processos de Transmissão de Valores de Cidadania: Entre a Família e a Escola – Tese de Mestrado*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.

- HENRIQUES, M. C.; RODRIGUES, A.; CUNHA, M. F.; REIS, J. (1999). *Educação para a Cidadania*. Lisboa: Plátano Editora S.A.
- HOHMANN, M. & WEIKART, D. P. (2003). *Educar a Criança* (2ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LIMA, F. B. F. (2016). *O Desafio de Educar para Valores no séc. XXI – Tese de Mestrado*. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- LINO, D. (1998). *O Modelo Curricular para a Educação de Infância de Reggio Emilia: Uma Apresentação*. In Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora. (2ªed.) (pp. 93-136).
- MACHADO, N. J. (2006). *Educação: Projetos e Valores* (6ª Edição). Brasil: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros LDA: Coleção Ensaio Transversais.
- MAIA, J. M.; ARAÚJO, T. C. S. (2015). *Contribuições da abordagem holística para a educação: um olhar sobre a integralidade*. Brasil: Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.
- MARQUES, R. (abril de 2001). *História concisa da pedagogia*. Coleção: Aula Prática. Lisboa: Editora Plátano Edições Técnicas (1ª Edição).
- MARQUES, V.A.R. (2017). *Brincar: a essência da infância*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Educação.
- MARTINS, M. A.; NIZA, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Universidade Aberta: Lisboa.
- MIELARET, G. (1975). *A Aprendizagem da Matemática* (Vol.1). Coimbra: Edições Almedina.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (janeiro de 2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo*. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação (4.ª Edição).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2018). (a) *Aprendizagens Essenciais de Matemática para o 4º Ano (1º Ciclo do Ensino Básico) em Articulação com o Perfil dos Alunos*. (b) *Aprendizagens Essenciais do Português do 4º Ano do 1º CEB*. Lisboa: República Portuguesa - Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- OLIVEIRA, F. (2016). *Abandono Escolar e/ou Absentismo - A importância das parcerias estabelecidas para a sua prevenção e redução no âmbito da intervenção de uma CPCJ*. Porto: Faculdade de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- PEREIRA, A. (2014). *O contributo das rotinas diárias para o desenvolvimento da autonomia das crianças*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre.
- PIRES, A. S. V. (2018). *Relatório da Prática de Ensino Supervisionada*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto.

- POMBO, O. (2004). *Interdisciplinaridade. Ambições e Limites*. Lisboa: Relógio d'Água.
- QUIVY, R., & CAMPEHOUDT, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- ROCHA, F. (1988). *Correntes Pedagógicas Contemporâneas*. Aveiro: Livraria Estante Editora.
- RODRIGUES, A. V. (2000). *Guarda – Monografia – Pré-História, História e Arte*. Guarda: Edição da Santa Casa da Misericórdia da Guarda.
- RODRIGUES, F. (2016). *O papel da observação em contexto da formação de educadores de infância - uma prática necessária. Congresso Nacional de Práticas Pedagógicas no Ensino Superior*. Universidade de Lisboa, Portugal.
- RODRIGUES, S. D. S. (2011). *A Importância das rotinas matinais no desenvolvimento da criança no Jardim de Infância: Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada II*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo: Escola Superior de Educação.
- SANTOS, T. A. P. (2014). *Festividades sazonais e comunitárias no currículo em educação de infância: Relatório de Mestrado*. Instituto Politécnico de Santarém: Escola Superior de Educação.
- SILVA, A. R. M. (2012). *Educação para a cidadania: o caso português*. Aveiro: Universidade de Aveiro – Departamento de Educação.
- SILVA, I. L.; MARQUES, L.; MATA, L.; ROSA, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- SILVA, S. (2018). *Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Escola Superior de Educação.
- SIM-SIM, I. (2009). *O Ensino da Leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Edição do Ministério da Educação.
- SPRINTHALL, N. A., SPRINTHALL, R. C. (1993). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: McGRAW-HILL.
- SOUSA, A. (2009). *Investigação em Educação (2ª Ed.)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SOUSA, A. B. (1980). *A Expressão Dramática*. Aveiro: Básica Editora.
- TAVARES, J., PEREIRA, A. S., GOMES, A. A., MONTEIRO, S., GOMES, A. (2007) *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora, LDA.
- TORRES, A., FIGUEIREDO, I.L., CARDOSO, J., PEREIRA, L.T., NEVES, M.J., SILVA, R. (2016). *Referencial de Educação para o Desenvolvimento – Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.
- VERÍSSIMO, A. (2000). *Registos de Observação na Avaliação de Rendimento Escolar dos Alunos*. Porto: Areal Editores.

VILAR, A. (1993). *Inovação e Mudança na Reforma Educativa*. Rio Tinto: Edições ASA.

ZABALZA, M. A. (1998). *Didáctica da Educação Infantil* (2ªed.). Rio Tinto: Edições Asa.

Anexos

Índice de Anexos

Anexo 1: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Pré-Escolar)

Anexo 2: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Plástica e das Artes Visuais (Pré-Escolar)

Anexo 3: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Físico-Motora (Pré-Escolar)

Anexo 4: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Musical (Pré-Escolar)

Anexo 5: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Dramática (Pré-Escolar)

Anexo 6: Planificação da Área da Formação Pessoal e Social (Pré-Escolar)

Anexo 7: Planificação da Área do Conhecimento do Mundo (Pré-Escolar)

Anexo 8: Planificação da Área da Matemática – Subdomínio dos N.O. (Pré-Escolar)

Anexo 9: Planificação de Português (1.º CEB)

Anexo 10: Planificação de Matemática (1.º CEB)

Anexo 11: Planificação de Estudo do Meio (1.º CEB)

Anexo 12: Planificação de Expressão Plástica (1.º CEB)

Anexo 13: Planificação de Expressão Físico-Motora (1.º CEB)

Anexo 14: Planificação de Expressão Musical (1.º CEB)

Anexo 15: Planificação de Expressão Dramática (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Tema</p> <p>Partilha e Dia do Pijama</p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contribuir para a expansão do vocabulário da criança; • Criar um ambiente linguisticamente estimulante; • Saber ouvir e escutar os outros com mais atenção; • Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; • Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade); • Tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (Consciência Fonológica); • Identificar diferentes palavras numa frase (Consciência da Palavra); • Identificar se uma frase está correta ou incorreta e eventualmente corrigi-la, explicitando as razões dessa correção (Consciência Sintática). 	<p>O Conto</p> <p>Apresentação da capa, contracapa e lombada; Personagem.</p> <p>A Sílaba</p> <p>Divisão de palavras simples (através das palmas)</p>	<p>Almofada;</p> <p>Elementos dos 5 sentidos (em cartolina);</p> <p>Obra “Quem está aí?” de Luísa Ducla Soares.</p>	<p>Indireta</p>

Processos de Operacionalização

Atividade: “Vamos ouvir uma História” (ao redor da almofada)

Na sequência das atividades desenvolvidas no âmbito da comemoração do dia do pijama (21 de novembro), as crianças deverão sentar-se nas almofadas, em círculo. Ao centro será colocada a almofada que foi humanizada na primeira tarefa, pois tratando-se de uma outra “pessoa”, também deverá escutar atentamente a história proposta.

Em seguida, o adulto procede à leitura da obra “Quem está aí?” de Luísa Ducla Soares. Concluída a leitura, as crianças são questionadas sobre os seus medos e, devem ao mesmo

tempo expressar as suas emoções face à noite, ao escuro e como se sentem com aquilo que desconhecem.

Para finalizar esta atividade, as crianças deverão bater as palmas para identificar o número de sílabas de algumas palavras-chave presentes na história e, que estão intimamente associadas à temática trabalhada ao longo desta semana.

Anexo 1: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Tema</p> <p>Partilha e Dia do Pijama</p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p><i>Subdomínio da Expressão Plástica e das Artes Visuais</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; • Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa; • Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura, • Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa; • Apreciar diferentes manifestações coreográficas usando linguagem específica e adequada. 	<p>Janela dos Sonhos</p> <p>Tendo por base a temática subordinada ao Dia Mundial do Pijama, as crianças deverão recortar/picotar as suas estrelas, colorindo-a a seu gosto (através de materiais diversos e reaproveitados). Depois, dentro das suas estrelas devem colar uma fotografia de rosto. No fim, as estrelas devem ser afixadas ou penduradas na Janela dos Sonhos.</p>	<p>Estrelas (fotocópias);</p> <p>Diferentes tipos de papel/tecido;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Cola;</p> <p>Fotografias das crianças;</p> <p>Furador;</p> <p>Fio de pesca;</p> <p>Velcro.</p>	<p>Indireta</p>

Processos de Operacionalização

Atividade “Janela dos Sonhos”

Neste âmbito, recordam-se as crianças da temática que está a ser trabalhada ao longo de toda a semana subordinada ao grande tema da “Partilha” intimamente associada à data comemorativa desta mesma semana, ou seja, o Dia Mundial do Pijama, que se celebrará na próxima sexta-feira, dia 20 de novembro.

Neste contexto, a atividade aqui proposta visa aludir a esta mesma data comemorativa, tendo em conta que as crianças devem perceber a importância desta data celebrativa, mas ao mesmo tempo compreender a importância do sono, da hora de dormir, bem como do sentido de sonho, imaginação e a criação de um mundo imaginário.

Em seguida explica-se a atividade que vai ser desenvolvida durante o período da tarde, intitulada de “Janela dos Sonhos”, que visa a consolidação de alguns conhecimentos pré-

adquiridos pelas próprias crianças. Deste modo estarão inerentes os conceitos de sonho, fantasia e imaginação, como que se de uma janela para outra realidade se tratasse, aludindo ainda ao contexto da noite, bem como da hora de dormir.

Assim sendo são distribuídas pelas crianças presentes na sala de trabalho (4-5 anos), uma imagem de uma estrela que deverão preencher com diferentes tipos de materiais, utilizando como técnica, a colagem de diferentes tipos de papel como forma de preencherem o interior da estrela.

De seguida, as crianças devem colar no interior da estrela, uma fotografia sua, utilizando a tesoura e a cola. Ao mesmo tempo, com a ajuda de um adulto devem fazer um furo no topo da estrela, onde será colocado um pedaço de fio de pesca, tendo em conta que as estrelas deverão ser penduradas no cenário criado da janela dos sonhos. Se esta mesma opção não se tornar viável sugere-se que, para a afixação das estrelas no cenário da janela dos sonhos, os educandos coloquem um pedaço de velcro na parte de trás das estrelas, permitindo que estas sejam coladas ao respetivo cenário.

No final, a Janela dos Sonhos deve ser colocada mesmo na janela que se encontra dentro do espaço da sala de trabalho, como se de uma “janela/porta” para um outro mundo se tratasse. Para acompanhar a colagem ou o pendurar das estrelas na mesma, deve-se recordar o poema que foi trabalhado ao longo de toda a manhã. Daí depreende-se a ideia principal subjacente à partilha, através das estrelas. Note-se que este mesmo processo deve ser feito, tendo em conta que o mesmo poema será trabalhado ao longo de toda a semana.

Anexo 2: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Plástica e das Artes Visuais (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Tema</p> <p>Conto Infantil: “O Cuquedo” de Clara Cunha</p> <p>Área da Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da Expressão Artística</p> <p><i>Subdomínio da Expressão Físico-Motora</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a consciência e domínio do corpo; • Libertar a energia acumulada; • Promover estilos de vida saudável e prática do exercício físico; • Explorar livremente o espaço, o movimento e dos materiais disponíveis; • Mobilizar o corpo com precisão e coordenação; • Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros; • Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações; • Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa; • Apreciar diferentes manifestações coreográficas usando linguagem específica e adequada. 	<p>“O Fungagá da Bicharada”</p> <p>Neste momento pretende-se proporcionar às crianças o contacto com uma nova música, um pouco mais antiga e que talvez não conheçam. Trata-se da canção do “Fungagá da Bicharada” do Avô Cantigas. As crianças devem dançar e movimentar o corpo, seguindo as instruções dadas pelo adulto.</p>	<p>Canção “O Fungagá da Bicharada” do Avô Cantigas (YouTube).</p>	<p>Indireta</p>

Processos de Operacionalização

Atividade: “O Fungagá da Bicharada

De forma a implementar uma atividade que envolva a atividade física e o movimento do corpo, será apresentada a canção “Fungagá da Bicharada” do Avó Cantigas. Em primeiro lugar, as crianças devem escutar atentamente a canção, tentando descobrir alguns dos animais presentes na mesma. De seguida, seguindo as instruções do/a educador/a, as crianças devem movimentar-se ao longo do espaço da sala de trabalho, tentando ao máximo que, movimentem diferentes partes do corpo. Por fim, dançarão de forma livre.

Anexo 3: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Físico-Motora (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Tema: Natal</p> <p>Área da Expressão e Comunicação</p> <p><i>Subdomínio da Música</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar sons que a rodeiam; • Proporcionar um momento de introspeção; • Desenvolver um momento de relaxamento; • Desenvolver a imaginação e a criatividade; • Contactar com diferentes formas de ouvir música; • Utilizar diferentes instrumentos para criar uma composição musical; • Valorizar a música como fator de identidade social e cultural; • Interpretar com intencionalidade expressiva-musical canções; • Utilizar diversos tipos de materiais para interpretar uma canção. 	<p>“As Nossas Canções de Natal” e Janeiras</p> <p>No âmbito do projeto “Festa de Natal 2020” e das Janeiras, e tendo em conta a situação de pandemia que o nosso país vive, as crianças vão cantar duas canções previamente ensaiadas nas sessões anteriores. Estas serão gravadas para serem incluídas no CD para enviar às famílias dos educandos.</p>	<p>Projeto-Trautear (“Natal Africano” e “Des Cores”);</p> <p>Instrumentos musicais.</p>	<p>Indireta</p>

Processos de Operacionalização

Atividade: “As Nossas Canções de Natal” (Janeiras)

No âmbito do projeto “Festa de Natal 2020” inserido numa coletânea de atividades desenvolvidas ao longo das sessões das semanas anteriores, as crianças deverão cantar duas canções (“Natal Africano” e “Des Cores”), a fim de que sejam gravadas em vídeo. Estas mesmas canções devem ser incluídas no CD que será enviado às famílias dos educandos. Na sequência das atividades que têm sido desenvolvidas ao longo de toda a semana, as crianças irão proceder a mais alguns ensaios das Janeiras, implementando a musicalidade dos instrumentos aliada às estrofes que foram lidas e trabalhadas nos dias anteriores.

Assim sendo, as crianças deverão ser posicionadas no local onde vai ser realizado o vídeo com esta mesma temática, a fim de que sejam visualizadas algumas falhas ou gafes cometidas pelo grupo, a fim de que sejam colmatadas, antes de ser transformado no produto final.

Só no final de diversos ensaios, o(s) adulto(s) deverão proceder à gravação do vídeo final para que este seja reencaminhado às respetivas famílias, como forma de marcar esta data, que este ano terá um novo contexto, tendo em consideração o atual estado pandémico do país.

Anexo 4: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Musical (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Tema: Conto Infantil “O Cuquedo” Área da Expressão e Comunicação <i>Subdomínio da dramatização</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar um conto já trabalhado; • Estimular a criatividade e imaginação; • Promover um diálogo acerca da obra trabalhada; • Proporcionar experiências de contacto com diferentes tipologias de expressão dramática (fantoques, etc.); • Expressar a música através da dramatização; • Interligar a audição com a visão; • Apreciar diferentes manifestações de arte dramática, a partir da observação de várias modalidades teatrais, ao vivo; • Identificar quantidades através de diferentes formas de representação. 	“Relembrar o Cuquedo” Tendo por foco a elaboração de um projeto em vídeo com algumas das aprendizagens desenvolvidas ao longo do 1º Período letivo, o adulto deverá reler a obra “O Cuquedo” de Clara Cunha. De seguida será feito um ensaio da dramatização da respetiva obra.	Obra “O Cuquedo” de Clara Cunha; Máscaras; Fantocheiro; Instrumentos musicais. Instrumentos musicais.	Indireta

Processos de Operacionalização

Atividade: Relembrar e Dramatização do “Cuquedo”

No seguimento do projeto de realização de um vídeo expositivo e celebrativo desta quadra natalícia, que será enviado aos encarregados de educação de cada uma das crianças, o adulto deverá recorrer à releitura do conto que foi trabalhado ao longo das últimas semanas.

Considerando o gosto das crianças pela obra que foi trabalhada, um dos elementos do vídeo deverá consistir numa dramatização subjacente à obra “O Cuquedo” de Clara Cunha. Para o efeito, o/a educador/a deverá proceder a uma ou mais releituras do conto, recordando os aspetos essenciais da obra.

De seguida, cada uma das crianças deve ter acesso à sua máscara do animal com o qual irá representar essa mesma dramatização. A par disto, as crianças deverão reconhecer os momentos de entrada e saída ou permanência dentro do local da ação dramatizada. Para tal, deverão estar com a máxima atenção para compreenderem todas as instruções dadas pelo/a educador/a.

Apenas no final de três ensaios consecutivos com a história, a vocalização dos animais e os diferentes momentos da ação, deverão ser incluídos os instrumentos musicais que marcarão a entrada de cada um dos personagens, evitando a antecipação ou retardamento da entrada das mesmas em cena.

Anexo 5: Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Artística - Subdomínio da Expressão Dramática (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Tema: Desenvolvimento Humano Área da Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir valores de igualdade; • Expressar-se através de diferentes emoções; • Trabalhar consciência linguística através de lengalengas; 	“Teia das Emoções e Sensações” Através de um ambiente tranquilo e, sentado no chão, o grupo irá desenvolver uma atividade de introspeção, em que se foquem nas suas emoções e sensações.	Novelo de lã.	Indireta

Processos de Operacionalização

Atividade: “Teia das Emoções e Sensações”

Nesta sessão, o/a educador/a deverá levar para a sala de atividades um novelo de lã e, explicar ao grupo a atividade que se vai desenrolar de seguida. Ao mesmo tempo, também deverá fazer alusão entre o novelo de lã e uma forma de brincar dos gatos.

Neste contexto, o adulto deverá passar o novelo de mão em mão, colocando algumas questões, tais como:

- 1- Nome de cada um;
- 2- Nome de criança/adulto para quem se passa o novelo;
- 3- Cor dos teus olhos;
- 4- Cor do teu cabelo;
- 5- Cor da tua roupa;
- 6- O que sentes quando brincas?;
- 7- Preferes estar triste ou alegre?;

- 8- Que cor associavas à tristeza? E à alegria?;
- 9- Como te sentes neste momento?;
- 10- Diz-me o que gostas mais nos teus animais de estimação?;
- 11- O que sentes quando brincas com eles?;
- 12- Como te sentiste a fazer esta atividade?

Anexo 6: Planificação da Área da Formação Pessoal e Social (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Tema: Corpo Humano</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender e identificar as características distintivas dos seres vivos; • Identificar partes do corpo humano; • Recordar os cinco sentidos. 	<p>Constituição do Corpo Humano</p> <p>Recorrendo às imagens e ao esqueleto do corpo humano, as crianças deverão identificar as diversas partes do corpo, cabeça, tronco e membros.</p>	<p>Imagens silhueta do corpo humano;</p> <p>Fio cordel;</p> <p>Imagens silhueta do corpo humano;</p> <p>Esqueleto do corpo humano.</p>	<p>Indireta</p>

Processos de Operacionalização

Constituição do Corpo Humano: Para a elaboração desta atividade, utilizar-se-á, como recurso didático, o esqueleto do corpo humano.

Nele, as crianças terão de identificar a cabeça, o tronco e os membros e, se possível, reforçar a atividade com a descoberta dos:

- Olhos;
- Nariz;
- Boca;
- Ouvidos;
- Mãos;
- Pés;
- Dedos.

Pretende-se que o esqueleto seja desmontado, de modo que o grupo consiga montar os constituintes do corpo de forma correta, sabendo, assim, identificar cada parte do corpo humano.

Constituição do corpo de um gato: Uma vez que, anteriormente, foram identificados os constituintes do corpo humano, nesta atividade serão identificados os constituintes do

corpo de um gato, tais como:

- Cabeça;
- Orelhas;
- Focinho;
- Bigodes;
- Patas;
- Cauda;
- Pelo.

Anexo 7: Planificação da Área do Conhecimento do Mundo (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Tema: Inverno Área da Matemática Subdomínio dos Números e Operações	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar domínios matemáticos inseridos no quotidiano; Representar o pensamento matemático; Desenvolver a apropriação progressiva do sentido de número; Identificar quantidades através de diferentes formas de representação; Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas; Realizar operações de adição e subtração. 	Jogo do Quadro do Inverno Uma vez que na quarta-feira (dia 13 de janeiro), não se elaborou esta atividade planeada, no período da tarde, as crianças manipularam este jogo didático com a ajuda de um educador estagiário.	Quadro de Inverno; Números do 1º ao 4º; Números de 1 a 10; Flocos de neve.	Indireta

Processos de Operacionalização

Atividade: “Jogo do Quadro do Inverno”

O quadro, composto por quatro colunas verticais contém os números em sentido cardinal: 1º ao 4º (linha horizontal superior) e quatro colunas com diferente número de velcro. Cada criança deverá contar o número de bocados de velcro e colar de seguida, o número correto de flocos de neve. Neste âmbito, as crianças poderão trabalhar aspetos relacionados com a área da matemática tal como a contagem de objetos e efetuar operações de adição simples.

Anexo 8: Planificação da Área da Matemática – Subdomínio dos N.O. (Pré-Escolar)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Português</p> <p>Oralidade (O4)</p> <p>Leitura e Escrita (LE4)</p> <p>Educação Literária (EL4)</p>	<p>Escutar para aprender e construir conhecimentos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar informação implícita. • Identificar ideias-chave de um texto ouvido. <p>Ler textos diversos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler textos narrativos, descrições; retrato, textos de enciclopédia e de dicionário, notícias, cartas, convites, avisos e banda desenhada. <p>Ler e ouvir ler textos literários.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer a leitura expressiva de pequenos textos, após preparação da mesma. <p>Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recontar histórias lidas, distinguindo introdução, desenvolvimento e conclusão. Ler para apreciar textos literários. • Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular. • Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados por histórias e poemas ouvidos. 	<p>Texto Literário</p> <p>Leitura e análise da obra “O beijo da Palavrinha” de Mia Couto; História-cordel; Reordenar uma história; Ficha de trabalho.</p>	<p>Obra “O Beijo da Palavrinha” de Mia Couto; Lã e/ou fio resistente; Imagens da obra; Molas.</p>	<p>Indireta.</p>

Processos de Operacionalização

Atividade: “Ordena a História”

Primeiramente, retomando o estudo da obra “O beijo da palavrinha” de Mia Couto, o docente mostra no projetor um variado conjunto de imagens alusivos à história. De seguida,

o grupo deverá responder a algumas questões associadas ao aspeto estético das ilustrações apresentadas. Em primeiro lugar, o docente pede aos alunos que ordenem as imagens, de forma que alcancem a ordem cronológica dos acontecimentos narrados ao longo de todo o conto. Caso seja necessário, o adulto poderá ler alguns excertos da obra, que facilitem esse mesmo processo. *A posteriori* o docente distribui essas mesmas ilustrações por cada uma das crianças, solicitando que as ordenem de forma cronológica, à semelhança daquilo que fizeram em grupo. Desta vez, cada um terá que ordenar as imagens e colá-las numa folha de papel.

Atividade: “História-Cordel do Conto”

Ainda no contexto da obra em estudo, o docente coloca um fio de lã de uma ponta da sala até à outra ponta. Seguidamente deverão ser mostradas as imagens dos diferentes personagens e ainda alguns acontecimentos narrados no conto. O adulto deverá chamar os alunos, um a um, de modo a que escolham a imagem que deve ser colocada no cordel, de forma a fazer uma reordenação, à semelhança da tarefa anterior, mas também que depois sejam capazes de fazer o reconto oral da mesma.

Anexo 9: Planificação de Português (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p style="text-align: center;">Matemática Números e Operações (NO4)</p>	<p>Multiplicar e dividir números racionais não negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estender dos naturais a todos os racionais não negativos a identificação do produto de um número q por um número natural n como a soma de n parcelas iguais a q, se $n > 1$, como o próprio q, se $n = 1$, e representá-lo por $n \times q$ e $q \times n$. • Reconhecer que $n \times a/b = n \times a/b$ e que, em particular, $b \times a/b = a$ (sendo n, a e b números naturais). • Estender dos naturais a todos os racionais não negativos a identificação do quociente de um número por outro como o número cujo produto pelo divisor é igual ao dividendo e utilizar o símbolo «:» na representação desse resultado. • Reconhecer que $a:b = a/b = a \times 1/b$ (sendo a e b números naturais). • Reconhecer que $a/b : n = a/n \times b$ (sendo n, a e b números naturais). • Estender dos naturais a todos os racionais não negativos a identificação do produto de um número q por $1/n$ (sendo n um número natural) como o quociente de q por n, representá-lo por $q \times 1/n$ e $1/n \times q$ e reconhecer que o quociente de um número 	<p>Números e Operações: Multiplicação de números racionais; Divisão de números racionais; Resolução de exercícios; Resolução de Problemas.</p>	<p>Manual do Aluno (pp.108-115); Livro de Fichas de Trabalho (p.59); Livro de Fichas de Avaliação Mensal (Ficha de Avaliação Mensal nº6); Lápis; Borracha.</p>	<p>Indireta.</p>

racional não negativo por $1/n$ é igual ao produto desse número por n .

- Distinguir o quociente resultante de uma divisão inteira do quociente racional de dois números naturais.

Processos de Operacionalização

Atividade: “Divisão de números racionais: Conhecer e Aplicar!”

Na sequência da aula do dia anterior, a turma deverá corrigir os exercícios que ainda não tinham sido terminados nem corrigidos.

Posteriormente, o docente deverá expor um novo conteúdo, estando correlacionado com o conteúdo da sessão anterior. Assim sendo, os alunos irão tomar conhecimento de como deve ser feita a divisão entre números racionais. Para tal irão ler os conteúdos teóricos que se encontram plasmados nas páginas 110 e 111 do manual. Depois, à semelhança das tarefas anteriores, os educandos deverão aplicar os seus conhecimentos através da realização dos exercícios propostos nestas mesmas páginas.

Anexo 10: Planificação de Matemática (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Estudo do Meio</p> <p>Aspectos Físicos do Meio (4º Ano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e observar fenómenos: <ul style="list-style-type: none"> ➤ de condensação (nuvens, nevoeiro, orvalho); ➤ de solidificação (neve, granizo, geada); ➤ de precipitação (chuva, neve, granizo). • Realizar experiências que representem fenómenos de: <ul style="list-style-type: none"> ➤ evaporação; ➤ condensação; ➤ solidificação; ➤ precipitação. • Compreender que a água das chuvas se infiltra no solo dando origem a lençóis de água. • Reconhecer nascentes e cursos de água. 	<p>Aspectos físicos do meio:</p> <p>Classificação de materiais: estado sólido, líquido e gasoso;</p> <p>Realizar experiências com a água;</p> <p>Princípio dos vasos condutores;</p> <p>Os efeitos da variação da temperatura sobre a água.</p>	<p>Manual do aluno (pp.93-96);</p> <p>Computador (Ferramenta digital <i>YouTube</i>);</p> <p>Copo de Vidro;</p> <p>Água;</p> <p>Três Guardanapos de folha grossa;</p> <p>Alguidar;</p> <p>Duas garrafas de plástico (1,5 L);</p> <p>Tubo de plástico transparente (50 cm);</p> <p>Tesoura;</p> <p>Plasticina;</p> <p>Panela;</p> <p>Copo graduado (1 L de capacidade);</p> <p>Caderno Diário ou Folha de Registos;</p> <p>Lápis;</p> <p>Borracha.</p>	<p>Indireta.</p>
Processos de Operacionalização				

Atividade de Laboratório: “Magia com a Água”

Neste contexto, à semelhança das sessões da semana anterior, os alunos continuarão a explorar a classificação dos materiais em sólidos, líquidos e gasosos. Importa ainda salientar que serão desenvolvidas algumas experiências com a água.

Neste sentido, a primeira tarefa consiste na colocação de um copo cheio de água até ao topo do rebordo do mesmo. De seguida, colocar-se-á um guardanapo de papel grosso a tapar o copo. Ao longo deste processo, os alunos deverão ter junto de si os seus cadernos diários ou blocos de notas, a fim de registarem os diferentes passos desta atividade experimental. No final da mesma deverão ainda inferir sobre aquilo que observaram e compreender o motivo pela qual a água não verteu do copo e, o motivo pelo qual o guardanapo não se desfez, nem deixou verter uma única gota de água para fora do copo. Há ainda a reforçar que a água vertida ou não do interior do copo se encontra sempre no estado líquido.

No entanto, o grupo deverá visualizar a mesma atividade, mas sem o resultado de sucesso que se pretende, para melhor compreenderem e explicarem o que aconteceu.

Atividade de Laboratório: “Reservatório de Água Caseiro”

Após o término da atividade anterior, a turma irá proceder a uma nova atividade experimental, baseada nos conteúdos e informações contidas na página 93 do manual. Em seguida, o docente deverá demonstrar os diferentes materiais que serão utilizados nesta mesma tarefa. Depois, os alunos deverão ter consigo uma grelha de observação e registos, onde devem tomar nota de todos os passos.

Em primeiro lugar, o grupo irá visualizar como funciona um reservatório de água, observando o processo de passagem da água, no estado líquido, de uma garra para a outra. Importa salientar que para que a atividade seja bem-sucedida, as garrafas devem estar fechadas e viradas para baixo.

Em segundo lugar, no final da atividade proposta, o grupo terá de reconhecer que a passagem de uma garrafa de água para a outra se deve ao facto de estarem unidas através de um vaso condutor, neste caso, o tubo de plástico transparente.

Por último, os alunos deverão elaborar uma exposição escrita e iconográfica (através de desenhos) de ambas as atividades realizadas nesta sessão.

Anexo 11: Planificação de Estudo do Meio (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Educação Artística Expressão Plástica	Desenho de Expressão Livre <ul style="list-style-type: none"> • Explorar as possibilidades técnicas de: dedos, paus, giz, lápis de cor, lápis de grafite, carvão, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis,...; utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras, diferentes texturas, diferentes cores. • Ilustrar de forma pessoal. • Inventar sequências de imagens com ou sem palavras. 	Descoberta e Organização Progressiva das Superfícies: Desenho de Expressão Livre.	Folha de papel branca A4; Lápis de cor; Lápis de cera; Canetas de feltro; Lápis de carvão; Esferográfica de tinta azul ou preta; Borracha; Corretor.	Indireta.

Processos de Operacionalização

Atividade: “Registo das Atividades Práticas e Experimentais”

Dando continuidade à área do Estudo do Meio, promovendo a interdisciplinaridade com a Expressão Plástica, o grupo poderá utilizar esta última aula para elaborar os desenhos solicitados no final das atividades experimentais. Assim sendo, os alunos deverão socorrer-se de uma folha de papel branca A4, bem como de diversos materiais de desenho e escrita. Note-se que esta tarefa não tem de ser concluída nesta sessão, mas deverá transitar como trabalho para casa, ou então, passar para uma aula do dia seguinte.

Anexo 12: Planificação de Expressão Plástica (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Educação Artística Expressão Físico-Motora <i>Dança</i>	<ul style="list-style-type: none"> Em situação de exploração individual do movimento, com ambiente musical adequado, a partir de movimentos dados pelo professor (e ou sugeridos pelos alunos), seguindo timbres diversificados e a marcação rítmica. Realizar equilíbrios associados à dinâmica dos movimentos, definindo uma «figura livre» (à sua escolha), durante cada pausa da música, da marcação ou outro sinal combinado. 	Atividades Rítmicas e Expressivas (Dança): Dança Livre individual e em grupo.	Computador (ferramenta digital <i>YouTube</i>).	Indireta.

Processos de Operacionalização

Atividade: “Vamos Dançar?”

Em primeiro lugar importa referir que esta sessão será elaborada e construída pelos discentes, tendo por base os seus conhecimentos, capacidades, aptidões, imaginação e criatividade. Neste sentido, dois alunos (escolhidos na sessão de Educação Artística de segunda-feira) deverão mostrar ao grupo duas coreografias que devem ser apresentadas e, conseqüentemente, reproduzidas pela turma.

Anexo 13: Planificação de Expressão Físico-Motora (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Educação Artística Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a concentração. • Trabalhar e desenvolver a audição. • Desenvolver a criatividade. 	O Som Sons Naturais e Artificiais. Sons do interior e sons do exterior.	-----	Indireta.

Processos de Operacionalização

Atividade: “Ouve os Sons da Natureza”

No contexto das efemérides que aconteceram no fim de semana, os alunos deverão estar atentos às instruções dadas por parte dos docentes. A primeira tarefa consiste em escutar alguns sons que se encontrem presentes na Natureza, quer no interior, quer no exterior da sala de aula. Para tornar a tarefa mais interessante, os alunos poderão fechar os olhos e deixar-se guiar pelas instruções do(s) docente(s). No entanto, para o sucesso desta tarefa, os alunos deverão estar concentrados e evitar fazer ruído. Já dentro da sala de aula, cada um terá que indicar pelo menos três sons que escutaram durante o exercício.

Anexo 14: Planificação de Expressão Musical (1.º CEB)

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Educação Artística Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> • Dramatizar uma obra já trabalhada; • Promover a criatividade e imaginação; • Desenvolver uma peça de teatro, tendo por base uma obra já lida e analisada; • Utilizar diferentes variações de voz; • Usar diferentes adereços. 	Peça de Teatro Dramatização (por grupos) da obra “O beijo da Palavrinha” de Mia Couto	Obra “O beijo da Palavrinha” de Mia Couto; Adereços.	Indireta.

Processos de Operacionalização

Atividade: “Dramatização da obra «O beijo da Palavrinha» de Mia Couto”

À semelhança da sessão do dia anterior, tendo ainda por base a obra “O beijo da palavrinha” de Mia Couto, alguns alunos (de preferência os que se voluntariarem), deverão proceder a uma leitura dramatizada e expressiva de todo o conto. No final, esta obra poderá ser utilizada como vínculo de promoção de uma dramatização mais coerente, a fim de criar ensaios e apresentação de uma peça teatral da mesma.

Anexo 15: Planificação de Expressão Dramática (1.º CEB)

Apêndices

Índice de Apêndices

Apêndice 1: PowerPoint da Atividade 1 “Vamos Abraçar Causas!”

Apêndice 2: PowerPoint da Atividade 2 “Constróis a Paz?”

Apêndice 3: Grelha de Observação (Atividade 1)

Apêndice 4: Grelha de Observação (Atividade 2)

Apêndice 5: Grelha de Observação (Atividade 3)

Apêndice 6: Ficha de Auto-Avaliação (Atividade 1)

Apêndice 7: Ficha de Auto-Avaliação (Atividade 2)

Apêndice 8: Ficha de Auto-Avaliação (Atividade 3)

Apêndice 9: Imagens utilizadas para a Atividade 2 “Constróis a Paz?” (consultado em 26 maio/2021)

Apêndice 10: Imagens usadas na Atividade 3 “Todos Diferentes, Todos Especiais!” (consultadas a 15 junho/2021)

Apêndice 11: Curta-metragem “Ouriço-Cacheiro, Igualdade e Amor” (Atividade 3)

Apêndice 12: Curta-metragem “Cuerdas” (Atividade 3)



“VAMOS ABRAÇAR CAUSAS!”

Pobreza e Desigualdades Sociais (RED)



André Filipe Afonso Gomes

Definição de Laço

Alguém conhece uma definição de laço?

- ▶ “Nó liso que, mais ou menos apertado, é fácil de desamarar”.
- ▶ “Armadilha utilizada na caça a animais de grande porte”.

Dicionário da Língua Portuguesa

Ao falarmos de laços com cores diferentes, qual é o significado desta palavra?

- ▶ “O laço simboliza a união, a felicidade, a energia, a força, a justiça, a fortuna, o divino”.

Dicionário de Símbolos

Laços Coloridos: Significados e Causas



AS CORES E AS DOENÇAS (PREVENÇÃO)







**“CONSTRÓIS
A PAZ?”**

A PAZ (RED)

André Filipe Afonso Gomes

DEFINIÇÃO DE PAZ

Conheces alguma definição ou conceito de PAZ?

“Do latim *PAX*, pode referir-se à ausência de violência ou guerra. Define um estado de calma e tranquilidade”.

(Dicionário da Língua Portuguesa)

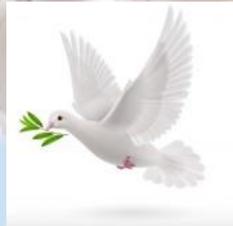


SÍMBOLOS DA PAZ

A POMBA BRANCA

“A Pomba branca é o símbolo universal da Paz. Além da Paz, simboliza pureza, simplicidade, harmonia, esperança e felicidade reencontrada.”

(Dicionário dos Símbolos)



LOGÓTIPO DA PAZ

“Criado por Gerald Herbert Holtom (1914-1985) para a Segunda Campanha do Pensamento, em 1958.”



(Dicionário dos Símbolos)



FRASE INSPIRADORA

“Não basta falar de Paz. É preciso acreditar nela. E não basta acreditar nela. É preciso trabalhar por ela.”

(Eleanor Roosevelt)

Cria agora a tua frase inspiradora!!!

Apêndice 3: Grelha de Observação (Atividade 1)

Atividade 1 “Vamos Abraçar Causas!”

Nº	Nome do Aluno	Compreendeu o conteúdo e o tema?			Percebeu a importância da atividade?			Participou ativamente na atividade?			Soube identificar o problema e indicar soluções?		
		Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não
1	A1												
2	A2												
3	A3												
4	A4												
5	A5												
6	A6												
7	A7												
8	A8												
9	A9												
10	A10												
11	A11												
12	A12												
13	A13												
14	A14												
15	A15												
16	A16												
17	A17												
18	A18												
19	A19												
20	A20												
21	A21												
22	A22												
23	A23												
24	A24												
25	A25												
26	A26												

Apêndice 4: Grelha de Observação (Atividade 2)

Atividade 2 “Constrói a Paz?”

Nº	Nome do Aluno	Compreendeu o conteúdo e o tema?			Percebeu a importância da atividade?			Participou ativamente na atividade?			Soube identificar o problema e indicar soluções?		
		Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não
1	A1												
2	A2												
3	A3												
4	A4												
5	A5												
6	A6												
7	A7												
8	A8												
9	A9												
10	A10												
11	A11												
12	A12												
13	A13												
14	A14												
15	A15												
16	A16												
17	A17												
18	A18												
19	A19												
20	A20												
21	A21												
22	A22												
23	A23												
24	A24												
25	A25												
26	A26												

Apêndice 5: Grelha de Observação (Atividade 3)

Atividade 3 “Todos Diferentes, Todos Especiais!”

Nº	Nome do Aluno	Compreendeu o conteúdo e o tema?			Percebeu a importância da atividade?			Participou ativamente na atividade?			Soube identificar o problema e indicar soluções?		
		Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não	Sim	Mais ou Menos	Não
1	A1												
2	A2												
3	A3												
4	A4												
5	A5												
6	A6												
7	A7												
8	A8												
9	A9												
10	A10												
11	A11												
12	A12												
13	A13												
14	A14												
15	A15												
16	A16												
17	A17												
18	A18												
19	A19												
20	A20												
21	A21												
22	A22												
23	A23												
24	A24												
25	A25												
26	A26												

Apêndice 6: Ficha de Auto-Avaliação (Atividade 1)

Faz a tua Auto-Avaliação.

PERGUNTA	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
1. Ainda me lembro da informação que foi dada?			
2. Já sei identificar diferentes cores de laços e associar a diferentes doenças?			
3. Ainda me recordo de quais as doenças que foram abordadas?			
4. Reconheço que no mundo existem dois extremos: a riqueza e a pobreza?			
5. Sou capaz de identificar os países onde existe maior riqueza e pobreza?			
6. Consigo perceber que as desigualdades sociais são negativas para os países mais desfavorecidos?			
7. Fui capaz de comparar as imagens que foram mostradas?			
8. Consigui criar um <i>slogan</i> para a prevenção das doenças que foram abordadas?			
9. Consegui criar um <i>slogan</i> para combater as desigualdades sociais e os extremos Riqueza versus Pobreza ?			
10. Compreendi a atividade que foi proposta?			
11. Fui capaz de medir, recortar e colar o laço?			
12. Soube associar a cor do laço à respetiva doença?			
13. Consegui criar um slogan que englobasse a doença e o combate às desigualdades sociais?			
14. Soube associar a atividade ao tema proposto?			
15. Participei ativamente na atividade proposta?			
16. Durante a tarefa tive alguma dificuldade na compreensão do tema ou na execução da mesma?			

Atividades “Constróis a Paz?”

Faz a tua Auto-Avaliação.

PERGUNTA	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
1. Ainda me lembro da informação que foi dada?			
2. Já sei identificar as diferenças entre os conceitos de guerra e de Paz?			
3. Ainda me recordo de quais as definições que foram dadas?			
4. Reconheço que no mundo existem países em constante clima de guerra?			
5. Sou capaz de identificar os países onde ainda hoje há muitas guerras?			
6. Consigo perceber quais as atitudes promotoras da Paz?			
7. Fui capaz de comparar as imagens que foram mostradas?			
8. Consigui criar uma frase inspiradora para a construção da Paz?			
9. Compreendi as atividade que foram propostas?			
10. Fui capaz de identificar as atitudes corretas e incorretas e colá-las nos respetivos smiles (verde e vermelho)?			
11. Soube associar as imagens aos dois conceitos e aos respetivos símbolos: guerra (espada) e pomba branca (Paz)?			
12. Sou capaz de identificar dois símbolos da Paz: a pomba branca e o logótipo da Paz?			
13. Soube associar as atividades ao tema proposto?			
14. Participei ativamente nas atividade propostas?			
15. Durante as tarefas tive alguma dificuldade na compreensão do tema ou na execução das mesmas?			

Atividades “Todos Diferentes, Todos Especiais?”

Faz a tua Auto-Avaliação.

PERGUNTA	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
1. Ainda me lembro da informação que foi dada?			
2. Sei identificar que o nosso planeta é constituído por vários continentes e oceanos?			
3. Ainda me recordo de quais as definições que foram dadas?			
4. Reconheço que no mundo existem problemas associados às diferenças e desigualdades raciais e culturais?			
5. Sou capaz de identificar diferentes tipos de animais, plantas, raças e bandeiras e, associá-las aos seus países?			
6. Consigo perceber quais as atitudes corretas para ajudar pessoas com necessidades especiais?			
7. Fui capaz de compreender a mensagem dos vídeos que foram mostrados?			
8. Consigui participar no debate de ideias, feito em grupo, sobre as situações apresentadas?			
9. Compreendi as atividades que foram propostas?			
10. Fui capaz de identificar as atitudes corretas e incorretas durante o visionamento dos vídeos?			
11. Soube associar as imagens aos respetivos cartazes e, no mapa, aos respetivos oceanos e/ou continentes?			
12. Sou capaz de indicar soluções para ajudar as pessoas que têm necessidades educativas especiais?			
13. Soube associar as atividades ao tema proposto?			
14. Participei ativamente nas atividade propostas?			
15. Durante as tarefas tive alguma dificuldade na compreensão do tema ou na execução das mesmas?			

Apêndice 9: Imagens utilizadas para a Atividade 2 “Constróis a Paz?” (consultado em 26 maio/2021)



Apêndice 10: Imagens usadas na Atividade 3 “Todos Diferentes, Todos Especiais!”

(consultadas a 15 junho/2021)



Apêndice 11: Curta-metragem “Ouriço-Cacheiro, Igualdade e Amor” (Atividade 3)



Apêndice 12: Curta-metragem “Cuerdas” (Atividade 3)

